

RICARDO ALVARENGA HIRATA

– O Rio da Alma –

**Contribuições do simbolismo religioso e da psicologia analítica
para uma reflexão sobre a crise ecológica no rio Tietê
(uma proposta da Ecologia Arquetípica)**

Mestrado em Ciências da Religião

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo - 2005

RICARDO ALVARENGA HIRATA

– O Rio da Alma –

**Contribuições do simbolismo religioso e da psicologia analítica
para uma reflexão sobre a crise ecológica no rio Tietê
(uma proposta da Ecologia Arquetípica)**

Dissertação apresentada à banca examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Ciências da Religião, sob a orientação
da Profª. Dra. Denise Gimenez Ramos.

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo - 2005

BANCA EXAMINADORA

Dedico este trabalho a:

José Massaru Hirata e

Amélia Alvarenga Hirata

(In Memoriam)

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo propor um referencial teórico das ciências da religião e da psicologia analítica para o estudo do impasse cultura – desenvolvimento econômico no âmbito da crise ecológica no rio Tietê, em São Paulo. A referida crise tomou proporções alarmantes na segunda metade do século XX, quando a poluição do rio atingiu trezentos e cinquenta quilômetros de extensão e a má qualidade da água provocava doenças infecto contagiosas, impossibilitando o seu uso até mesmo para a geração de energia elétrica.

Nossa hipótese é (1) que as causas da crise ecológica no rio Tietê não se encontram apenas na dimensão material, objetiva, mas também têm a ver com o distanciamento da relação do homem com o simbólico e o sagrado. E que, portanto, (2) a resolução desta crise também deve abranger a subjetividade humana.

Para constatar estas hipóteses, fizemos uso de pesquisa teórica e histórica da crise ecológica no rio, bem como do simbolismo religioso da água, do rio e do imaginário paulistano ligado ao rio ao longo da história da cidade. Levantou-se também as estratégias atuais que vêm sendo usadas para lidar com a crise. O referencial teórico que permeia a dissertação é uma interface do conceito de símbolo das obras de Ernst Cassirer, Mircea Eliade e Carl G. Jung.

Concluimos que as causas da crise ecológica no Tietê estão ligadas com a perda de significado do simbolismo da água e do rio, e que as estratégias para lidar com a mesma devem incluir a dimensão cultural, espiritual e psíquica. Entendemos que é necessário considerar a integração entre objetividade e subjetividade, entre desenvolvimento cultural e econômico, para se pensar a crise mencionada, a fim de elaborar propostas que busquem re-vitalizar o símbolo do rio e da água visando o fim da crise ecológica no rio.

ABSTRACT

This dissertation has as its objective to propose a theoretical referential of the religion sciences and the analytical psychology for studying the cultural - economical development impasse in the extent of the ecological crisis in the Tietê river, in São Paulo. This crisis took on alarming proportions in the second half of the XX century, when the river pollution reached the extension of three hundred and fifty kilometres and the low water quality has caused contagious diseases, disabling its use even for the electric power generation.

Our hypothesis is (1) that the causes of the ecological crisis in the river Tietê isn't only in the material and objective dimension, but also has to do with the estrangement of man's relationship with the symbolic and the sacred. And that, therefore, (2) the resolution of this crisis should also include human subjectivity.

To verify these hypotheses, we used theoretical and historical research of the ecological crisis in the river, as well as the religious symbolism of the river water, and the imaginary links between the citizens from São Paulo and the river along with the history of the city. It also raised the current strategies that have been used to manage the crisis. The theoretical referential that permeates the dissertation is an interface of the concept of symbolism of Ernst Cassirer's, Mircea Eliade and Carl G. Jung works.

We concluded that the causes of the ecological crisis in Tietê are linked with the loss of meaning of the symbolism of the water and of the river, and that the strategies to work with the same should include the cultural dimension, spiritual and psychic. It should be understood that it's necessary to consider the integration between objectivity and subjectivity, also cultural and economical development, to consider the mentioned crisis, in order to work out proposals looking to reverse-revitalize the symbol of the river and the water, putting an end to the ecological crisis in the Tietê river.

AGRADECIMENTOS

A jornada pessoal que me trouxe a realizar esta dissertação mostrou tantas sinuosidades, surpresas e transformações, tal como o meu próprio objeto de estudo. Inicialmente, então, praticante de meditação, busquei uma possível interlocução entre a psicologia analítica e a filosofia religiosa de P.R. Sarkar. Os diversos temas pelos quais me interessei passaram pelos arquétipos dos santos, o simbolismo das canções de Chico Buarque, o estudo da religiosidade na cultura brasileira até chegar ao rio Tietê. Nesse ponto, agradeço à minha orientadora, pela sugestão do objeto de estudo e a valiosa supervisão. O tema escolhido se revelou profundamente sincrônico com meu momento de vida. Durante este percurso, mudei de profissão, da odontologia para a psicologia, tornei-me professor universitário e, novamente, aluno de graduação. Fui em busca de minhas raízes familiares até encontrar o espírito de meus pais e, com eles, minha redenção.

Em meio à sofrida transição de não ser mais dentista, e ainda não ser outra coisa, minhas angústias apenas tiveram fim ao encontrar o amor e a ajuda de pessoas especiais: Neyde, minha tia; Iraci, minha mentora; Carmen, minha noiva; Andréa, minha irmã, Alê e Pedro; minha família e amigos. Aliado ao valioso crescimento da análise junguiana, fui, então, em busca de minha identidade profunda. Minha viagem me levou ao Instituto Jung de Zurique, onde encontrei meu mestre e seu legado, à sede da ONU, em Genebra, onde apreendi um modelo de alteridade para lidar com a crise ecológica da água e o sofrimento das pessoas no mundo, à constituição de uma casa, pois vivia em meu próprio consultório odontológico; e de volta, a mim mesmo. Vejo-me perto de onde parti, tendo visto, porém, todo meu mundo.

Sem poder esquecer, também perdi-me numa floresta selvagem, em Ubatuba. Por horas a fio sem encontrar uma saída, somente a água da chuva me resgatou quando estava entre um precipício e árvores cheias de espinhos. Ao dar de encontro com uma nascente de um rio bem em frente de meus olhos, pude vislumbrar que o caminho que a água percorre me levaria à saída. Cheguei em casa e soube da morte de minha avó

paterna. Um ano depois, seria a vez de seu marido. Fui novamente ao fundo, e lá encontrei e desencontrei minha família, suas dores e minhas dores quando da morte de meus pais. Sem saber como atravessar essas águas tão profundas a escuras, voltei à superfície e resolvi esperar.

Fui em busca de minhas origens, da mesma forma que procurei a história do rio. É incrível poder perceber o que aconteceu comigo no percurso desta dissertação, analisando o rio simbólico da psique paulistana versus o rio Tietê objetivo e mal cuidado. Nesta troca alquímica dentro-fora, só pude notar, próximo do fim, como eu também havia me transformado. Em mim, um rio sujo e poluído clareou e voltou a correr, purificado porque vivo. Da morte do odontólogo, profissão de meus pais, ressurgiram forças e ânimos que me levaram a prosseguir e a travar luta com este rio estagnado e poluído que pressionou minha alma por tanto tempo. Agradeço ao ambiente que me cercou – concreto ou não – casas, lugares, amigos, família, amores. A este amor que vem do olhar, da palavra, do beijo e do gesto, que vem das estrelas vistas da água, da natureza, da alma, do solo e do chão, do tutor, da mentora, da analista, do guru, do *Self*. Por fim, da vida, alma do mundo. Não posso dizer até onde este trabalho poderá ajudar aos paulistanos, ou ao Tietê, a reencontrarem o seu correr e sua despoluição. Mas estou certo que este milagre aconteceu em mim. Não tenho uma palavra que possa agradecer o suficiente a todos vocês, apenas meu muito obrigado.

Ninguém sabe nadar de fato antes de ter atravessado, sozinho, um rio largo e impetuoso, um braço de mar agitado. (...) o estranho vivente que um dia entrou no rio branco que corre dentro do rio visível, e que teve de se adaptar, sob a pena da morte, às suas águas extravagantes, abandonou qualquer domínio. Por meio deste novo nascimento, ei-lo exilado de verdade. Privado de casa. Morto sem sepultura. Intermediário. Anjo. Mensageiro. Traço de união. Para sempre expulso de todas as comunidades, mas um pouco, e levemente, em todas. (Serres, 1993)

E o Tietê deu a São Paulo tudo quanto possuía: o ouro das areias, a força das águas, a fertilidade das terras, a madeira das matas, os mitos do sertão. Despiu-se de todo encanto e de todo mistério; despoetizou-se e empobreceu por São Paulo e pelo Brasil.

Mello Nóbrega ¹

Estou deitado na praia; cintila azul o mar rebrilhante nos olhos sonhadores; ao longe flutuam ares ondulantes... e avançando, espumando, excitando, adormecendo, as ondas se quebram na praia... ou no ouvido? Não sei. Longe e perto se confundem; fora e dentro se interpenetram. Perto, cada vez mais perto, mais íntimo e familiar ressoa o bater das vagas; ora se quebram como pulso trovejante em minha testa, ora recobrem minha alma, a envolvem, a tragam, e ao mesmo tempo ela nada para o largo, como correnteza azulada. Sim, o mundo fora e o mundo dentro são uma coisa só.

Karl Joël ²

Não é o meio-ambiente que se vinga do homem, mas ele mesmo, sua própria natureza inconsciente.

R.A.H.

¹ Mello NÓBREGA, *História do rio Tietê*, p. 221.

² Karl JOEL, IN: Carl Gustav JUNG, *Símbolos da Transformação*, par. 500.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	001
I. OBJETIVOS E MÉTODOS	006
II. A CRISE ECOLÓGICA NO RIO TIETÊ	010
II. 1 Uma crise planetária	012
II. 1.1 A crise da água e a crise no rio	012
II. 1.2 O impasse cultura-desenvolvimento	015
II. 2 O rio Tietê e a crise ecológica	020
II. 2.1 O rio de São Paulo	020
II. 2.1.1 Aspectos geofísicos	022
II. 2.1.2 Aspectos históricos	025
II. 2.2 A devastação ecológica	030
II. 2.2.1 O ecossistema do Tietê à época da colonização	030
II. 2.2.2 A degradação ambiental	033
II. 3 O impasse por trás da crise	037
II. 3.1 Crescimento sem alma	038
II. 3.1.1 A retificação, as hidrelétricas e a expansão da metrópole	038
II. 3.1.2 Esgoto, especulação e enchentes	045
II. 3.2 As estratégias para lidar com a crise	047
II. 3.2.1 Os “projetos especiais” para o Tietê	047
II. 3.2.2 O Núcleo Pró-Tietê	049
II. 3.3 Subjetividade e conscientização ambiental	050
III. REFERENCIAL TEÓRICO	052
III. 1 O símbolo e o ser humano	054
III. 1.1 Cassirer, Eliade e Jung	056
III. 1.2 O <i>Homo Symbolicum</i> de Ernst Cassirer	057
III. 1.3 O simbólico em Mircea Eliade	061
III. 1.4 A psicologia analítica e o símbolo	066
III. 1.5 A interface dos conceitos	075

IV. O HOMO SYMBOLICUM, A ÁGUA E O RIO	077
IV. 1 O simbolismo da água	078
IV. 1.1 O simbolismo religioso	079
IV. 1.1.1 A água como fonte de vida	080
IV. 1.1.2 Morte e destrutividade	083
IV. 1.1.3 Meio de purificação e regenerabilidade	085
IV. 1.1.4 Entidades aquáticas	087
IV. 1.2 O componente <i>psicodinâmico</i>	088
IV. 2 O simbolismo do rio	093
IV. 2.1 O simbolismo religioso	093
IV. 2.2 O componente <i>psicodinâmico</i>	097
 V. O IMAGINÁRIO DO RIO TIETÊ	 100
V. 1 Imagens e símbolos do Tietê através dos tempos	100
V. 1.1 A toponímia do rio	101
V. 1.2 As entidades aquáticas	106
V. 1.3 O rio da vida	110
V. 1.4 Área de esportes e lazer	112
V. 1.5 As festas religiosas	116
V. 1.4 O rio da morte	121
V. 1.5 O suposto renascimento	125
 VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS. O RIO DA ALMA	 130
 CONCLUSÃO	 135
 APÊNDICE	 139
01 O ciclo simbólico da água	139
 BIBLIOGRAFIA	 142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DAS FIGURAS	148

MEDITAÇÃO SOBRE O TIETÊ³

*É noite. E tudo é noite. Deixo do arco admirável
Da Ponte das Bandeiras o rio
Murmura num banzeiro de água pesada e oliosa.
É noite e tudo é noite. Uma ronda de sombras,
Soturnas sombras, enchem de noite e tão vasta
O peito do rio, que é como si a noite fosse água,
Água noturna, noite líquida, afogando de apreensões
As altas torres do meu coração exausto. De repente
O óleo das águas recolhe em cheio luzes trêmulas,
É um susto. E num momento o rio
Esplende em luzes inumeráveis, lares, palácios e ruas,
Ruas, ruas, por onde os dinossauros caxingam
Agora, arranhas - céus valentes donde saltam
Os bichos blau e os punidores gatos verdes,
Em cântico, em prazeres, em trabalho e fábricas,
Luzes e glória. É a cidade... É a emaranhada forma
Humana corrupta da vida que muge e se aplaude.
E se aclama e se falsifica e se esconde. E deslumbra.
Mas é um momento só. Logo o rio escurece de novo,
Está negro. As águas oliosas e pesadas se aplacam
Num gemido. Flor. Tristeza que timbra um caminho de morte.
É noite. E tudo é noite. E o meu coração devastado
É um rumor de germes insalubres pela noite insone e humana.
Meu rio, meu Tietê, onde me levas?
Sarcástico rio que contradizes o curso das águas
E te afastas do mar e te adentra na terra dos homens,
Onde me queres levar?...
Por que me proíbes assim praias e mar, por que
Me impedes a fama das tempestades do Atlântico
E os lindos versos que falam em partir e nunca mais voltar?
Rio que fazes terra, húmus da terra, bicho da terra,
Me induzindo com a tua insistência turrone paulista
Para as tempestades humanas da vida, rio, meu rio!...*

³ Mário de ANDRADE, *Lira Paulistana* seguida de carro da miséria, p. 54-58.

INTRODUÇÃO

A continuidade da vida humana na Terra está ameaçada pela crise ecológica. O meio ambiente, de recursos limitados, mostrou-se incapaz de saciar a ambição e a vaidade humanas. Concomitantemente, os benefícios gerados com a exploração ambiental não são repartidos equitativamente, agravando a crise social. O abismo que separa ricos e pobres continua se aprofundando, ferindo cada vez mais nossa Mãe-Terra. Esta crise ecológica foi originada pelo homem moderno, sua visão de mundo e seus desejos antropocêntricos. Infelizmente, poucos são aqueles que ouvem e se mobilizam para a resolução desta problemática. As pessoas ainda valorizam o Ter acima do Ser. Criar uma grande voz que ressoe nesta dualidade, provocando uma harmonia entre os opostos é nossa meta principal neste século.

Só o acesso a um grau mais alto de consciência poderá operar uma transmutação profunda, uma *metanóia* em nossa compreensão da Natureza e de nós mesmos. Alcançar este grau de consciência exige, ao meu ver, um trabalho de transformação espiritual. (...) Penso que a busca de articular espiritualidade, natureza e política constitui um dos veios mais criativos e necessários para o momento em que vivemos.¹

Porém, como um câncer que cresce sem ser percebido, a crise ecológica é uma doença predominantemente inconsciente. Desenvolve-se no profundo sombrio da alma humana, onde as luzes da consciência permanecem sem alcance. Mesmo dispondo de tecnologia para gerar um ambiente de desenvolvimento sustentável, o mundo moderno, carente de amor, de *caritas* e de solidariedade, resiste em lutar contra esta patologia, esta doença da alma. O dilema Ter *versus* Ser abrange o campo da relação do homem com o transcendente, aquilo que está além da natureza física das coisas, além do ordinário. Portanto, não se poderia considerar ecologia sem espiritualidade. Não se trata de trocar Ter por Ser. Harmonizar a tensão entre estes opostos é o que poderia fechar o

¹ Nancy Mangabeira UNGER, *O Encantamento do Humano* – Ecologia e espiritualidade, p. 63-64.

abismo, curar a ferida contemporânea. É uma tarefa sagrada que está além da visão mecanicista, envolve *Logos* e *Eros*, Masculino e Feminino, mente e coração, almejando democracia e alteridade.

A crise ecológica tem dimensões muito maiores e mais complexas do que nos revela o senso comum. Acreditamos que um conceito mais amplo e mais holístico de ecologia pode desvelar conteúdos negligenciados pelo estudo ambiental.

Ou a ecologia é holística ou não é ecologia. (...) A ecologia holística é uma prática e um pensamento que incluem e relacionam todos os seres entre si e com o respectivo meio ambiente numa perspectiva do infinitamente pequeno das energias e das partículas elementares, do infinitamente grande dos espaços cósmicos, do infinitamente complexo da vida, do infinitamente profundo do coração humano e do infinitamente misterioso, anterior ao *big-bang*, oceano ilimitado de Energia do qual tudo promana (vácuo quântico, símbolo do Deus criador).²

Tal concepção de ecologia norteia a presente dissertação. Deste modo, estudar ecologia torna-se algo muito maior e complexo que o estudo das relações entre o homem e seu meio orgânico ou inorgânico, pois fundamenta a participação dos meios psíquico e espiritual.

O primeiro ano do século XXI não passou despercebido pelos habitantes de São Paulo. A crise no abastecimento de energia elétrica, os “apagões” e as estratégias de racionamento se avivam na memória quando recordamos a primeira grande crise nacional de energia elétrica da atualidade. No entanto, a crise energética trouxe à tona um problema maior, até então tratado com indiferença pelos setores públicos e pela população: a iminente crise da água³. À primeira vista, tal crise água-energia tem como causas a super exploração e a negligência com relação aos mananciais paulistanos; o crescente desperdício por parte da população e os vazamentos nas tubulações da rede de abastecimento; a problemática da falta de saneamento básico nas periferias da cidade; os resíduos químicos industriais e residenciais depositados em abundância no rio.

Porém, aprofundando essa reflexão até as raízes do *modus vivendi* dos habitantes da maior capital econômica e industrial brasileira, encontra-se outras importantes

² Leonardo BOFF, *Ecologia – Grito da Terra, Grito dos Pobres*, p. 72.

³ Cf. POLÍTICA ambiental é a melhor defesa dos mananciais, dizem técnicos. *O Estado de S.Paulo*, 07.06.2001.

constatações, tanto sócio-antropológicas como psicológicas. São Paulo se tornou a maior metrópole brasileira, e uma das maiores do mundo, mas seu povo e sua natureza continuam obedecendo a um mito, hoje patológico, onde o progresso econômico é imprescindível, infinito e indefinido.

Já de início, podemos constatar que os resultados atuais desta prática expansionista e mercantilista desmesurada obrigam esta mesma população a se defrontar com uma incômoda realidade. Incômoda, antes de tudo, por evidenciar o descaso, a irresponsabilidade, o despreparo e o desperdício que mexem com a “ferida narcísica” do paulistano, o qual, entretanto, se mostra puerilmente despreparado para lidar com a ganância, o egoísmo e a destrutividade. Incomoda também por evidenciar uma sociedade que se perdeu de suas raízes culturais. Onde surge a questão: Qual o sentido do progresso e do desenvolvimento econômico quando estão desligados da cultura de um povo?⁴

Falta de saneamento básico, poluição dos rios paulistas e seus mananciais, má distribuição da água, desperdício, conflitos de uso, subaproveitamento hidrelétrico, espoliação cultural e simbólica são sinais de uma crise muito maior que pode assolar a cidade de São Paulo. Não por acaso, este quadro se destaca no ano de 2003, nomeado o Ano Internacional da Água Doce pela Organização das Nações Unidas. O século XXI já é conhecido como o século em que a água vai custar mais caro que o petróleo⁵. E mais: sabe-se que a escassez de água é uma fonte poderosa de instabilidade social e política.

A sociedade se mostra impassível perante o distanciamento do homem em relação ao meio ambiente. Não só fisicamente, mas também sócio, cultural e espiritualmente. As festas religiosas das cidades “sagradas” ao longo do Tietê, por exemplo, também foram se afastando das águas poluídas, perdendo sua força e mesmo sua significação maior, qual seja, dar sentido e amparo à religiosidade da alma humana.

A sociedade se afastou da água.

Do ponto de vista administrativo, as políticas públicas de gestão e educação ambientais continuam a valorizar, sobretudo, a dimensão física, concreta e material da crise ecológica. A água só é “vista” quando se trata de gerar energia elétrica, saneamento básico, escoamento de esgotos ou abastecimento público. Mas a água é

⁴ Cf. Javier Pérez de CUÉLLAR (org.), *Nossa Diversidade Criadora*, 1997.

⁵ Cf. Timothy EGAN, Água, a mercadoria mais preciosa do século XXI, *The New York Times* IN: *O Estado de S.Paulo*, 27.08.2001.

mais do que isso. É antes de tudo um elemento que possibilita a existência de vida, seja em aspectos fisiológicos, psíquicos, culturais ou espirituais. Os projetos de recuperação e despoluição do rio Tietê não podem se limitar apenas aos aspectos físicos e concretos da crise ecológica. Tratamento de esgotos e resíduos poluentes, reestruturação dos canais de distribuição e de saneamento básico são importantíssimos, mas sozinhos não deixam de ser paliativos do problema como um todo. Estas são estratégias de ação que apenas levam em conta os efeitos, não agem na origem do problema. E assim, o almejado desenvolvimento sustentável torna-se impossível.

Se as memórias do rio selvagem e límpido dos indígenas e bandeirantes e do rio das lavouras e hidrelétricas fazem parte apenas de histórias “românticas” da colonização paulista, o rio retificado e assoreado do presente nos traz, ano a ano, a calamidade das enchentes, doenças e alagamentos. Como panorama geral, podemos percorrer os últimos anos da história do Tietê nos arquivos dos jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. De janeiro de 2001 a outubro de 2002⁶, por exemplo, os principais jornais paulistas publicaram inúmeras notícias sobre o rio Tietê, dentre elas, as mais expressivas abordam temas como: as enchentes e inundações, a problemática do tratamento de esgoto e do saneamento básico, as medidas relacionadas à prevenção das enchentes, a contaminação e habitação clandestina dos mananciais, a escassez de água nas represas, a falta e o racionamento de energia elétrica. Da leitura desses textos pode-se constatar, dentre outros aspectos, que uma importante vertente da problemática ecológica atual em São Paulo está circunscrita na tríade **lixo/esgoto – água – energia elétrica**.

Desde o tempo da colonização paulista, a mentalidade da metrópole esteve, predominantemente, voltada para a extração das riquezas e o máximo aproveitamento dos recursos naturais. Partindo do pau-brasil, passou pela cana-de-açúcar, os minérios preciosos e o café. Nos últimos setenta anos, entretanto, podemos notar um aumento no índice de destrutividade ambiental, hídrica e fluvial. A retificação dos rios, a construção das avenidas marginais, a incorporação das planícies aluviais à área urbanizada, a inversão do sentido do rio Pinheiros e os alagamentos para construção das hidrelétricas foram iniciativas tomadas com o mesmo espírito expansionista-mecantilista-mecanicista que desrespeitou a ordem e os ciclos naturais, bem como a biodiversidade e o direito de

⁶ Cf. arquivo digital Folha de S.Paulo, palavras chave: enchentes & Tietê, acesso em 15/10/2002.

<http://www1.uol.com.br/folha/arquivos/>; e <http://www.estadao.com.br/ext/ciencia/arquivo/arquivo.htm>

co-existência da natureza não-humana. Ainda pior, a poluição inviabilizou as práticas esportivas e de pesca ao longo dos rios, bem como expulsou as áreas de lazer das margens fluviais. Em outros casos, córregos e riachos foram canalizados, cobertos por grandes avenidas.

O rio Tietê, que já foi considerado a “alma da cidade” de São Paulo, palco do lazer, do esporte e das artes, hoje suscita repulsa, descaso e indiferença. O paulistano não sabe lidar com o crescente lixo e esgoto de sua atividade e termina por despejá-los no Tietê. Até que, recentemente, com um grande investimento de capital, foram iniciadas obras de despoluição e aprofundamento do leito do rio. O Tietê ganhou até uma semana comemorativa, a “Semana de Preservação do Rio Tietê”, e um dia de referência, 22 de setembro⁷. **“O Tietê é sinônimo de São Paulo”⁸**.

No entanto, acreditamos que tais medidas desconsideram a dimensão subjetiva, mais próxima dos “maus-hábitos” da população – despejo de lixo nas ruas, desperdício, contaminação dos córregos e mananciais. Em adição, as estratégias de implantação valorizam o uso de taxas, multas e racionamento de água, medidas que não educam, mas agredem. O problema ecológico do rio vai, portanto, além da profundidade do seu leito e do número de árvores nas suas margens, é um problema que exige uma contribuição multidisciplinar.

⁷ Promulgada pelo governador Geraldo Alckmin, pela Lei nº 11.273, em 2 de dezembro de 2002. **RIO TIETÊ, um símbolo paulista.** Geraldo ALCKMIN, O Tietê ajudou São Paulo a crescer, mas infelizmente se tornou vítima do crescimento desordenado, *Jornal da Tarde*, 22 de setembro de 2004.

⁸ **RIO TIETÊ, um símbolo paulista.** Geraldo ALCKMIN, O Tietê ajudou São Paulo a crescer, mas infelizmente se tornou vítima do crescimento desordenado, *Jornal da Tarde*, 22 de setembro de 2004.

Primeira Parte

OBJETIVOS E MÉTODOS

A crise ecológica no rio Tietê é um objeto de estudo complexo que vem sendo analisado sob diferentes abordagens teóricas. A imensa maioria dos estudos é de natureza tecno-científica⁹. São estudos sobre estações de tratamento de água, estratégias de aprofundamento do leito do rio, geração de energia elétrica, dentre outros. Concomitantemente, estudos das ciências econômicas buscam equacionar, matematicamente, os custos da poluição e os lucros gerados pelas indústrias e hidrelétricas. Já as ciências ambientais se preocupam com a preservação do meio ambiente e a educação ambiental. Por outro lado, as ciências sociais também trazem sua contribuição com o ponto de vista da sociologia urbana, urbanismo, a história do rio, etc. No entanto, mesmo este grande conjunto de reflexões e aplicações práticas não dá conta de tal problema.

Visto as condições ecológicas atuais do rio Tietê, são necessárias novas contribuições à questão. Identifica-se neste conjunto supra-citado uma grande lacuna no que diz respeito a estudos relacionados com a dinâmica simbólica¹⁰, cultural e psíquica da relação ser humano – rio Tietê. É justamente nesta falha que se propõe a inserção deste trabalho.

Como exemplo das indagações que despontam desta problemática, coloca-se: quais as contribuições das ciências da religião para a análise da referida crise? Qual a raiz da atual crise ecológica no rio Tietê (SP), sob o ponto de vista das ciências da religião? É possível adotar um modelo teórico que abranja as dimensões objetiva e subjetiva da problemática ecológica no rio Tietê? O estudo da função simbolizadora

⁹ Cf. www.ana.gov.br Acesso em: 22/10/03.

¹⁰ Consideramos o símbolo como unidade fundamental da psique humana, formado pelo encontro de conteúdos objetivos (dimensão material) e subjetivos (dimensão psíquica e espiritual).

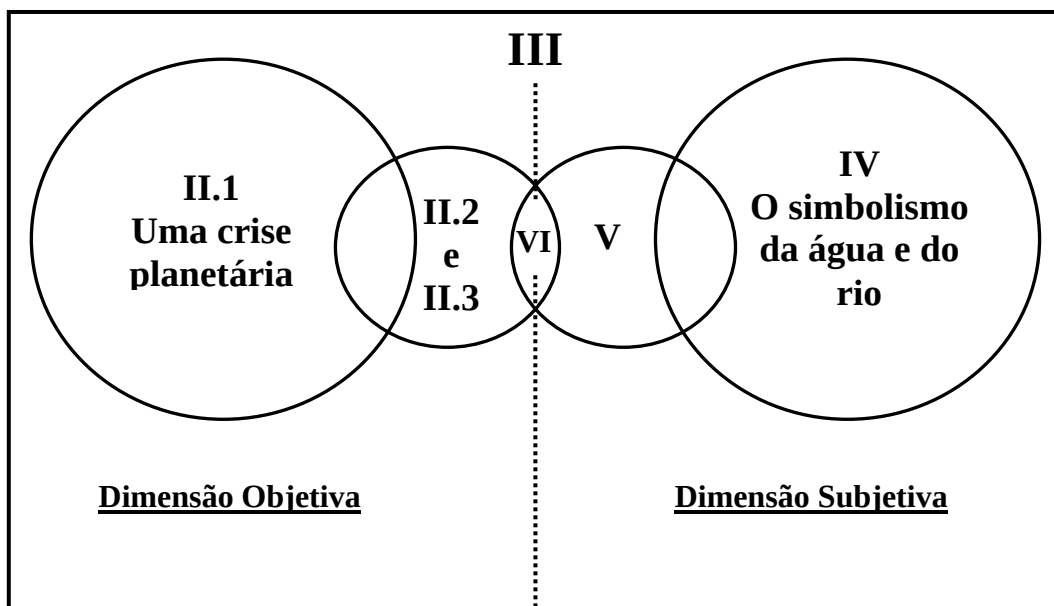
humana pode constituir tal modelo teórico? A psicologia analítica tem instrumentos de análise criativos para a referida questão?

Nossa questão central é: (1) as causas da crise ecológica no rio Tietê não se encontram apenas na dimensão material, objetiva, mas também têm a ver com o distanciamento da relação do homem com o simbólico e o sagrado. E, portanto, (2) o planejamento de estratégias que visem a resolução desta crise também deve abranger a subjetividade humana.

Como referencial teórico utilizamos as teorias de Cassirer, Eliade e Jung, para construir um prisma que tem no *símbolo* o fundamento necessário para integrar as dimensões objetiva e subjetiva, buscando a partir daí um terceiro elemento mais dialético e que tende a um posicionamento de alteridade.

Partimos deste panorama inicial procurando (1) propor uma perspectiva de análise mais integrada, que leve em conta as dimensões culturais, espirituais e psicológicas da crise ecológica no Tietê; (2) sugerir subsídios teóricos para estudos mais globais dessa problemática.

Para cobrir a proposta desta dissertação, dividiremos o corpo do texto em seis partes, quais sejam: (I) objetivos e métodos; (II) a crise ecológica no rio Tietê; (III) referencial teórico; (IV) o *Homo symbolicum*, a água e o rio; (V) o imaginário do rio; (VI) considerações finais. Porém, o emprego de um prisma teórico que abranja tanto a dimensão objetiva, como a subjetiva se mostrou de difícil organização metodológica. Dessa forma, propomos um esquema ilustrativo (v. esquema 01) que explicita o método e a disposição dos capítulos.



(Esquema 01)

Faremos uso do método dedutivo, partindo da crise da água e do impasse cultura-desenvolvimento no âmbito mundial (círculo de número II.1)¹¹ para o recorte dos mesmos no objeto de estudo – a crise ecológica no rio Tietê (círculo de números II.2 e II.3); posteriormente, utilizaremos o método da amplificação partindo do simbolismo religioso (círculo de número IV) para analisar o imaginário ligado ao rio Tietê (círculo de número V). Por fim, tecemos considerações acerca da intersecção destes universos (VI).

O corpo da dissertação iniciou pelos objetivos e métodos. Depois, descrevemos brevemente (II. 1) a crise da água no mundo e a ligação desta com o impasse cultura-desenvolvimento. Para isso foi realizada uma revisão bibliográfica básica enfocando as publicações da Organização das Nações Unidas.

Em (II. 2) apresentamos aspectos geofísicos e históricos do rio, e a devastação ecológica ocorrida; em seguida, (II.3) aprofundamos o impasse cultura – desenvolvimento econômico que está por trás da crise, as estratégias do governo atual para lidar com a crise, bem como a unilateralidade das mesmas. Neste ponto, uma nova revisão foi tecida com base nos livros históricos e geográficos do planalto paulista e dos rios de São Paulo, bem como nas cartas jesuíticas do século XVI.

Na terceira parte (III), apresentamos o conceito de *símbolo* nas teorias do *Homo symbolicum* em Ernst Cassirer; do sagrado e o profano em Mircea Eliade e da teoria

¹¹ Os números entre parênteses correspondem aos números dos capítulos apresentados no sumário.

arquetípica e analítica em Carl G. Jung. Foram utilizadas as obras de referência destes autores no que tange ao conceito de símbolo. Acreditando ser necessário considerar o símbolo dinamicamente, nas relações individuais e psicossociais, realizamos uma leitura do conceito de falácias simbólicas na obra de Edward Edinger. Dessa forma, construiu-se o prisma simbólico acima mencionado.

Isto posto, em (IV) abordamos o simbolismo da água e do rio fazendo uso de dicionários de símbolos, textos de Eliade, Girard, Jung e Bachelard. Em seguida (V), nos atemos ao simbolismo contido no imaginário referente ao Tietê e às águas de sua bacia. Para isso, contamos com estudos de etnonímia, mitos e lendas indígenas, folclore regional, textos dos jornais O Estado de S.Paulo e Folha de S.Paulo e da revista Isto é.

Por fim, em (VI) procuramos sintetizar o universo abordado utilizando o prisma teórico construído para tecer considerações acerca do relacionamento da crise ecológica no Tietê com o imaginário cultural, visando lançar bases de discussão para uma ecologia que não despreze a subjetividade nem a objetividade, mas integre-as.

Segunda Parte

A CRISE ECOLÓGICA NO RIO TIETÊ

Iniciamos esta parte pela definição de *crise ecológica* no Tietê. Evidenciada na presente condição do ecossistema do rio e na relação do paulistano com o rio e as águas de sua bacia hidrográfica, argumentamos que esta crise é uma das consequências do modelo de desenvolvimento adotado por São Paulo. Este modelo valorizou o desenvolvimento econômico em detrimento da cultura paulista, que tinha o Tietê como fonte de vida psicológica e espiritual, através da relação do homem com o sagrado, do símbolo do rio e de suas águas, ou do rio como área de lazer e esporte. Houve e ainda há, portanto, um *impasse* entre desenvolvimento humano e desenvolvimento econômico, o qual nomeamos *impasse cultura-desenvolvimento*. A fim de contribuir nas reflexões acerca deste *impasse*, apresentamos o modelo do ciclo simbólico da água (veja apêndice 01). Este, também orienta a linha de raciocínio do trabalho.

O Tietê passou de um símbolo “vivo”, a um signo “morto”, ou a um símbolo “sombrio”¹². O rio tornou-se um odiado depositário da sujeira e do esgoto da maior metrópole brasileira, tanto objetiva como subjetivamente (como veremos na evolução do imaginário ligado ao rio). **Logo, o conceito de *ecologia* aqui apresentado abrange a dimensão cultural e simbólica do humano, e não apenas a material ou objetiva.**

Nesta abordagem, o fato do governo estadual optar pela limpeza física do rio com o Projeto Tietê não garante o desenvolvimento humano¹³ e a resolução da crise. Este tipo de estratégia evidencia a dissociação de uma visão política que não leva em conta a subjetividade e a espiritualidade humana, nem sua capacidade, e necessidade, de

¹² Esta terminologia será melhor definida posteriormente..

¹³ Neste critério de *desenvolvimento humano* incluem-se: *liberdades* políticas, econômicas e sociais, vida *saudável, harmoniosa, e criativa*, educação e acesso ao patrimônio cognitivo mundial, ausência de desigualdades, direito de participação na vida cultural da comunidade, dentre outros. Cf. Javier Pérez de CUÉLLAR (org.), *Nossa Diversidade Criadora: relatório da comissão mundial de cultura e desenvolvimento*, p. 30.

simbolizar psicodinamicamente o meio em que vive. Nesta “lacuna” é que enquadraremos este trabalho.

No primeiro capítulo descrevemos: (II. 1.1) a crise da água no mundo, ainda que superficialmente; (II. 1.2) um retrato resumido do impasse cultura-desenvolvimento, que jaz nas raízes da mencionada crise; (Apêndice 01) a necessidade e a apresentação de um modelo teórico – o ciclo simbólico da água – que inclui a dimensão subjetiva, a fim de analisar a dissociação presente na crise. Ainda que estes tópicos sejam por demais extensos, optamos por incluí-los, de maneira resumida, para melhor contextualizar o objeto de estudo.

No segundo capítulo, descrevemos (II. 2.1) o rio Tietê dos pontos de vista geográfico e histórico, destacando sua contribuição para o desenvolvimento do Estado de São Paulo, e (II. 2.2) a devastação ecológica¹⁴ sofrida em decorrência do modelo de desenvolvimento assumido.

No terceiro, destacamos (III. 3.1) as obras públicas que aprofundaram o impasse cultura-desenvolvimento, a proposta (III. 3.2) atual do governo estadual para “limpar” o rio e (III. 3.3) a insuficiência desta proposta sob o prisma teórico adotado.

Dessa forma, estes três primeiros capítulos têm como objetivo: (1) apresentar o “pano de fundo” que permeia a crise ecológica no Tietê; (2) apontar a importância do rio para a metrópole; (3) retratar a crise ecológica no rio; (4) evidenciar a unilateralidade da estratégia do governo frente à crise; e (5) fornecer material imaginal para a argumentação nas partes seguintes da monografia.

¹⁴ A devastação subjetiva (simbólica) será melhor abordada no capítulo sobre o imaginário ligado ao rio.

Capítulo II.1

Uma crise planetária

Optamos por denominar a crise ecológica estudada como sendo **no** Tietê, e não **do** Tietê, uma vez que a mesma está inserida numa outra crise ecológica de abrangência planetária, a “crise da água doce”, que será superficialmente descrita neste capítulo. Consideramos a crise no Tietê como sendo uma faceta da crise mundial citada.

II. 1.1 A crise da água e a crise no rio

Segundo a Conferência Internacional sobre a Água (Paris, 1998): “(...) a crise da água é um dos nossos maiores desafios, sendo considerado o bem mais importante do século XXI¹⁵”. Não por coincidência, a Organização das Nações Unidas nomeou o ano de 2003 como o Ano Internacional da Água Doce¹⁶ e a década 2005-2015 como “A Década Internacional - Água para a Vida”. Nas palavras do diretor-geral da UNESCO (Organização Cultural, Científica e Educacional das Nações Unidas) – Koichiro Matsuura, por ocasião do dia internacional da água de 2000 (22 de março), este deverá ser o século em que “colocamos em movimento uma dinâmica para trazer segurança mundial em relação à água. (...) esta deveria ser a principal prioridade em todas as comunidades, indo do local para o global¹⁷”.

A água doce é um recurso limitado no planeta: apenas 2,5 por cento de toda água do mundo. Desta pequena quantia, menos de 1,0 por cento é adequada para uso¹⁸. Além disso, a água que precisamos ingerir diariamente não pode ser substituída por qualquer outro elemento da natureza. Existente em lagos, rios, reservatórios e lençóis freáticos, é regularmente renovada por chuva e neve. Caso a média de consumo mundial, em relação ao crescimento populacional, permanecer como a atual, duas em cada três

¹⁵ S. A. ANDRADE, – Considerações gerais sobre a problemática ambiental – IN EDUCAÇÃO Ambiental: curso básico a distância: questões ambientais: conceitos, história, problemas e alternativas. Coordenação-Geral: Ana Lúcia Tostes de Aquino Leite e Nana M. Medina, p.59.

¹⁶ Em inglês foi usado o termo *freshwater*. Maiores informações podem ser encontradas em: www.wateryear2003.org. Acesso realizado em 08/08/03.

¹⁷ http://www.unesco.org/science/waterday2000/unesco_statement.htm Acesso realizado em 08/08/03.

¹⁸ Jon INGLETON(ed.), *Freshwater Future*, p. 12

peças do planeta irão sofrer escassez moderada a severa de água doce, em pouco mais de duas décadas, a partir de 2023¹⁹. Atualmente, mais de dois milhões de crianças morrem a cada ano, no mundo, de doenças ligadas à água²⁰. Aproximadamente, um bilhão de pessoas no mundo permanece sem acesso à água potável, e a dois bilhões de pessoas é negado o acesso a saneamento básico adequado. Estima-se ainda que em 2015, aproximadamente 60 por cento da população mundial irá viver em cidades.²¹

Segundo G. Obasi, secretário-geral da Organização Meteorológica Mundial, mais de cinco milhões de pessoas morrem a cada ano de doenças provocadas pela ingestão de água imprópria, falta de saneamento básico e uso de água inadequada para a higiene. Ainda mais: quase a metade da população dos países em desenvolvimento sofre de doenças causadas, direta ou indiretamente, pelo consumo de água ou comida contaminada ou por doenças provocadas por vetores que se procriam na água, como, por exemplo, o mosquito da dengue. Com o suprimento adequado de água e saneamento básico, a incidência de morte e doença poderia cair setenta e cinco por cento²². Para o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, o principal problema ligado à crise da água é justamente uma crise de gestão, “essencialmente causada pelas formas como administramos a água²³”.

A água deixa de ser encarada como um recurso local e passa a fazer parte de uma estrutura estadual e federal. Sob uma ótica deformada, hoje ela é vista e sentida pela população mais como um problema do que como algo constitutivo de sua identidade; é encarada como um recurso natural a ser utilizado economicamente e não enquanto elemento de uma paisagem que se integra a uma cultura, que tem uma tradição e que é vital para a sobrevivência humana, animal e vegetal.²⁴

¹⁹ Kofi ANNAN(Secretário Geral da ONU), IN: Jon INGLETON (ed.), *Freshwater Future*, p. 03

²⁰ *Ibid.*, p. 04

²¹ Anna TIBAIJUKA(Diretora Executiva do programa HABITAT da ONU), IN: Jon INGLETON (ed.), *Freshwater Future*, p. 13

²² OBASI, Godwin IN: INGLETON, Jon (ed.) *Freshwater Future* England: Leicester, Tudor Rose 2003 Publicação Oficial da Organização das Nações Unidas (ONU) p. 12

²³ NOVAES, Washington *A água e a sociedade: ESPAÇO ABERTO O ESTADO DE S.PAULO*, 26 de março de 2004

²⁴ São Paulo (Estado). SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE; *A Água no Olhar da História*, pp. 19-20.

Dentre inúmeras conclusões, o relatório das Nações Unidas²⁵ (2003) sobre desenvolvimento mundial e as condições da água doce, defende que nos próximos anos os recursos de água irão declinar devido ao crescimento da população, à poluição, e às alterações climáticas previstas. Em outro relatório²⁶, é destacado que “pessoas que vivem com menos de 10 litros de água por dia nunca poderão deixar a condição de pobreza, para então alcançar um desenvolvimento sustentável²⁷”.

Segundo a publicação *Water for People, Water for Life*, de mais de 20 agências da ONU, que a Unesco levou ao Fórum Mundial da Água em Kyoto (março de 2003), “dois milhões de toneladas de lixo por dia vão para os rios no mundo, juntamente com a poluição industrial e química, os resíduos de fertilizantes e agrotóxicos e os esgotos humanos²⁸”. **Como consequência, em 2000, dois milhões e duzentos e treze mil crianças morreram por diarreias, esquistossomose e infecções intestinais.**

Em relação às Américas Central e do Sul, “mais de 20% da população não têm suas casas ligadas a redes de água; 65% não dispõem de redes de esgotos²⁹”. No Brasil, são mais de 80 bilhões de litros de água (rios e mar), por dia, poluídos por esgoto. Quase 10% das casas não estão nas redes de água, e quase 50% continuam fora das redes de esgotos³⁰.

Nos últimos dez anos, a contaminação das águas de rios, lagos e lagoas brasileiros aumentou cinco vezes. A principal fonte de contaminação é o despejo de material tóxico resultante de atividades agroindustriais e industriais, responsáveis por 90% do consumo de água. O despejo de esgotos urbanos e rurais vem em segundo lugar e os lixões, em terceiro. A conclusão está no relatório Estado Real das Águas no Brasil (2003-2004), realizado pela Defensoria da Água, que será apresentado na Conferência Mundial da Unctad, em Genebra, em outubro. (...) A contaminação das águas tem grave impacto sobre a saúde pública. Dados do relatório indicam que 89% das pessoas hospitalizadas

²⁵ Dados e citações foram encontrados em: www.wateryear2003.org. Acesso realizado em 08/08/03.

²⁶ Dados e citações foram encontrados em *No Water, No Future*: www.cgiar.org/iwmi/accra2002/NoWaterNoFuture.pdf. Acesso realizado em 08/08/03.

²⁷ *Ibid.*

²⁸ *Water for People, Water for Life* Organização das Nações Unidas, 2003. UNESCO-WWAP 2003 Barcelona: Berghahn Books. p. 10

²⁹ NOVAES, Washington *A água e a sociedade: ESPAÇO ABERTO O ESTADO DE S.PAULO*, 26 de março de 2004.

³⁰ *Ibid.*

são vítimas da falta de acesso a água de boa qualidade. ‘A água oferecida não é tratada adequadamente, tendo em vista a deficiência tecnológica das empresas responsáveis por esse serviço’.³¹

Em relação a São Paulo, “70% das doenças são de origem hídrica³²”. E um governador chegou a afirmar: “O maior problema de São Paulo é a água. A miséria e a fome são superáveis, mas, no fim da tarde, aparecem as inundações³³”.

II. 1.2 O impasse cultura-desenvolvimento

As diferentes sociedades humanas sempre se orientaram por um paradigma, como um norte magnético. Segundo a UNESCO, no período histórico em que vivemos, este “norte” é dado pelo desenvolvimento técnico-científico-capitalista, pela selvagem competição, pelo lucro, por um mercado mundializado e por uma lógica “predadora, inigualitária e contaminante, cujos efeitos são duramente sentidos pela maioria dos habitantes do planeta³⁴”. Essa condição de opressão levou os formadores de opinião da ONU a repensar a orientação que o progresso e o desenvolvimento devem seguir para que os homens realizem sua plenitude. Tais reflexões evidenciaram a necessidade da re-integração da cultura ao conceito de desenvolvimento, dissociados até então pelo paradigma vigente.

Cronologicamente, os textos da UNESCO vêm ampliando os conceitos de cultura e desenvolvimento³⁵. No México, em 1982, definiu-se:

- **Cultura** como o conjunto de características espirituais e materiais, intelectuais e emocionais que definem um grupo social. (...) engloba os

³¹ CONTAMINAÇÃO da água cresceu 5 vezes em 10 anos. *O Estado de S.Paulo*, 22 de setembro de 2004.

³² Mário Mantovani, diretor de Relações Internacionais e do Núcleo União Pró-Tietê da SOS Mata Atlântica. <http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias/2004/mar/22/65.htm> Livro conta vitórias na luta para salvar Rio Tietê. Acesso em 20/01/05.

³³ COVAS, Mário - governador licenciado (PSDB) Governo do Estado vai despoluir Rio Pinheiros. *O Estado de S.Paulo*, 21 de janeiro de 2001.

³⁴ Bahgat ELNADI, e Adel RIFAAT, *O Correio da UNESCO* Nov. 96 Ano 24 no. 11 p. 09.

³⁵ Baseado em: *Seminário "Políticas Culturais para o Desenvolvimento: uma base de dados para a Cultura"* (Recife - PE, 27 de agosto de 2002) Acesso realizado em 05/04/2003. http://www.unesco.org.br/noticias/discurso/Políticas_culturais.asp

modos de vida, os direitos fundamentais da pessoa, sistemas de valores, tradições e crenças;

- **Desenvolvimento** como um processo complexo, holístico e multidimensional, que vai além do crescimento econômico e integra todas as energias da comunidade (...) deve estar fundado no desejo de cada sociedade de expressar sua profunda identidade.

Na década de 90, foi criada a Comissão Mundial de Cultura, cujo principal relatório *Nossa Diversidade Criadora*, acrescenta que o desenvolvimento não tem que ser apenas sustentável, mas cultural. A partir dos anos 90, a UNESCO defende também a Diversidade Cultural em oposição às tendências de homogeneização trazidas pela globalização. E em 1998, na Conferência de Estocolmo sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento, afirmou-se que toda essa seqüência de definições se dá “num *crescendum* que vai imbricando cada vez mais, tornando cada vez mais indissociável [cultura e desenvolvimento] e, por fim, postulando até mesmo como determinante, o significado da Cultura no processo de Desenvolvimento³⁶”.

Com relação ao conceito de cultura, a visão de desenvolvimento estritamente econômico irá conceituá-la como “um instrumento da promoção do crescimento acelerado, ou um obstáculo a este³⁷”, sem nenhum papel fundamental. Ao contrário, “o papel da cultura deve ser considerado como um fim em si mesmo, que é o de conferir sentido à nossa existência³⁸”. E ainda, cultura não significaria “apenas um elemento do progresso material: ela é a finalidade ‘última’ do ‘desenvolvimento’ definido como florescimento da existência humana em seu conjunto e em todas as suas formas³⁹”.

Logo, além da relação com o crescimento econômico e a redução das desigualdades, o papel da cultura também engloba, para a UNESCO, a conservação do meio ambiente físico, a preservação dos valores da família, a proteção das instituições

³⁶ *Ibid.*

³⁷ Javier Pérez de CUÉLLAR (org.), *Nossa Diversidade Criadora: relatório da comissão mundial de cultura e desenvolvimento*, p. 31.

³⁸ *Ibid.*, p. 32. O grifo é nosso.

³⁹ *Ibid.*, p. 33.

civis da sociedade, etc. A cultura não deve ser aprendida como “um instrumento a serviço de outros fins, mas como a base social desses próprios fins⁴⁰”.

Da mesma forma, é também a cultura que define como as pessoas se relacionam com a natureza e com o meio ambiente físico, com a Terra e com o cosmos, e como expressam suas atitudes e suas opiniões sobre as formas de vida animal e vegetal. Nesse sentido, todas as formas de desenvolvimento - incluindo o desenvolvimento humano - são determinadas, em última análise, pelos fatores culturais.⁴¹

Dessa forma, acreditamos que é necessário analisar uma “nova” perspectiva desta crise ecológica que leve em conta a subjetividade humana e este conceito de *cultura* proposto pela ONU. É em busca deste outro referencial que escolhemos o prisma teórico da filosofia das formas simbólicas, da história da religião eliadiana e da psicologia analítica para enfocar o objeto de estudo⁴².

A seqüência dos próximos capítulos possui a seguinte disposição: (II. 2.1) os aspectos geológicos e históricos do rio Tietê; (II 2.2) as conseqüências ao ecossistema do rio frente ao modelo de desenvolvimento econômico adotado por São Paulo – a devastação ecológica; (II 3.1) o impasse cultura-desenvolvimento decorrente do modelo de desenvolvimento citado; (II 3.2) as medidas tomadas frente à crise ecológica instalada; (III) a perspectiva simbólica e espiritual; (IV e V) um princípio de entendimento da crise em relação a esta nova perspectiva.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 33.

⁴¹ *Ibid.*, p. 33.

⁴² Para clarear, e adequar, esta idéia ao percurso da dissertação tecemos uma crítica à noção amplamente conhecida e divulgada do ciclo hidrológico da água (veja apêndice 01).

Capítulo II.2

O rio Tietê e a crise ecológica

*Eu tenho medo... Meu coração está pequeno, é tanta
Essa demagogia, é tamanha,
Que eu tenho medo de abraçar os inimigos,
Em busca apenas dum sabor,
Em busca de um olhar,
Um sabor, um olhar, uma certeza...
É noite...Rio! Meu rio! Meu Tietê!*

Mário de Andrade⁴³

A região metropolitana de São Paulo possui cerca de 8.000 km² e uma população de 17,5 milhões de habitantes (ver fig. 1 e 2). A condição geológica e os acontecimentos históricos ligados ao rio Tietê possuem grande importância no expressivo desenvolvimento econômico desta metrópole. Além de ter sido determinante na escolha do local para a fundação da vila jesuítica e no estabelecimento definitivo dos portugueses na entrada do sertão, o rio como meio de locomoção, suas águas, seus animais e seu potencial hidrelétrico foram fundamentais para viabilizar o enriquecimento da cidade. Importa aqui retratar a condição ecológica que existiu no rio, para podermos compará-la, posteriormente, com o atual estado de degradação.

II. 2.1 O rio de São Paulo

O rio Tietê é o maior rio do Estado de São Paulo e cruza-o, de leste a oeste, num total aproximado de 1.136 quilômetros. Recebe, neste percurso, cerca de 30 afluentes, desaguardo no rio Paraná com extenso volume, indo de 150 a 300 metros de largura. Contrariando a regra geral, este rio nasce próximo ao mar e corre para o interior do

⁴³ “Meditação sobre o Tietê” Mário de Andrade iniciou o poema em 30 de novembro de 1944 e finalizou-o em 12 de fevereiro de 1945, treze anos antes de sua morte. Op. Cit.

Estado. Nasce em Salesópolis, a 22 Km da costa, e deságua no rio Paraná, na divisa de São Paulo com Mato Grosso do Sul. Esta característica o tornou um importante aliado na colonização brasileira.

O historiador Leonardo Arroyo⁴⁴, citando uma série de publicações históricas inéditas até 1954, existentes nos arquivos de Portugal e Espanha, situa o Tietê como elemento fundamental na realização do contato dos habitantes do planalto com o interior, desde a época dos indígenas. O rio também serviu como fixador de populações ao longo de seu vale, mais tarde vilas e cidades, tais como: Mogi das Cruzes, Itaquaquecetuba, Guarulhos, São Paulo, Osasco, Barueri, Santana de Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus, Cabreúva, Salto, Itu, Porto Feliz, Tietê e Anhembi. Importante também, para Arroyo, foram as funções de amalgamador de etnias e culturas e agente de confraternização cultural, particularmente no período das Monções.

A nascente do Tietê é uma atração turística e está localizada no Parque da Nascente do Rio Tietê, na Estância Turística de Salesópolis. Deste ponto até as proximidades da cidade de Mogi das Cruzes o rio é limpo e cristalino. A partir daí, o rio recebe uma grande carga de resíduos industriais e domésticos, atingindo o maior grau de poluição ao longo da cidade de São Paulo. Após deixar a capital, o rio é despoluído por processos naturais, como a ação de bactérias e acidentes geográficos, por exemplo, quedas d'água⁴⁵. O rio fica limpo novamente a partir de Barra Bonita, depois de percorrer trezentos e cinquenta quilômetros, e segue assim até sua foz, no Rio Paraná.

Poucos são os estudos, ou obras literárias, escritos sobre o rio Tietê. Na década de 70, Leonardo Arroyo prefaciando o livro de Mello Nóbrega, aponta: “Não será muito grande o número de estudos sobre o rio Tietê. Se os há em número suficiente, porém, constituem-se na soma de pequenos ensaios, geralmente, integrados por artigos de jornal, de revistas, páginas avulsas, poesias⁴⁶”. Embora Arroyo, que pertenceu à Academia Paulista de Letras, tenha atribuído tal escassez de bibliografia tietean a dificuldade de interpretação dos textos históricos, acreditamos que o Tietê foi pouco procurado pelos autores por ser um rio desprezado pelos paulistas. Hipótese que ficará mais clara no decorrer da leitura.

⁴⁴ Mello NÓBREGA, *História do rio Tietê*, p. 17.

⁴⁵ http://www.sabesp.com.br/sabesp_ensina/intermediario/tiete/default.htm. Acesso em 10/05/04.

⁴⁶ Mello NÓBREGA, *História do rio Tietê*, p. 14.

II. 2.1.1 Aspectos geofísicos

Para se estudar o rio Tietê, o mesmo é dividido em quatro partes: Alto Tietê, Médio Tietê superior, Médio Tietê inferior, e Baixo Tietê⁴⁷. O Alto Tietê vai das nascentes até a cidade de Pirapora do Bom Jesus, com aproximadamente 250Km de extensão e 350m de desnível. O Médio Tietê superior vai da cidade de Pirapora do Bom Jesus à cidade de Laras, tem 260Km de extensão e 218m de desnível. O Médio Tietê inferior vai da cidade de Laras até a corredeira de Laje. E, por fim, o Baixo Tietê vai da corredeira de Laje até a foz no rio Paraná, com 240km de extensão e 98m desnível.

Outra classificação leva em conta as bacias hidrográficas do rio⁴⁸. Ao longo do Rio Tietê, de leste para oeste, formam-se seis bacias hidrográficas: a do Alto Tietê, do Médio Tietê, do Piracicaba/Jundiaí, do Tietê/Jacaré, do Tietê/Batalha e a do Baixo Tietê. A cidade de São Paulo e outros 33 municípios da Região Metropolitana, que tem um total de 39 municípios, faz parte da bacia do Alto Tietê, a mais poluída. Nesse trecho, o rio Tietê tem diversos afluentes, como os rios Pinheiros, Tamanduateí, Cotia e Juqueri (figs. 03 e 04).

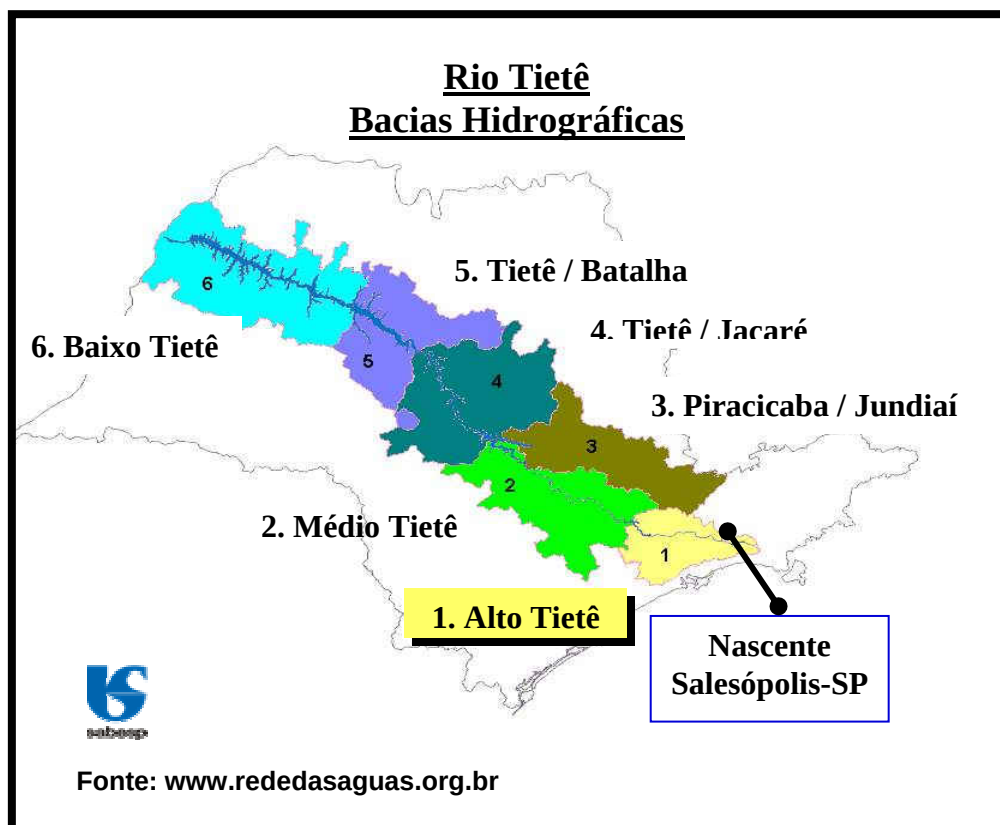
A geografia pertinente ao rio Tietê está intimamente ligada à do Planalto Paulista. Na região da nascente deste rio, a altitude média é de 800 metros, e o assentamento da bacia sobre um “velho bloco de planalto levantado” faz com que seus rios corram para o interior. Da nascente à foz, o Tietê atravessa um relevo que varia de 1600, no Planalto Atlântico, a 200 metros em altitude no Planalto Ocidental. Em adição, as diversas formações rochosas que formam seu leito datam de até 350 milhões de anos. No entanto, geologicamente, o Tietê é um rio novo - 12 milhões de anos, aproximadamente⁴⁹.

⁴⁷ Baseado em: <http://www.riotiete.com.br/riotiete.htm>. Acesso em 10/08/04.

⁴⁸ Bacia hidrográfica é o conjunto de áreas drenadas por um rio e seus afluentes, os outros rios que deságuam no principal. Acesso realizado em: 08/05/04.Cf.

http://www.sabesp.com.br/o_que_fazemos/projetos_especiais/projeto_tiete/percurso.htm#a.

⁴⁹ Baseado em: <http://www.riotiete.com.br/riotiete.htm>. Acesso em 10/08/04.



(Fig. 03 – Bacias hidrográficas do Tietê)



(Fig. 04 – Bacia do Alto Tietê)

O Tietê nasce na Fazenda Nascente do Tietê, na Serra do Mar, a 1030 metros de altitude e a 12 Km de Salesópolis-SP. Como atravessa, inicialmente, o Planalto Atlântico, onde coexistem formações antigas de rochas muito resistentes do Embasamento Cristalino (granitos, gnaisses e quartzitos) e rochas mais moles (xistos, filistos e calcário), o traçado sinuoso do rio foi sendo conformado de forma peculiar. “O leito do Tietê se acomodou em vales entalhados em encostas abruptas, corredeiras e cachoeiras⁵⁰”. Estas informações são válidas para se compreender a impressão que o rio causou aos colonizadores e viajantes monçoeiros – “*répulsive*” e, ao mesmo tempo, “*attractif*”⁵¹.

Ao adentrar a Bacia Sedimentar de São Paulo, o Tietê encontra áreas extremamente planas - os fundos de vale chamados várzeas aluvionares, os *campos*. A formação destes campos está ligada ao Tietê, uma vez que foram sendo preenchidos por sedimentos trazidos pelo Tietê e seus afluentes – “sedimentos que chegam, em alguns lugares, a atingir 300 metros de espessura⁵²”. Esta região é conhecida como Alto Tietê.

Passando a Bacia Sedimentar de São Paulo, o rio atravessa novamente as rochas duras do Embasamento Cristalino, “entalhando *canyons* e corredeiras ou formando inesperadas cachoeiras nos granitos e gnaisses⁵³”.

Através do estudo geológico e geomorfológico é possível identificar certos relacionamentos entre o Tietê e o Planalto Paulista, bem como, dentre tantas, possíveis razões do expressivo desenvolvimento econômico do Estado de São Paulo. Destacam-se⁵⁴: (1) a qualidade dos mananciais hídricos, que abastecem um grande número de cidades paulistas; (2) o basalto presente em sua bacia, que através do intemperismo e da sua decomposição, resultou na terra roxa, famosa pela fertilidade dos cafezais paulistas; (3) utilização de placas do Embasamento Cristalino para revestimento, blocos para calçamento e brita, materiais importantes para a construção da cidade de São Paulo. “Ainda para a construção, os depósitos de argila, nas margens do rio recobertas por água nos períodos das enchentes, proporcionaram a matéria-prima para a confecção

⁵⁰ _____ *O Livro do Rio Tietê* São Paulo: Estúdio Ro 1991 p. 34.

⁵¹ Leonardo ARROYO, *Relação do Rio Tietê*, p. 11.

⁵² _____ *O Livro do Rio Tietê* São Paulo: Estúdio Ro 1991 p. 36.

⁵³ *Ibid.*, p. 39.

⁵⁴ Baseado em : *Ibid.*, pp. 46-50.

de tijolos, telhas, cerâmicas e outros utensílios de barro⁵⁵; (4) as corredeiras, cachoeiras e formações rochosas são também pólos de atrações turísticas; (5) geração de energia hídrica nas várias represas ao longo do Tietê e também no rio Paraná.

Com relação às potencialidades hidrelétricas do Tietê, em 1901, com a inauguração da companhia canadense Light and Power, construiu-se a primeira grande hidrelétrica paulista, em Santana do Parnaíba. Esta mesma companhia também foi a responsável pela polêmica inversão do curso do rio Pinheiros e represamento das águas na represa Billings, para a exploração energética da queda de mais de 700 metros da serra do mar. A partir daí, as hidrelétricas se multiplicaram, com a finalidade de abastecer o maior pólo de desenvolvimento econômico do país.

Em 1990, a potência instalada pela CESP (Companhia Energética de São Paulo S.A.) atingiu 8.649 MW, produzindo através de 19 usinas hidrelétricas instaladas no Estado, correspondendo a 88% de toda a energia elétrica gerada em São Paulo e a 28% do país.⁵⁶

Assim, fica claro que, por si só, a formação geofísica ligada ao Tietê apresentou uma condição especial para o desenvolvimento que ocorreu em São Paulo. Estes aspectos associam-se aos históricos para retratar um quadro geral da importância do Tietê para a metrópole e o Estado.

II. 2.1.2 Aspectos históricos

Era o primeiro curso volumoso de água que o estrangeiro encontrava ao penetrar de São Vicente no Paranaíacaba em direção ao sertão. Na visão de Afonso d'E. Taunay, o rio Tietê é o principal caminho responsável pelas expansões das fronteiras brasileiras: “no conjunto das vias de penetração do Brasil selvagem e desconhecido, nenhuma tem a significação histórica que, sequer de longe, se aproxime da que empresta ao Tietê tão notável realce⁵⁷”.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 48.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 145.

⁵⁷ Mello NÓBREGA, *História do rio Tietê*, p. 57.

Outro grande caminho da colonização brasileira foi o do Tietê: de suas margens partiu o movimento conquistador de todo o Sul, do Centro e do Oeste, ondulando-se, propagando-se seus efeitos por todo o sertão do Norte e do extremo Norte, em ajuda propícia e indispensável à irradiação dos criadores.⁵⁸

Ainda que a corte portuguesa tenha visado, sobretudo, a extração da matéria-prima e das riquezas do Brasil, o Tietê favoreceu o movimento contrário. Levou imigrantes e alimentos às pedras e minerais preciosos de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, principalmente no século XVIII. De modo geral, os rios paulistas integraram o litoral ao interior, e não o interior com a Europa.

O desenvolvimento econômico de São Paulo teria sido inexpressivo, comparativamente, se não existisse o rio Tietê. Além de fornecer alimento, água e orientação espacial para as expedições dos bandeirantes, transporte e alimento para as monções do século XVIII, o Tietê forneceu a água e a energia necessárias para as lavouras paulistas, via de transporte para a exportação do ouro de Mato Grosso e da produção agrícola e, mais recentemente, a energia hidrelétrica.

Foi no setecentismo, após o declínio do bandeirismo, que o rio Tietê foi mais utilizado como via de transporte de colonizadores. Foi o período das monções (fig. 05). Impulsionadas pelo ouro cuiabano e a política de expansão colonial, as monções eram viagens fluviais periódicas e sistematizadas de famílias inteiras que iam se estabelecer em Cuiabá: “pelas águas barrentas do Tietê circulou a vida inteira da Capitania na centúria de setecentos⁵⁹”. Partiam de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araraitaguaba, atual Porto Feliz. O rio era considerado “repulsivo” e “atrativo”, de “natureza selvagem” e difícil navegação, pleno de cachoeiras, itaipavas (“série de rochas em meio a uma corrente de água que antecede uma catarata⁶⁰”) e corredeiras. Os números variavam entre 75 e 160 acidentes geográficos, dependendo dos níveis das

⁵⁸ Basílio de MAGALHÃES, *Expansão geográfica do Brasil até fins do século XVIII* IN: Mello NÓBREGA, *op. cit.*, p. 43.

⁵⁹ Mello NÓBREGA, *op. cit.*, p. 18.

⁶⁰ Dicionário Houaiss (versão eletrônica 1.0, em CD-ROM, - Dezembro de 2001 Copyright 2001 Instituto Antônio Houaiss Produzido e Distribuído por Editora Objetiva Ltda.

águas. Custódio de Sá e Faria ao descrever o Tietê, afirmou “bem se pode dizer que todo ele é uma contínua cachoeira⁶¹”.

A viagem até Cuiabá constituía uma “gigantesca jornada”, uma aventura onde, não raro, perdiam-se homens e embarcações. A navegação pelo Tietê só foi possível pelo encontro do tecnicismo português com a sabedoria da tradição indígena, originando uma navegação única e exclusiva. Nestes tempos, Araraitaguaba se tornou uma verdadeira vila de espírito talássico, devido às suas matas ricas em matérias-primas para a fabricação de canoas, armazéns e porto. Quando declinou o Ciclo das Monções (séc. XVIII), irrompendo o ciclo do Muar, o mesmo aconteceu a Porto Feliz. “Em 1809 chegava a Cuiabá com suas canoas talvez um dos últimos comerciantes a conduzir cargas pelo rio⁶²”.

O primeiro impulso para o desenvolvimento agrícola do estado foi dado pela cultura da cana-de-açúcar. Vizinha à cultura de subsistências dos povoados que habitavam as margens do Tietê, a lavoura açucareira se desenvolveu rapidamente, principalmente no século XVIII, aliada a uma série de fatores locais.

As terras férteis, os trechos navegáveis do rio atuando como via de escoamento da produção, o comércio que as monções haviam propiciado com os núcleos de mineração, as condições econômicas e sociais e, ainda, as medidas governamentais favoráveis ao comércio exterior e à valorização do porto de Santos, fizeram com que os engenhos do Médio Tietê se expandissem continuamente, por toda a região, a partir de meados do Século XVIII. Em pouco tempo a lavoura açucareira tornou-se o motor da economia paulista, e com ela floresceram as cidades da região.⁶³

Seguindo-se ao declínio dos canaviais, o café, nos meados do século XIX se tornou o principal produto de exportação do país. A cultura cafeeira trouxe novo fôlego à economia paulista, e novamente a presença do rio Tietê se mostrou crucial. Enfim, em 1929, com a crise do café, os fazendeiros adaptaram suas terras à policultura, que não era tão lucrativa.

⁶¹ Mello NÓBREGA, *op. cit.*, p. 20.

⁶² Leonardo ARROYO, IN: Mello NÓBREGA, *op. cit.*, p. 22.

⁶³ _____ *O Livro do Rio Tietê*, p. 84.

O Estado de São Paulo, por volta de 1890, seria o centro produtor mais importante do mundo. Para o vale do Tietê, isso representou uma das bases de sua expansão econômica e das transformações que viriam em todos os aspectos da vida de suas cidades: o café desenvolveria as estradas de ferro, traria os colonos estrangeiros, o lucro dos cafezais seria investido na modernização de grandes latifúndios e provocaria mudanças nos hábitos dos moradores.⁶⁴

Mas o progresso não veio incólume à biodiversidade da região do Tietê. Do cultivo da cana-de-açúcar, do café e da policultura, pouco restou depois do desmatamento, que cobriu quase a totalidade do estado (fig. 06).



(fig. 06 – o desmatamento em São Paulo)

⁶⁴ _____ *O Livro do Rio Tietê*, p. 86.

II. 2.2 A devastação ecológica

Uma vez que entendemos a crise ecológica como uma problemática complexa, que envolve duas dimensões, uma material e outra cultural/espiritual, optamos por dividir a descrição da devastação ecológica em duas vertentes: objetiva e subjetiva. Aqui descreveremos a vertente objetiva; a opressão cultural/espiritual será apresentada no capítulo referente ao imaginário do rio.

II 2.2.1 O ecossistema do Tietê à época da colonização

Em 1560, Anchieta registrou em carta a seu supervisor geral a presença dos amplos campos, “espaçosos e abertos”, que enfeitavam a Piratininga da época. Os *campos* referem-se às margens dos rios Pinheiros e Tietê, sobretudo deste último⁶⁵. São férteis áreas de aluvião que enchiam de água nas épocas de chuva e cheia dos rios. Os campos caracterizavam a região. E seu papel de fonte de alimento e área descampada que facilitava a habitação favoreceu tanto o estabelecimento de índios como da população portuguesa.

Mas em Piratininga (que fica no interior, engalanada de campos espaçosos e abertos), (...) de tal modo se houve a natureza que quando o dia é mais abrasador com o ardor do sol (cujas maior força é de novembro a março) vem a chuva trazer-lhe refrigério. (...) Em nenhum tempo do ano param as chuvas, e, de quatro em quatro, de três em três ou até de dois em dois dias, se alterna a chuva com o sol. **Contudo há anos em que se fecha o céu e não chove, de forma que, não pela força do calor que nunca é excessivo, mas por falta d'água, secam os campos que nos dão os costumados frutos: algumas vezes chove demais e apodrecem as raízes de que nos alimentamos.** Os trovões ribomboam com tal estampido que causam muito medo mas raro caem raios, e é tanto fulgor dos relâmpagos que deslumbram e obscurecem a vista e parecem disputar o esplendor de sua luz, e acompanham-se de violentas e furiosas ventanias, às vezes tão impetuosas, que altas horas da noite nos vemos forçados a recorrer à oração contra os perigos das tempestades e até a sair de casa para escapar à ameaça dela cair. Com os trovões tremem as casas, caem as árvores e tudo se conturba.⁶⁶

⁶⁵ Benedito A. PREZIA, *Os indígenas do planalto paulista*. Nas crônicas quinhentista e seiscentistas, p. 123.

⁶⁶ ANCHIETA, *Cartas*. Correspondência ativa e passiva, pp. 127-8. *O grifo é nosso*.

As conhecidas enchentes dos rios também estavam presentes na época de Anchieta, ainda que de maneira e formato muito distintos. Não por causa da poluição, mas pelo próprio relevo do planalto paulista, as cheias dos rios sempre existiram, e com elas os campos férteis que o conteúdo aluvial depositava em suas margens.

No inverno, o frio é intenso. O mesmo Anchieta, ao relatar as dificuldades enfrentadas pelos missionários, refere-se às baixas temperaturas da região: onde já por vezes se acharam índios mortos de frio e assim acontecia muitas vezes, ao menos aos princípios, a maior parte da noite não poder [os padres] dormir de frio nos matos por falta de roupa e de fogo, porque nem calça nem sapatos havia, e assim andavam as pernas queimadas das geadas e chuvas mui grossas e contínuas, **e com isto grandes enchentes de rios.**⁶⁷

(...) mas no inverno (...) acabam as chuvas, e a força do frio toma-se mais aguda em junho, julho e agosto, tempo que vimos com freqüência as geadas espalhadas pelos campos crestarem quase toda árvore e erva, e a superfície da água coberta de gelo. **Então os rios descem e baixam até o fundo, de maneira que com as mãos se costuma apanhar entre as ervas grande quantidade de peixe.**⁶⁸

É notória a presença de alimento e de condições melhores de vidas proporcionadas pela presença dos rios e dos campos de Piratininga. Assim se conclui das cartas jesuíticas de 1550, que relatam a mudança dos jesuítas de São Vicente para Piratininga. Abaixo, trecho da carta do P. Manuel da Nóbrega para o padre Miguel de Torres, Provincial da Companhia de Jesus em Portugal, em 02 de setembro de 1557.

Também me parece que se devia dizer a Martim Afonso e a Sua Alteza que, se quer que haquela Capitania se nam despovoe de todo, que dem liberdade aos homeins pêra que os do Campo se ajuntem todos juntos no **Rio de Piratininga**⁶⁹ omde elles escolherem, e os

⁶⁷ ANCHIETA, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*, p. 323. *O grifo é nosso.*

⁶⁸ ANCHIETA, *Cartas*. Correspondência ativa e passiva, pp. 128. *O grifo é nosso.*

⁶⁹ “O rio grande, isto é, o Rio Anhembi ou Tietê, e que Nóbrega mais abaixo chama Rio de Piratininga”. Serafim LEITE (Org.), *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil II (1553-1558)*, p. 15-16. Prado Jr. também acredita que tal rio citado na carta seria o Tietê: “Este rio a que se refere o jesuíta só

do mar se ajuntem também todos juntos omde melhor for, por estarem mais fortes, porque a causa de despovoarem hé fazerem-nos viver na Vila de Santo André à Borda do Campo, omde nam tem mais que farinha e nam se podem ajudar do peixe do rio porque está três legoas dahi, nem vivem em parte conveniente pêra suas criações, e **se os deixassem chegar ao rio teriam tudo e aosegariam.**⁷⁰

Nesta carta, fica evidente a desvantagem de Santo André por não possuir um rio nas suas proximidades. A presença do Tietê se tornou, portanto, um pólo atrator vital para o estabelecimento do colégio, vila e, posteriormente, província. Em adição, São Paulo foi fundada no centro hidrográfico da região. Deste, “irradiam em quase todas as direções, ou pelo menos as principais, estas vias naturais de comunicação, que são os cursos de água⁷¹”. Com relação a tal centro hidrográfico, Prado Jr. aponta:

Embora não se trate de rios muito favoráveis à navegação ainda assim eles representam a melhor e mais utilizada via de comunicação. Não só para as grandes expedições de reconhecimento e exploração do interior, as entradas e bandeiras, mas também, e é isto o principal, para o intercâmbio das populações que se estabelecem no planalto. E é para gozar das vantagens destes caminhos naturais e de fácil acesso que o povoamento procura no início, de preferência e quase exclusivamente, a margem dos rios. Partindo de São Paulo, o povoamento do planalto começa por seguir duas direções, ambas pelo Tietê: uma rio acima, outra rio abaixo.⁷²

Mediante pesquisa histórica e etnonímica, Benedito Preziosi⁷³ defende que os jesuítas utilizavam o Tietê para alcançar Piratininga, São Miguel, e outras aldeias tupis do interior. A predominância dos índios que habitavam o planalto à época da

pode ser o Tietê, que corria nas proximidades do núcleo dos padres. E tudo leva a crer que Nóbrega interpretava o sentir geral dos moradores de Santo André. Tanto assim que a transferência ordenada por Mem de Sá não suscitou por parte deles oposição alguma de vulto, e tudo se passou na maior harmonia possível.” PRADO Jr., Caio. *A Cidade de São Paulo*, p. 19.

⁷⁰ Serafim LEITE (Org.), *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil II (1553-1558)*, p. 414-15. O grifo é nosso.

⁷¹ Caio PRADO Jr., *A Cidade de São Paulo*, p. 20.

⁷² Caio PRADO Jr., *A Cidade de São Paulo*, p. 21.

⁷³ Benedito A. PREZIO, *Os indígenas do planalto paulista*, p. 148.

colonização era de língua *tupi*⁷⁴. “Disto testemunharam os jesuítas e outros europeus que ali viveram ou passaram pela região em meados do século XVI⁷⁵”.

II. 2.2.2 A degradação ambiental

O lançamento de substâncias tóxicas nos rios de São Paulo não é uma prática recente. Os próprios índios já contaminavam as águas destes rios com o objetivo da pesca. Ainda que não fosse tão freqüente a ponto de poluir e contaminar as águas dos rios, a colocação de timbó ou tingui na água matava os peixes por envenenamento. “(...) o envenenamento das águas com os timbós ou tinguis, cascas da “erva maravilhosa” a que se referiu Fernão Cardim, tão forte que nos rios onde se botava não ficava peixe vivo⁷⁶. As águas chegavam a ficar escuras⁷⁷”.

A grande presença de pinheiros araucárias e seus frutos, os pinhões, também é descrita pelos cronistas quinhentistas e seiscentistas. Tais frutos foram a base alimentar de povos coletores do sudeste. Cardim, no final do século XVI, já anotava que “é tanta a abundância [das araucárias] que grande parte dos índios do sertão se sustentam com pinhões⁷⁸”. “Desde o início da ocupação portuguesa do planalto, estas árvores foram alvos de ação predatória, tanto que os camaristas de São Paulo decidiram ‘que ningen corte pinheiros sen lic^a da camará com pena de quinhentos reis pa. o conselho’⁷⁹”.

⁷⁴ Segundo Prezias, os principais grupos indígenas que habitavam o planalto paulista à época da colonização eram os Guaianá (marrecão), do tronco macro-Jê, e descendentes dos Kaingang; os Maromomi, ou *tapuias*, também do tronco macro-jê; os Tupis e os Guaranis. Ao longo do Tietê, destacavam-se do Tupi, principalmente no planalto e no Médio Tietê. Mais próximo do Baixo Tietê estavam os *Carijó do Anhembi*. Na bacia do Paranapanema estavam os Guaranis. E na região do Paraíba, os Tamoios/Tupinambá. Cf. PREZIA, Benedito A. *Os indígenas do planalto paulista: nas crônicas quinhentistas e seiscentistas*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. p. 171-195. A descrição sobre os grupos que habitavam esta região ainda é controversa. Porém, aptamos por seguir, neste estudos as atuais colocações etnolingüísticas de Prezias. Para John Monteiro, devido à escravização, no século XVII havia em São Paulo: para 194 homens Guarani/Carijó, 66 Guaianã/Guaianá e 17 Maromomi/Guarulho. E para 242 mulheres Guarani/Cario, 59 Guaianã/Guaianá e 21 Maromomi/Guarulho. John MONTEIRO, *Negros da Terra*, p. 84.

⁷⁵ Benedito A. PREZIA, *op. cit.*, p. 138.

⁷⁶ Fernão CARDIM, *Tratados da terra e gente do Brasil*, p. 68. IN: Ernani Silva BRUNO, *História e tradições da cidade de São Paulo*, p. 258.

⁷⁷ Robert SOUTHEY, *História do Brasil, I*, pág. 455. IN: Ernani Silva BRUNO, *História e tradições da cidade de São Paulo*, p. 258.

⁷⁸ Benedito A. PREZIA, *op. cit.*, p. 131.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 131.

Com relação à vegetação, esta cobria 80% de todo o atual Estado de São Paulo⁸⁰, numa extensão de 190.000 km². As várzeas dos rios também sofreram o mesmo impacto ambiental, devido à comercialização da área pública e a construção de ruas e avenidas. Atualmente, estão quase todas destruídas, restando poucos trechos originais e poucos animais. A importância da conservação das várzeas passou a ser conhecida mais recentemente: são tanques de acomodação das águas pluviais; retêm carbono, reduzindo a produção de gás carbônico; são vitais para a reprodução de peixes; constituem residência privilegiada das aves; “e absorvem e filtram poluentes que, liberados, degradam lagos, rios e reservatórios⁸¹”.

As extensas várzeas do vale do Tietê apresentavam grande diversidade biológica. Como são áreas que ficam periodicamente alagadas, as espécies que nelas viviam precisavam estar entre aquelas que se locomovem adequadamente tanto dentro como fora da água. Entre elas havia animais carnívoros, como o mão-pelada e o gato-mourisco, que se alimentavam basicamente de anfíbios, peixes, insetos e aves aquáticas; animais como a capivara e o cervo-do-pantanal, que se alimentavam de folhas, frutos e vegetais aquáticos; e répteis, como a sucuri, a surucudo-pantanal e a jararacuçu-do-brejo.⁸²

Enquanto isso, nas regiões do médio e baixo Tietê, a principal degradação do ecossistema do rio foi provocada pela (1) invasão das matas ciliares pelas culturas de cana e café; (2) a crescente ocupação do solo e (3) a destruição, ou substituição, das formações vegetais primitivas por pastagens e agricultura. Com relação à fauna e à vegetação silvestre, houve uma grande redução nas espécies de animais que habitavam a região. A vegetação original da bacia do Tietê era bastante variada: “o rio nasce no meio da flora vigorosa da Mata Atlântica e, no seu trajeto original, cruzava florestas latifoliadas tropicais semidecíduas, matas ciliares e várzeas, além de trechos de cerrados e cerradões⁸³”.

⁸⁰ “A descrição feita por Mamede da Rocha do Baixo Tietê, trecho final do rio, depois de sua participação na expedição organizada pela Comissão Geográfica e Geológica de 1905, é um relato precioso sobre a vegetação exuberante que podia ser então encontrada”. Para uma descrição pormenorizada das espécies encontradas, ver: *O Livro do Rio Tietê*, pp. 54-60.

⁸¹ ADORNO, Vicente. *Tietê: uma promessa de futuro para as águas do passado*, p. 13.

⁸² _____ *O Livro do Rio Tietê*, p. 60.

⁸³ *Ibid.*, p. 56.

Pela necessidade de energia elétrica, diversas barragens foram construídas ao longo do Tietê, e o mesmo se tornou uma “sucessão de reservatórios”⁸⁴. Estas construções também alteraram grandemente o ecossistema, não só pelo alagamento de matas e campos, mas pela transformação de um ambiente de águas correntes e encachoeiradas em águas semi-paradas. “(...) a ocupação das margens ainda é feita de maneira imprevidente, com o lançamento de dejetos orgânicos e químicos nas águas, consumindo o oxigênio nelas dissolvido, aumentando a poluição e provocando riscos de envenenamento”⁸⁵.

A devastação ecológica na região do Tietê ficou crítica a partir do século XX, mas no XVIII, com a exploração da agricultura canavieira e o desmatamento das margens do rio, o ecossistema do rio já se mostrava ameaçado. Embora o nível de poluição tenha ultrapassado o limite de oxigênio zero por volta de 1960, já no começo do século XIX realizava-se esta prática que deixava o ar infestado e a água contaminada. As várzeas dos rios paulistanos já serviam de depósito do lixo e de animais mortos: “(...) alguns pontos da várzea do Tamanduateí – sobretudo a zona do Carmo, freqüentemente encharcada – continuaram servindo para os despejos de uma grande parte do lixo da cidade”⁸⁶. Também era depósito de lixo o sulco profundo do Anhangabaú, nas proximidades do córrego e da ponte do Açu⁸⁷.

Na época da fundação de São Paulo diversos rios e córregos cruzavam o planalto. Destes, muitos foram canalizados, retificados, desviados ou extintos⁸⁸.

No início do século XX, a população de São Paulo apresentou uma “explosão” demográfica, com índice de crescimento anual da ordem de 14%⁸⁹. Em **1900** eram 239.820 habitantes; em **1940**, 1.326.261; em **1970**, 5.924.615; e em **1996**, 9.839.436. Logicamente, a cidade cresceu junto com a degradação ambiental do Tietê, depósito do esgoto e os resíduos industriais. Infelizmente, a construção de infra-estrutura para coleta e tratamento de tanto esgoto produzido não acompanhou o ritmo de crescimento populacional e industrial. Em 2001, a contaminação das águas somada à falta de chuva e

⁸⁴ *Ibid.*, p. 150.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 150.

⁸⁶ Ernani Silva BRUNO, *História e tradições da cidade de São Paulo*, p. 166.

⁸⁷ Ernani Silva BRUNO, *História e tradições da cidade de São Paulo*, p. 198.

⁸⁸ Ver mapa da ver. VEJA SÃO PAULO n.45.

⁸⁹ Dados do IBGE IN: Vicente ADORNO, *op. cit.*, p. 42.

à demanda de energia elétrica resultou na primeira grande crise moderna de energia do país – o famoso “apagão”.

Já no final de 1990, apenas 24% dos habitantes da RMSP tinham seu esgoto tratado e a represa Billings era progressivamente contaminada. Esse estado limita o aproveitamento da água, tanto para ingestão, como para a geração de energia elétrica.

Capítulo II.3

O impasse por trás da crise

Um desenvolvimento divorciado do contexto humano ou cultural é um mero crescimento sem alma, enquanto que um desenvolvimento econômico equilibrado participa da cultura de um povo.

Javier Pérez Cuéllar⁹⁰

Tendo em vista a definição de *crise ecológica* adotada, a problemática no Tietê resume-se não só em poluição, sobreuso e desperdício da água de sua bacia, falta de comprometimento com relação à implementação de saneamento básico, crise de energia e de abastecimento e degradação dos mananciais, como, também, na inviabilidade dos esportes, da área de lazer, do convívio nos feriados e das festas religiosas⁹¹. Emocionalmente, está refletida no descaso e até repulsa, ou ódio, dos habitantes de São Paulo em relação ao rio. *São Paulo cresceu “forte” e rica, mas deixou o rio e as águas para trás.*

O modelo de desenvolvimento adotado por São Paulo, principalmente no século XX, sobrevalorizou o desenvolvimento econômico, em detrimento da ligação cultural do paulistano com o rio e suas águas. Neste capítulo, aprofundamos a análise do impasse entre cultura e desenvolvimento econômico, retratando-o nas ações governamentais e nas grandes obras de engenharia que transformaram definitivamente a paisagem natural e anímica do Tietê para o paulistano.

⁹⁰ Ex-secretário geral da ONU, presidente da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento (1993-95) IN: O CORREIO DA UNESCO Nov. 96 Ano 24 no. 11.

⁹¹ Como será visto no capítulo V.1.

II. 3.1 Crescimento sem alma

Ao longo do século XX, diversas ações foram implementadas na bacia do alto Tietê. Basicamente, os objetivos eram: acabar com os focos de poluição e os insetos vetores presentes nas várzeas; mercantilizar essas áreas com a venda do terreno; retificar e aprofundar o leito do rio; e gerar energia hidrelétrica. “O mercantilismo do espaço público e o urbanismo rodoviarista se impuseram em detrimento da busca da qualidade para o ambiente urbano e para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes da cidade⁹²”.

Desde as primeiras décadas do século XX, o Tietê e seus afluentes foram atulhados de esgotos industriais e urbanos. Em 1955, a prefeitura paulistana interligou toda a rede de esgotos da capital, agravando a situação. “Os dejetos de toda a indústria local passaram a ser despejados sem critério algum no Tietê⁹³”.

O impasse atingiu tamanho grau de destrutividade, que culminou na iniciativa pública e privada de limpar fisicamente o Tietê, o Projeto Tietê. As inundações, até este ano de 2005 eram um “pesadelo”, e os rios “inchados” de esgoto, uma ameaça permanente⁹⁴. Ao final deste capítulo, advogamos que estes projetos, embora fundamentais, ainda descartam a subjetividade cultural e o desenvolvimento humano.

II. 3.1.1 A retificação, as hidrelétricas e a expansão da metrópole

O professor Alexandre Delijaicov, arquiteto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, considera o crescimento de São Paulo na primeira metade do século XX um “caos projetado” (fig. 07).

Naquele tempo a cidade vivia uma problemática inevitável, se levarmos em consideração seu contingente populacional e o relevo do planalto. Seus principais aspectos eram: (1) a inundação das várzeas; (2) a falta de infra-estrutura de coleta de lixo e esgoto, ou seja, de saneamento básico; (3) a grande proliferação de agentes vetores, como os mosquitos da febre amarela e da dengue; e (4) o incrível mau cheiro do ar. Não existia (e até hoje a metrópole luta neste sentido) uma infra-estrutura que

⁹² Vicente ADORNO, *op. cit.*, p. 39.

⁹³ Vicente ADORNO, *op. cit.*, p. 49.

⁹⁴ Cf. Vicente ADORNO, *op. cit.*, p. 50.

tornasse a cidade sadia, limpa e habitável. Não havia condições adequadas de vida para a população e seu ecossistema, seja ele aquático, terrestre ou atmosférico.

Nem só como fonte de prazer vivia o Tietê. Desde sempre, sua convivência com a cidade foi marcada por um problema cíclico, o das chuvas de verão, quando o rio invariavelmente invadia as áreas vizinhas. Nessa época, as várzeas se transformavam numa vasta e mal-cheirosa lagoa, e as águas quase estagnadas pela diminuição da velocidade tornavam-se focos transmissores das doenças causadas pela grande proliferação dos insetos ali existentes.⁹⁵

Essas planícies aluviais sempre foram inundadas pelas chuvas de verão. Deixando o seu leito normal, o rio ocupava literalmente a planície ribeirinha, transformando essa porção da cidade em vasta e mal-cheirosa lagoa⁹⁶, além de ser um criadouro de mosquitos. “A febre amarela teve, ali, um foco permanente de expansão, de que o surto epidêmico de 1889 foi uma prova dolorosa⁹⁷”.

Em 1903 já faziam parte da cidade os “espessos depósitos de lodo em fermentação, exalando mau cheiro e cobertos de moscas e pernilongos, que daí eram atirados para o centro da cidade ou para os diversos arrabaldes, conforme a direção dos ventos reinantes⁹⁸”, como atestou um dos fiscais dos rios do município. Para ajudar a diluir o lixo lançado no Tietê seria preciso até mesmo utilizar as águas do rio Pinheiros. No relatório deste fiscal fica clara a opção das autoridades em descarregar o esgoto na planície aluvial do rio, em lugar de construir túneis paralelos de encaminhamento dos dejetos aos locais de tratamento. Estratégia já implementada na época por outros países, como Viena e Paris, e defendida por engenheiros e sanitaristas brasileiros. Porém, ainda nessa época do início do século XX, a cidade ainda não havia se expandido tanto a ponto de chegar às margens do rio. E logo, a “poluição e a contaminação não haviam

⁹⁵ _____ *O Livro do Rio Tietê*, p. 122.

⁹⁶ Aroldo de AZEVEDO, *A cidade de São Paulo*, p. 55.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 55

⁹⁸ Vicente ADORNO, *op. cit.*, p. 40

comprometido totalmente o rio”, que ainda permanecia “um lugar pitoresco e aprazível⁹⁹”.

As obras de retificação realizadas no Tietê e no Tamanduateí visaram (1) evitar as consequências das enchentes e (2) propiciar a urbanização das várzeas. Já as obras realizadas no rio Pinheiros tiveram como objetivo o máximo aproveitamento hidráulico de suas águas. Em 1930, com o Plano de Avenidas, as várzeas do rio foram ocupadas de maneira intensa e desorganizada. Essa medida, somada à falta da coleta de esgotos e o descaso com o despejo de lixo e resíduos no rio, favoreceu a intensificação das descargas poluidoras pelas indústrias, o que agravou definitivamente a situação sanitária.

Essa dupla condição de poluição e contaminação pôde ser comprovada até pelas pessoas comuns já a partir dos anos 40, quando a água do Tietê, utilizada na irrigação de hortaliças e plantas ornamentais, no dizer dos habitantes das margens do rio, começou a apresentar a indesejável propriedade, antes não verificada, de “queimar” essas espécies vegetais. As consequências desse progressivo envenenamento das águas do rio atingiriam também os seres humanos, como por exemplo o conhecido esportista João Havelange - mais tarde, de 1974 a 1998, presidente do órgão mais poderoso do futebol no mundo, a FIFA -, que integrou as equipes de natação do Floresta de São Paulo e do Fluminense do Rio de Janeiro. Três vezes vencedor da tradicional **Travessia de São Paulo a Nado** (em 1935/36/43), Havelange voltou a nadar pela última vez no Tietê em 1948, quando o rio já estava contaminado, e apanhou tifo negro - o que o obrigou a ficar dois anos num hospital. A doença nele se manifestou de forma tão forte que Havelange perdeu 30 quilos e teve até de reaprender a andar.¹⁰⁰

Com relação ao Tietê, os primeiros estudos para lidar com as inundações datam de 1892, com a nomeação da *Comissão de Saneamento*. Em 1926, uma comissão chefiada pelo Eng.º Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, apresentou um projeto de levantamento da várzea, de Guarulhos até Osasco, e de retificação do Tietê, que diminuiria 20 km de seu curso. A crise econômica de 1929 e as revoluções de 1930 e

⁹⁹ *Ibid.*, p. 40.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 40

1932 paralisaram as obras¹⁰¹. Quando reiniciadas, duas extensas avenidas marginais foram construídas no lugar das várzeas, e 20 pontes de concreto armado comunicariam os dois lados do rio (fig. 08). Esse projeto viabilizou definitivamente a ocupação “por loteamentos e logradouros públicos, além da instalação de um grande terminal ferroviário que centralizaria as comunicações com a capital¹⁰²”. Para Adorno, tal processo de “mercantilagem” das várzeas do Tietê desencadeou uma ocupação territorial, demográfica e industrial sem controle. Para o jornalista, o Tietê foi sendo sufocado pelo suposto “progresso”, trazido pelo aterramento, loteamento e venda do leito maior do rio.¹⁰³

A urbanização, a canalização e a retificação dos rios da cidade não foram suficientes para solucionar o problema das enchentes e nem do saneamento. Até recentemente tais problemas vinham se agravando. “A urbanização reduziu a área de absorção das chuvas e aumentou a velocidade do leito já bastante engrossado pelos dejetos nele despejados¹⁰⁴”. Os trabalhos prosseguem com a ampliação das marginais e a canalização dos afluentes urbanos do rio. Para o professor Almeida Rocha, o Tietê chegou em pouco tempo a uma situação de “inadimplência ambiental¹⁰⁵”.

O Tietê, porém, praticamente morto em seu trecho urbano, vem perdendo seu vínculo afetivo com os moradores, matando a fauna que o habitava e tornando-se um elemento nocivo ao meio ambiente, enquanto aguarda sua recuperação pela cidade.¹⁰⁶

Nesta pequena retrospectiva fica clara a opção governamental de sobrevalorizar os interesses econômicos em detrimento de um aproveitamento mais racional e planejado do Tietê. “Foram eles [os interesses econômicos] que impediram a melhor opção, ou seja, a viabilização de um passeio público ao longo da orla fluvial, desenhada

¹⁰¹ Aroldo de AZEVEDO, *op. cit.*, p. 57.

¹⁰² _____ *O Livro do Rio Tietê*, p. 122.

¹⁰³ Vicente ADORNO, *op. cit.*, p. 39.

¹⁰⁴ _____ *O Livro do Rio Tietê*, p. 122.

¹⁰⁵ Vicente ADORNO, *op. cit.*, p. 40.

¹⁰⁶ _____ *O Livro do Rio Tietê*, p. 122.

como um parque, a partir de conceitos de um urbanismo humanista, voltado para o cidadão¹⁰⁷”.

Para José Alfredo O. Vidigal Pontes, ex-gerente e pesquisador do Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, um dos maiores equívocos em relação ao Tietê foi ver nele apenas uma fonte de geração de energia elétrica¹⁰⁸, demanda decorrida do crescimento vertiginoso de São Paulo, principalmente do ponto de vista industrial e demográfico. Em 1923, foram projetados: a inversão do rio Pinheiros, e a usina de Henry Borden, no pé da serra¹⁰⁹. “Como justificativa para essa escolha, argumentou-se que ela ajudaria a ‘evitar as inundações das margens do Tietê’ (pretexto que seria utilizado sempre para a implantação de outros projetos em relação à bacia do Alto Tietê)¹¹⁰”.

Segundo o livro de Sérgio Adorno, a empresa Light aproveitou a inundação catastrófica da enchente de 1929, para aprovar seus projetos¹¹¹ e negociar, então, as áreas desapropriadas ao longo do Tietê. Com a grande enchente de 1929, a Light, concessionária canadense que detinha o monopólio do setor energético em São Paulo, conseguiu dobrar o limite de desapropriação, que segundo o Código das Águas, de 1934, deveria ser a linha média de enchentes¹¹².

¹⁰⁷ Vicente ADORNO, *op. cit.*, p. 41.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 41.

¹⁰⁹ Por muito tempo, a usina de Henry Borden, construída entre 1927 e 47, foi uma das maiores e de concepção mais avançada do mundo. Com este projeto a pouca água dos rios serranos ganharia muito mais força e se transformaria em uma grande quantidade de energia. O projeto da Light teve, na época, a oposição de Saturnino de Brito, um dos maiores sanitaristas brasileiros. E para Sartori e Pereira, este foi mais um exemplo de absoluto desprezo pelo meio ambiente. Cf. Vicente ADORNO, *op. cit.*, p. 44.

¹¹⁰ Vicente ADORNO, *op. cit.*, p. 43.

¹¹¹ Neste ponto, o jornalista cita um procedimento “obscuro” da Light para conseguir a aprovação de seu projeto. “Segundo a Dra. Seabra, a Light abriu as comportas dos reservatórios Billings e Guarapiranga desde o dia 14, elevando ainda mais o volume de água dos rios, já aumentado pelas águas das chuvas anteriores. Em vista disso, conclui Vidigal Pontes, “pode-se supor que a Barragem de Parnaíba, a jusante da cidade, tenha sido fechada. Pois é de estranhar, apesar de a imprensa da época ter noticiado a abertura das comportas em Pedreira e Guarapiranga, que a Light não tenha tido nenhum pronunciamento oficial, mantendo um silêncio inadmissível para uma concessionária de serviços públicos” numa circunstância como essa. E quem ‘pagou o pato’, como sempre, foi o rio, mais uma vez apontado como causador primeiro e único das enchentes”. Vicente ADORNO, *op. cit.*, p. 47

¹¹² “Em 1957, no acerto final de contas com o Estado, graças às desapropriações consentidas por lei, a Light tinha se apossado de 20.779.443 m² de terrenos, mas destinou apenas 4.015.360 m² ao projeto. Aproveitou para negociar quase tudo no mercado - e não em hasta pública, conforme estava previsto na lei - obtendo enormes lucros. Aterrou, loteou e vendeu um enorme pedaço de área pública que poderia ser um parque fluvial para usufruto público. E assim se consumou a inversão do rio Pinheiros e também a retificação do rio Tietê”. Vicente ADORNO, *op. cit.*, p. 48.

II. 3.1.2 Esgoto, especulação e enchentes

O projeto de inversão do leito do rio Pinheiros atingiu seu objetivo com relação à geração de energia. “Em 1960 a Henry Borden foi duplicada de meio milhão para 1 milhão de quilowatts, um prodígio para a época¹¹³”. Porém, no que tange à condição de saneamento da cidade, os problemas se agravaram. “(...) o Tamanduateí, o Tietê e o Pinheiros estavam imundos, funcionando como **um colar de esgotos** no pescoço da cidade¹¹⁴”. Ainda mais, segundo o artigo de Vidigal Pontes, outra consequência maléfica desse projeto para a bacia do Alto Tietê foi a especulação imobiliária das várzeas públicas do rio, “com base na premissa da mercantilagem do logradouro público¹¹⁵”.

Em decorrência a toda a modificação do ecossistema relatada acima, as matas em torno do rio desapareceram. E com os aterros e o asfalto, o excesso de água anteriormente recebido pelas várzeas, não tinha mais para onde escorrer. Todo o líquido que pudesse ser contido no leito do rio para gerar eletricidade nas usinas da serra deveria ser considerado. Segundo Sartori e Pereira (*apud* Adorno):

(...) até a sujeira e a devastação, de certo modo, ajudavam. (...) cada gota de urina despejada nos vasos sanitários da metrópole acabava rumando em direção às turbinas no pé da serra do Mar: a água que não se infiltrava mais naturalmente no solo, inchava os rios e produzia mais quilowatts.¹¹⁶

Dessa forma, conseguiu-se energia elétrica o suficiente para abastecer a metrópole em expansão, ainda que a bacia do Alto Tietê não dispusesse de um volume tão grande de água. Em paralelo, segundo Delijaicov, “de modo totalmente artificial”, a água descontaminada para abastecer a metrópole vinha de bacias hidrográficas vizinhas.

Assim, frente às modificações do ecossistema visando a obtenção de energia e a remoção do lixo e do esgoto, ainda que sem tratamento, o rio foi aprofundado,

¹¹³ *Ibid.*, p. 45.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 45.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 46.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 49.

retificado, e suas margens completamente impermeabilizadas. O desenvolvimento econômico proporcionou o acúmulo e a geração da maior riqueza do país, mas o nível de contaminação das águas e os problemas das enchentes continuavam alarmantes (fig. 09). Neste panorama geral é que, em 1992, iniciaram as obras para despoluir o rio e conter as enchentes.

II. 3.2 As estratégias governamentais para lidar com a crise

As estratégias do governo para lidar com a crise ecológica descrita nas páginas anteriores resume-se em três frentes de trabalho, chamados de “projetos especiais do governo do estado de São Paulo para o rio Tietê¹¹⁷”. Tais projetos são: (1) o Projeto Tietê; (2) o rebaixamento da calha do rio Tietê; e (3) a flotação no rio Pinheiros.

II. 3.2.1 Os “projetos especiais” para o Tietê

Para Adorno, a iniciativa do governo do Estado para o Projeto Tietê foi originada por uma campanha decisiva, liderada pela *Rádio Eldorado de São Paulo* e pelo grupo ecológico SOS Mata Atlântica, com o apoio dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*. Em 1991, a campanha conseguiu um índice de mobilização dos habitantes da capital paulista nunca antes registrado. “Um milhão e duzentas mil pessoas —quase 10% da população paulistana na época —inscreveram seus nomes no maior documento do tipo ‘abaixo-assinado’ visto na América Latina em nome de uma causa ambiental¹¹⁸”.

- **O Projeto Tietê** é um programa de saneamento ambiental que visa despoluir a Bacia do Rio Tietê impedindo que o esgoto de São Paulo seja despejado na mesma sem tratamento. São responsáveis por este projeto: Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo) ligada à Secretaria Estadual de Energia, Recursos Hídricos e Saneamento; e Cetesb (ligada à Secretaria Estadual do Meio Ambiente), que faz a fiscalização

¹¹⁷ Baseado em: http://www.sabesp.com.br/o_que_fazemos/projetos_especiais/projeto_tiete/index.htm
Acesso realizado em 05/10/04.

¹¹⁸ Vicente ADORNO, p. 48.

industrial. As **Obras da 1ª etapa** foram realizadas de 1992 até 1998 e consistiram em: construção de três Estações de Tratamento de Esgoto (São Miguel, Parque Novo Mundo e ABC); obras para aumento da capacidade da ETE de Barueri; construção de 1,5 mil quilômetros de redes coletoras (tubulações de esgoto), 250 mil novas ligações domiciliares, 315 quilômetros de coletores-tronco e 37 km de interceptores. Esta etapa custou US\$ 1,1 bilhão, e foi financiada pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) - US\$ 450 milhões; pela - CEF (Caixa Económica Federal), em US\$ 100 milhões; e pela Sabesp – US\$ 550 milhões. As **Obras da 2ª etapa** foram realizadas de 2002 a 2005, e consistem de: construção de 1,2 mil quilômetros de redes coletoras, 290 mil ligações domiciliares, 107 quilômetros de coletores-tronco e 33 quilômetros de interceptores. Esta etapa tem o valor de US\$ 400 milhões, e é financiada pelo BID - US\$ 200 milhões; Sabesp/BIMDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Económico e Social) - US\$ 200 milhões.

- **Rebaixamento da calha do rio Tietê** é um projeto para combater as enchentes, visando a prevenção contra enchentes e assoreamento. É responsável por este projeto o DAEE (Departamento de Águas e Energia Elétrica) - ligado à Secretaria Estadual de Energia, Recursos Hídricos e Saneamento. As **Obras da 1ª etapa** foram realizadas de 1987 até 1992 e consistiram no aprofundamento em 2,5 metros da calha do Rio Tietê em 16 km de extensão. As obras foram do Cebolão até a Barragem Edgard de Souza, em Santana do Parnaíba. Esta etapa custou R\$ 138 milhões, e foi financiada pelo JBIC (Japan Bank Internacional) - R\$ 103 milhões; pela - DAEE – R\$ 35 milhões. As **Obras da 2ª etapa** serão realizadas de 2002 a 2007, e consistirão no aprofundamento em 2,5 metros da calha do Rio Tietê em mais 24,5 km de extensão. As obras vão do Cebolão até a Barragem da Penha. Esta etapa terá o valor de R\$ 500 milhões, e terá o financiamento do JBIC - R\$ 500 milhões.
- **Flotação no rio Pinheiros.** É um programa de limpeza do Rio Pinheiros pelo processo de flotação. O objetivo principal é usar a água na geração de energia, passando pelo bombeamento da mesma para a represa Billings. São

responsáveis por este projeto: o EMAE (Empresa / Metropolitana de Águas e Energia) - ligada à Secretaria Estadual de Energia; a Secretaria Estadual de Meio Ambiente e a Petrobrás. As **Obras da 1ª etapa** foram realizadas de 2001 a 2003 e consistiram na construção de sete estações de tratamento. Três no Rio Pinheiros e quatro em afluentes. Esta etapa custou US\$ 100 milhões.

As Organizações Não-Governamentais também fazem parte do Projeto Tietê, sendo que a mais importante é a SOS Mata Atlântica, em especial seu núcleo Pró-Tietê.

II. 3.2.2 O Núcleo Pró-Tietê

O Projeto Tietê conta ainda com a parceria do Núcleo União Pró-Tietê, que é parte da Organização Não Governamental *SOS Mata Atlântica*. Para Mario Mantovani, coordenador geral do projeto na ONG, “A inclusão da educação ambiental no Projeto Tietê representa uma conquista da sociedade perante os órgãos financeiros internacionais e o poder público e confere ao programa um caráter de cidadania e saúde pública¹¹⁹”. O papel do núcleo, frente ao projeto, é coordenar a componente de educação ambiental. O núcleo foi criado em 1991, idealizado pela SOS Mata Atlântica e pela Rádio Eldorado após um programa elaborado pela Eldorado em parceria com a BBC de Londres, sobre a despoluição do rio Tamisa e as possibilidades de recuperação do Tietê¹²⁰. O Núcleo Pró-Tietê tem como principais objetivos desenvolver projetos e apoiar iniciativas de terceiros para a recuperação e a preservação do Rio Tietê.

A principal ação do Núcleo neste projeto está (1) na formação de grupos de monitoramento¹²¹: o *Observando o Tietê*. E no *Reflorestando o Tietê*, que troca latas de alumínio por mudas de espécies nativas da Mata Atlântica; e (2) no acompanhamento das ações públicas de despoluição. Em 1993, o monitoramento da qualidade da água era

¹¹⁹ Baseado em: http://www.sosmatatlantica.org.br/?secao=conteudo&id=5_3_3 Acesso realizado em 05/10/04.

¹²⁰ Como atividade inicial, o Núcleo Pró-Tietê desenvolveu um abaixo-assinado pela recuperação do rio. Maior campanha realizada no país em torno de uma questão ambiental na época, com a coleta de 1,2 milhão de assinaturas, transformou-se em um marco para o movimento ambientalista. Cf.: http://www.sosmatatlantica.org.br/?secao=conteudo&id=5_3_3 Acesso realizado em 05/10/04.

¹²¹ O ‘Observando’ é um programa de educação ambiental e mobilização que utiliza o monitoramento da qualidade da água como instrumento de sensibilização e engajamento social para gestão participativa de bacias hidrográficas. A metodologia desenvolvida especialmente por Samuel Murgel Branco para a Fundação SOS Mata Atlântica, vem sendo ampliada e aplicada desde a instituição do Núcleo União Pró-Tietê, em 1991, em diversos rios e bacias hidrográficas brasileiras. Baseado em:

http://www.sosmatatlantica.org.br/?secao=conteudo&id=5_3_3 Acesso realizado em 05/10/04.

composto de mais de 65 grupos em 50 municípios ribeirinhos da Bacia Hidrográfica do Tietê. Da verba destinada à 2ª. Etapa do Projeto Tietê, quais dois milhões serão destinados ao programa de educação ambiental a cargo da SOS. O trabalho almeja a formação de 300 grupos de monitoramento¹²², entre escolas públicas e privadas, e grupos organizados da sociedade civil.

II. 3.3 Subjetividade e conscientização ambiental

Conforme foi apresentado, a opção de desenvolvimento escolhida por São Paulo no século XX deixou para trás a ligação afetiva do paulistano com o rio. Como veremos a seguir, a área de esportes e lazer, bem como local de hierofanias e cultos religiosos, passou a um “esgoto a céu aberto”, odiado ou simplesmente ignorado.

Em adição, com base nas estratégias políticas destacadas acima, podemos concluir que o fenômeno da crise ecológica no Tietê vem sendo tratado com planejamentos baseados num prisma técnico-científico que busca identificar as causas do problema e dar fim às mesmas. Nessa lógica, estão os projetos do governo para aumentar a coleta de esgotos, aprofundar o leito do rio, as taxas sobre a coleta de lixo, o aumento na cobrança de luz e água e os planos de racionamento de água e energia.

Mesmo a ação do núcleo Pró-Tietê está centrada apenas na objetividade da poluição. Logicamente, consideramos estas realizações fundamentais e imprescindíveis. Porém, o alcance de tais medidas está restrito à aplicação de sanções e restrições, sendo punitivas, agressivas e até violentas, como o corte no abastecimento de água ou luz. Não acreditamos que isso gere educação ou acréscimo no nível de consciência (o que é diferente de conscientização¹²³).

¹²² Cada grupo passa a fazer uso de um kit de análise da qualidade da água, em que são usados critérios de percepção visual e interpretação de parâmetros físico-químicos. Essa metodologia permite mapear vetores de degradação, na medida em que há um geoprocessamento dos parâmetros levantados pelos grupos, mas principalmente serve como processo educativo, já que a medição levanta questões sobre as causas da poluição. Baseado em: http://www.sosmatatlantica.org.br/?secao=conteudo&id=5_3_3 Acesso realizado em 05/10/04.

¹²³ Neste estudo, entendemos como conscientização a integração de conteúdos inconscientes, reprimidos. Ao contrário da “conscientização” dos programas educacionais existentes que apenas valorizam a dimensão material da realidade.

Frente à escassez¹²⁴, a elevação no custo e o racionamento de água e energia vêm em primeiro lugar. Logo atrás, as campanhas de conscientização como a do núcleo Pró-Tietê, os livros didáticos nas escolas, e as propagandas do tipo: “Olha o nível!” (referindo-se aos níveis dos reservatórios de água da Sabesp).

Este modelo educacional está direcionado apenas à objetividade do problema. Evidenciamos aqui duas lacunas:

(1) Muito pouco está sendo levado em consideração no que tange aos aspectos culturais, incluso os psicológicos e espirituais, em relação ao rio e à necessidade de mudança de hábitos do habitante de São Paulo, a fim de se estabelecer o “uso inteligente” da água.

(2) As políticas públicas estão baseadas na sanção, na elevação de custo, nas taxas e multas e, por vezes, no agressivo corte no abastecimento (os rodízios), e não no aumento do grau de consciência e educação da população.

Os autores escolhidos para constituir o prisma teórico que define esta dissertação fundamentam a necessidade do fenômeno humano, qualquer que seja ele, ser considerado pela perspectiva simbólica, a subjetividade. Uma vez que, para os três – Cassirer, Eliade e Jung -, o homem é mais bem definido com *Homo symbolicum* (ou *religiousus*), ao invés de apenas um ser racional.

Sob o prisma da filosofia cassireriana, da história da religião em Eliade e da psicologia analítica, buscaremos uma outra perspectiva de análise do quadro problema apresentado nos capítulos anteriores. Nosso objetivo é, através deste prisma que valoriza a integração do objetivo com o subjetivo, fornecer subsídio teórico para que outras estratégias possam ser criadas, visando uma re-aproximação cultural, psíquica e espiritual do paulistano com as políticas públicas em relação ao rio e à água. Como um pequeno mote a esta meta, propomos: “conscientizar, ao invés de racionar”.

¹²⁴ “A oferta de água per capita aumentou na década de 90, mesmo assim quase um quarto dos municípios brasileiros não consegue se livrar do racionamento. Em 2000, 1.267 (23%) dos 5.507 municípios precisaram controlar o consumo da água, segundo dados divulgados nesta segunda-feira pelo IBGE. A maior parte dos municípios que racionam (41,7%) é obrigada a economizar água todo ano nos períodos de seca e está localizada no Nordeste. No Sul e no Sudeste, o racionamento acontece principalmente em cidades turísticas, quando a população aumenta muito no verão. Problemas nos reservatórios e baixa capacidade de tratamento são outros motivos para a redução forçada do consumo da água”. *O Estado de S.Paulo* <http://www.estadao.com.br/ext/ciencia/agua.htm> Acesso realizado em 05/10/04

Segunda Parte

REFERENCIAL TEÓRICO

*Nesta época de convulsões sociais e mudanças drásticas é importante sabermos mais a respeito do ser humano, pois tudo depende das suas qualidades mentais e morais. Para observarmos as coisas na sua justa perspectiva precisamos, porém, entender tanto o passado do homem quanto o seu presente. Daí a importância essencial de compreendermos mitos e símbolos.*¹²⁵

C.G. Jung

A opção do estudo do simbolismo ligado ao Tietê obriga-nos a determinar uma metodologia e um referencial teórico coerentes. Diversas teorias estudam o simbolismo humano. Dentre tantos estudiosos, incluem-se: Freud (1856 - 1939), Lévi-Strauss (1908 -), Cassirer (1874 – 1945), Jung (1875 – 1961), Bachelard (1884 – 1962), Eliade (1907 - 1986), e Ricoeur (1913 -). Segundo Gilbert Durand, antropólogo e simbologista, os trabalhos dos autores supracitados dividem-se em dois tipos de hermenêutica: as redutoras e as instauradoras.

As hermenêuticas redutoras, onde este autor inclui a psicanálise de Freud, o funcionalismo de G. Dumézil e o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss teriam reduzido os símbolos a signos, e estes, a dados científicos.

Mas se a psicanálise, como a antropologia social, redescobre a importância das imagens e rompe revolucionariamente com oito séculos de recalcamento e de coerção do imaginário, estas doutrinas só descobrem a imaginação simbólica para tentar integrá-la na sistemática intelectualista em vigor, para tentar *reduzir* a simbolização a um simbolizado sem mistérios.¹²⁶

¹²⁵ JUNG, Carl G., *O Homem e Seus Símbolos*, p. 58.

¹²⁶ Gilbert DURAND, *A imaginação simbólica*, p. 37.

Por outro lado, nas hermenêuticas instauradoras, estariam: o criticismo¹²⁷ de Cassirer, a arquetipologia de Jung, a fenomenologia poética de Bachelard, dentre outras. Para estas, segundo Durand, não se trata de interpretar um mito ou um símbolo procurando nele uma explicação cosmogônica pré-científica ou reduzir os mesmos a forças instintivas ou a um modelo sociológico. **Trata-se de revelar uma perspectiva funcional de um objeto psico-cultural vivo, pleno de energia, que mobiliza de maneira inelutável, um *sentido*, por parte da consciência.**

Neste estudo, trabalharemos dentro da vertente instauradora, nos referenciais teóricos de Ernst Cassirer, Mircea Eliade e Carl Gustav Jung. Embora estes três autores não tenham um consenso em relação à estrutura e à dinâmica do símbolo, suas abordagens não discordam entre si, mas complementam-se. Outros pontos comuns que nos levaram a esta escolha:

- (1) Os autores são contemporâneos e estavam sujeitos às mesmas condições culturais, políticas e sociais;
- (2) Os três destacam a importância de considerar o homem como *symbolicum*;
- (3) Valorizam a integração do objetivo com o subjetivo, como instrumento de análise dos fenômenos, sem discriminar um ou outro;
- (4) Oferecem um referencial criativo que considera a importância da cultura frente à imposição do desenvolvimento econômico.

Nas palavras de Cassirer “tudo o que o homem faz é simbólico”. Com o estudo de Eliade, podemos identificar o simbolismo religioso presente na crise ecológica no Tietê. E, via Jung, abordar a psicodinâmica cultural a que este simbolismo está ligado, a fim de lançar bases a novas estratégias educacionais para conscientizar a sociedade deste símbolo e dar-lhe um significado.

¹²⁷ Segundo o HOUAISS: doutrina ou conjunto de formulações teóricas de Immanuel Kant (1724-1804) e seus epígonos, que apresenta a preocupação central de avaliar as possibilidades e os limites do conhecimento racional, refutando ao mesmo tempo o *dogmatismo* e o *ceticismo* absoluto, e considerando a teoria do conhecimento como o fundamento de toda a investigação filosófica.

Capítulo III.1

O símbolo e o ser humano

Nada dentro, nada fora. Pois o que está dentro, está fora.

Goethe

Existe uma confusão acerca dos termos relativos ao imaginário. É pouco clara a distinção teórica dentre “imagem”, “signo”, “alegoria”, “símbolo”, “emblema”, “parábola”, “mito”, “figura”, “ícone”, “ídolo”, etc. Acerca da palavra *símbolo*¹²⁸, por exemplo, os dicionários atestam como sendo sinônimo de “sinal”, “signo”, “emblema”, e “insígnia”.¹²⁹ Para Durand, a consciência dispõe de duas maneiras para representar o mundo: uma direta e outra indireta. Na *direta*, o objeto está presente, como na percepção ou na sensação. Na *indireta*, o objeto não está presente “em carne e osso” à sensibilidade, e é representado na consciência por uma *imagem*, “no sentido muito lato do termo¹³⁰”. Tal generalidade do termo *imagem* seria mais bem compreendida pela diferenciação em vários graus. Os extremos seriam constituídos pela adequação total, a “presença perceptiva”, e pela inadequação mais extrema, isto é “um signo eternamente viúvo de significado¹³¹”, o *símbolo*.

Vemos, de novo, qual vai ser o domínio de predileção do simbolismo: o não-sensível sob todas as suas formas: inconsciente, metafísico, sobrenatural e surreal. Estas ‘coisas ausentes ou impossíveis de perceber’, por definição, vão ser, de maneira privilegiada, os

¹²⁸ Para a origem e a semântica da palavra símbolo, ver: René ALLEAU, *A ciência dos símbolos*. Lisboa: Edições 70, 2001.

¹²⁹ Cf. Houaiss Dic. Eletrônico. Verbetes: símbolo.

¹³⁰ Gilbert DURAND, *A imaginação simbólica*, p. 07.

¹³¹ *Ibid.*, p. 08.

próprios sujeitos da metafísica, da arte, da religião, da magia: causa primeira, fim último, ‘finalidade sem fim’, alma, espíritos, deuses, etc.¹³²

A imaginação simbólica diz respeito, portanto, a uma situação em que o significado não é de modo algum “apresentável”. O símbolo é, por esta natureza do significado inacessível, uma *epifania*. Isto é, “aparição, através do e no significante, do indizível¹³³”. E logo, por esta definição, o símbolo pertence, *per se*, à esfera do sagrado. O símbolo é, pois, uma representação que faz *aparecer* um sentido secreto: “é a epifania de um mistério¹³⁴”; “é a cifra de um mistério¹³⁵”; “o infinito no finito¹³⁶”.

Com relação à etimologia de *símbolo*, pode-se traçar sua história desde as raízes latinas e gregas *symbola*, *symboae*, *symbolum*, *súmbola*, *sumboláion*, até a palavra grega *súmbolon*, ou “**sinal, signo de reconhecimento**¹³⁷”.

“(...) um objeto dividido entre um hospedeiro e seu hóspede e transmitido a seus filhos”; a aproximação das duas metades servia para sinalizar a relação de hospitalidade entre seus ascendentes, daí ‘signo, sinal, convenção’; der. do v. *bálló* ‘lançar, jogar’.¹³⁸

Tal interpretação da palavra *súmbolon*, no entanto, apenas se refere a um aspecto concreto, um elo mútuo através das partes que comunicam entre si. Um outro aspecto, especificamente simbólico, que não se aplica a uma vara partida, ou a uma senha, designa aquilo que “permite a *sujeitos reunirem-se* em volta do sinal de uma *crença* ou de um *valor* e menos de um contrato social que de uma *aliança sagrada* ou considerada como tal¹³⁹”.

¹³² *Ibid.*, p. 11.

¹³³ *Ibid.*, p. 11.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 12.

¹³⁵ CORBIN, L'imagination créa-tice dans l'ê soufisme d'ibn' Arabi. IN: Gilbert DURAND, *op. cit.*, p. 11.

¹³⁶ GODET, P. *Signe et symbole*, p. 125. IN: Gilbert DURAND, *op. cit.*, p. 11.

¹³⁷ Sobre a etimologia de *Sumbolon*, ver René ALLEAU, *op. cit.*, pp. 28-32 Nesta dissertação não adentramos, pelos limites de uma dissertação de mestrado, a questão da diferenciação entre a simbólica, a sintemática, e a lingüística. Para tanto, ver Alleau, *op. cit.*, p. 49ss.

¹³⁸ Dicionário Houaiss (versão eletrônica 1.0, em CD-ROM, - Dezembro de 2001 Copyright 2001 Instituto Antônio Houaiss Produzido e Distribuído por Editora Objetiva Ltda).

¹³⁹ René ALLEAU, *op. cit.*, p. 32.

Após esta definição mais geral, passamos à análise do simbolismo sob a ótica teórica de Ernst Cassirer (1874-1945), Mircea Eliade (1907-1986) e Carl Gustav Jung (1875-1961).

III. 1.1 Cassirer, Eliade e Jung

O referencial teórico desta dissertação está fundamentado na interface dos trabalhos de Cassirer, Eliade e Jung, basicamente no que tange ao conceito de *símbolo*. O diálogo entre estes autores já foi realizado antes. Entre Eliade e Jung, diretamente, pois ambos encontraram-se diversas vezes nas conferências¹⁴⁰ de Eranos¹⁴¹ (em Ascona, Suíça) e também corresponderam-se por carta¹⁴². Eliade é citado em obras de Jung¹⁴³ e Jung (ou a psicologia profunda) nas de Eliade¹⁴⁴, que descreveu suas impressões em relação a Jung numa entrevista¹⁴⁵ cedida em 1978, aos 71 anos.

Cassirer não é citado por Jung e nem o contrário. Com relação a Eliade e Cassirer, este é citado por aquele¹⁴⁶, mas não o contrário. Outros autores estudaram a relação entre Jung e Cassirer¹⁴⁷ e entre Jung e Eliade¹⁴⁸. No entanto, a relação entre o conceito de *símbolo* na teoria dos três não foi encontrada na revisão bibliográfica.

¹⁴⁰ As conferências de Eranos tinham como objetivo original um encontro entre Leste e Oeste. Eram sediadas na casa *Eranos*, de Olga Fröbe-Kapteyn (1881-1962), uma das fundadoras. Jung foi palestrante em catorze edições de Eranos, de 1933 a 1951. Em adição, “ele exerceu ao longo desses anos um papel central no planejamento dos programas”. Cf. A. JAFFÉ, (ed.) *Word and Image*, p. 182.

¹⁴¹ Em certas obras de Eliade foram publicadas suas conferências em Eranos. Em *Mitos, Sonhos e Mistério*. – foram publicadas as conferências de 1953, 54, e 55. E em *Mefistófeles e o Andrógino* foram publicadas suas conferências de 1958, 59, 60, e 61.

¹⁴² Em 1955, por ocasião do recebimento de um exemplar no livro recém lançado de Eliade sobre Yoga (Cf. *Yoga. Imortalidade e Liberdade*, pp. 191-92). Nesta carta, Jung critica Eliade por este entender que o inconsciente faz uma “imitação simiesca” do consciente. Eliade estaria, para Jung, utilizando a noção de arquétipo como “apenas a repetição e imitação de uma imagem ou idéia conscientes”. *Cartas de C.G. Jung*. Vol. II p. 379. No prefácio da edição de 1958 de *O mito de eterno retorno*. Nova Iorque: Princeton Univ. Press. Pp. XIV, XV, Eliade retrata-se deste desentendimento, esclarecendo sua noção de arquétipo.

¹⁴³ Na edição de Princeton das *Collected Works* de C.G. Jung, Eliade é citado nos seguintes volumes: **18** (par. 578,1250); **9i** (nota do par. 115); **11** (notas dos parágrafos 346, 410, 447); **13** (notas dos parágrafos 91, 132, 402, 404, 407, 460, 462); **14** (notas dos parágrafos 2 e 34). Basicamente, nestas citações Jung remete o leitor à obra de Eliade sobre o xamanismo.

¹⁴⁴ Cf. M. ELIADE, *Imagens e Símbolos*, pp. 04 e 16. E Cf. Idem., *Mefistófeles e o Andrógino*, p. 205, dentre outras obras.

¹⁴⁵ Claude-Henri ROCQUET, *Mircea Eliade: Ordeal by Labyrinth*, p. 162.

¹⁴⁶ Cf. ELIADE, *Mefistófeles e o Andrógino*, p. 207.

¹⁴⁷ Cf. PIETIKAINEN, Patteri. Archetype as Symbolic Forms. *Journal of Analytical Psychology*, 1998, 43, 325-343; STEVENS, Anthony. Response to Pietikainen. *Journal of Analytical Psychology*, 1998, 43, 345-355; HOGENSON, George B. Response to Pietikainen and Stevens. *Journal of Analytical Psychology*, 1998, 43, 345-355.

III. 1.2 O *Homo Symbolicum* de Ernst Cassirer

Ernst Cassirer¹⁴⁹ (1874-1945) é “o pioneiro da filosofia do simbolismo¹⁵⁰”, e é incluído entre os pensadores que abordaram “o tremendo problema do símbolo e significado e estabeleceram o princípio fundamental do pensamento filosófico de nossos dias¹⁵¹”. O pensamento de Cassirer pode ser dividido em duas fases. Nossa análise limita-se à segunda. Nesta fase, o filósofo aprofunda seus interesses histórico-culturais, ampliando seu processo cognoscitivo¹⁵². Para Rosenfeld, Cassirer “esboçou as bases de uma antropologia filosófica e filosofia da cultura, cuja unidade reside na *atividade simbolizante* do homem; que é dialética, coexistência funcional de contrários¹⁵³”.

A obra de Cassirer é marcada pela *superação do dualismo* (matéria e forma)¹⁵⁴. Para Cassirer o homem interage no mundo mediante três sistemas – um receptor, um efetuator, e o intermediário de ambos, o simbólico. Este sistema simbólico que diferenciaria o homem dos outros animais, impõe uma nova dimensão de realidade. Diferentemente das respostas diretas dos animais, a resposta humana é diferida, “interrompida e retardada por um lento e complicado processo de pensamento¹⁵⁵”. Este novo elo do sistema funcional humano dá origem a um universo simbólico, do qual fazem parte a linguagem, o mito, a arte e a religião.

Psychology, 1998, 43, 357-372; SOLOMON, Ester. Response to Petteri Pietikainen's 'Archetype as symbolic forms'. *Journal of Analytical Psychology*, 1998, 43, 373-377; PIETIKAINEN, Patteri. Response to Hester Solomon, George Hogenson and Anthony Stevens. *Journal of Analytical Psychology*, 1998, 43, 379-388; Roberts AVENS, *Imaginação é realidade: o nirvana ocidental em Jung*, Hillman, Barfield e Cassirer.

¹⁴⁸ Cf. Tito R. de A. CAVALCANTI, *A psicologia da religião de Carl Gustav Jung e a abordagem religiosa de Mircea Eliade*; D. ALLEN, *Mircea Eliade y el Fenômeno Religioso*.

¹⁴⁹ Ernst Cassirer (1874-1945) nasceu em Breslau (Vroclav). Em Berlim e Marburg, estudou direito, filologia, literatura, filosofia e matemática. Foi professor em Berlim, em Hamburgo (1919-1932) e Oxford. Transferindo-se em 1941 para os Estados Unidos, lecionou na Universidade de Yale e na Columbia University. A obra mais importante de Cassirer é *Filosofia das Formas Simbólicas*, em 3 volumes (1923-1929). Esta obra está resumida em *Ensaio sobre o Homem* (1944). ROSENFELD, Anatol. IN: E. CASSIRER, *Linguagem e mito*, p. 10.

¹⁵⁰ Cf. Susanne LANGER, *Filosofia em Nova Chave*.

¹⁵¹ Cf. *Ibid.*

¹⁵² Nesta fase, Cassirer “adota livremente métodos fenomenológicos, sem deixar de servir-se dos resultados das ciências especializadas de que possuía um conhecimento de admirável amplitude e sem, ainda assim, nunca renegar as suas raízes kantianas”. ROSENFELD, Anatol. IN: E. CASSIRER, *Linguagem e mito*, p. 12.

¹⁵³ ROSENFELD, Anatol. IN: *Ibid.*, p. 12.

¹⁵⁴ Cf. Ricardo A. MELANI, *O conceito de espaço na filosofia das formas simbólicas*, p. 15.

¹⁵⁵ Ernst CASSIRER, *Ensaio sobre o Homem*, p. 48.

A razão é um termo muito inadequado com o qual compreender as formas da vida cultural do homem em toda sua riqueza e variedade. Mas todas essas formas são formas simbólicas. Logo, em vez de definir o homem como *animal rationale*, deveríamos defini-lo como *animal symbolicum*. Ao fazê-lo, podemos designar sua diferença específica, e entender o novo caminho aberto para o homem – o caminho para a civilização.¹⁵⁶

Nossa consciência, portanto, não se satisfaz apenas em receber uma impressão do exterior, “mas vincula cada impressão a uma atividade livre de expressão à qual impregna¹⁵⁷”. O posicionamento de Cassirer declara que o cientista também trabalha com o universo simbólico, por mais que queira se prender à observação dos fatos. Enquanto seres humanos, não há como escapar do sistema de símbolos, o que torna o estudo dos mesmos algo tão importante para compreender e apresentar soluções para a problemática ecológica.

Em vez de dizer que o intelecto humano é um intelecto que “precisa de imagens”, deveríamos antes dizer que precisa de símbolos. O conhecimento humano é, por sua natureza, um conhecimento simbólico. (...) E para o pensamento simbólico, é indispensável fazer uma distinção clara entre real e possível, entre coisas reais e ideais. Um símbolo não tem existência real como parte do mundo físico; tem um “sentido”.¹⁵⁸

Segundo Cassirer, o homem vive imerso em um universo simbólico¹⁵⁹. Porém, o filósofo não considera a existência de um inconsciente, como Freud ou Jung. Para Cassirer, o conteúdo simbólico aparece na consciência quando esta não se contenta em ter simplesmente um conteúdo sensível, então o produz a partir de si mesma. “É a força desta produção que transforma o mero conteúdo de impressão em conteúdo

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 50.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 50.

¹⁵⁸ Ernst CASSIRER, *Ensaio sobre o Homem*, p. 96. O grifo é nosso.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 48.

simbólico¹⁶⁰». **O conceito de símbolo está ligado à totalidade dos fenômenos nos quais apareça qualquer tipo de “dotação de sentido”¹⁶¹.**

Para Cassirer, o processo simbólico está presente em todo o tipo de percepção humana. E o símbolo não se restringe a ser o elemento meramente físico ou meramente espiritual desse processo, (...) o símbolo comporta o sensível e o sentido como elementos indissociáveis.¹⁶²

Os esforços de Cassirer para estudar o ser humano constituíram uma vertente inovadora. Através da filosofia das formas simbólicas, foi além dos métodos convencionais, quais sejam: introspecção biológica, observação e experimentação biológica, e investigação histórica. Segundo sua interpretação é impossível acessar e entender o universo humano desprezando o símbolo. “O princípio do simbolismo (...) é a palavra mágica, o abre-te sésamo que dá acesso ao mundo especificamente humano, ao mundo da cultura humana¹⁶³”.

A grande missão da Utopia é abrir passagem para o possível, no sentido oposto a uma aquiescência passiva do estado presente real de coisas. **É o pensamento simbólico que supera a inércia natural do homem e lhe confere uma nova capacidade, a capacidade de reformular constantemente o seu universo humano.**¹⁶⁴

Na linguagem, na religião, na arte e na ciência, o homem não pode fazer mais que construir seu próprio universo – **um universo simbólico que lhe permite entender, interpretar, articular e organizar, sintetizar e universalizar sua experiência humana.**¹⁶⁵

¹⁶⁰ CASSIRER, *Essência y efeito do conceito de símbolo*, p. 165.

¹⁶¹ CF. CASSIRER, *Filosofia das Formas Simbólicas Vol. III*, p. 116.

¹⁶² MELANI, *op. cit.*, p. 15.

¹⁶³ CASSIRER, *Ensaio sobre o Homem*, p. 63.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 104. O grifo é nosso.

¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 359. O grifo é nosso.

Cassirer não entende o símbolo como uma entidade “real existente”, mas uma **função enformadora** (constitui forma), que dá conformação ao espírito¹⁶⁶. Constituem exemplos desta função o mito, a religião, a linguagem, a arte e a ciência. Estas são as **formas simbólicas**.

Deste ponto de vista, o mito, a arte, a linguagem e a ciência aparecem como símbolos: não no sentido de que designam na forma de imagem, na alegoria indicadora e explicadora, um real existente, mas sim, no sentido de que cada uma delas gera e partaja seu próprio mundo significativo. (...) Conseqüentemente, as formas simbólicas especiais não são imitações, e sim, órgãos dessa realidade, posto que, só por meio delas, o real pode converter-se em objeto de captação intelectual e, destarte, tornar-se visível para nós.¹⁶⁷

O objeto do conhecimento não pode ser tomado como um mero em-si, independente das categorias essenciais de conhecimento, mas como determinado por estas categorias, que constituem sua forma¹⁶⁸. As formas simbólicas são tipos particulares de *conformação* das apreensões e interpretações espirituais do ser, são diferentes modos pelos quais o espírito humano interpreta o mundo.

[a linguagem, o mito, a arte, a religião] São os variados fios que tecem **a rede simbólica**, o emaranhado da experiência humana. Todo o progresso humano em pensamento e experiência é refinado por essa rede, e a fortalece. (...) Em vez de lidar com as próprias coisas o homem está, de certo modo, conversando constantemente consigo mesmo. Envolveu-se de tal modo em formas lingüísticas, imagens artísticas, símbolos míticos ou ritos religiosos que não consegue ver ou conhecer coisa alguma a não ser pela interposição desse meio artificial. (...) o homem não vive em um mundo de fatos nus e crus, ou segundo suas necessidades e desejos imediatos. Vive antes em meio

¹⁶⁶ Sem denotação religiosa, *espírito* no seu sentido filsofíco significa: pensamento em geral, princípio pensante, sujeito da representação, por oposição a seu objeto (a matéria e a natureza). Cf. Dic. HOUAISS ed. em cd-rom.

¹⁶⁷ CASSIRER, *Linguagem e mito*, p. 22.

¹⁶⁸ IDEM, *Filosofia das Formas Simbólicas Vol. I*, p. 15.

a emoções imaginárias, em esperanças e temores, ilusões e decepções, em suas fantasias e sonhos.¹⁶⁹

Cassirer vai contra a noção do entendimento passivo do mundo, como sendo a cópia de uma realidade dada. Para ele, o conhecimento é o resultado de um processo ativo, uma atividade funcional através da qual a simples presença do fenômeno recebe uma significação determinada, um conteúdo ideal particular. Deste modo, a perspectiva de Cassirer não busca a unidade de substrato, ou a unidade de substância, mas sim a unidade funcional, a regra que rege a multiplicidade e diversidade concreta das funções cognitivas em seu operar unitário e sua ação espiritual. O modo pelo qual todas as formas de conhecimento procuram submeter os fenômenos à unidade de uma forma universal e ordenadora¹⁷⁰. Em resumo, Cassirer busca transformar o mundo passivo das impressões no mundo da expressão espiritual, ou simbólica¹⁷¹.

III. 1.3 O simbólico em Mircea Eliade

A obra de Eliade destaca-se por considerar o simbólico numa perspectiva transhistórica, que busca o significado dos símbolos numa atitude criativa. Esta postura hermenêutica é um dos pontos essenciais do trabalho de Eliade¹⁷² e está presente na sua própria “visão” de um mundo mais humano.

Para Eliade, o estudo da história não tem propósito se não for em busca do significado profundo, “último”, religioso, dos fatos¹⁷³. Assim, a diferença estaria na hermenêutica – “busca do significado, ou significados, que qualquer idéia ou fenômeno religioso tenha possuído ao longo do tempo¹⁷⁴”. A postura hermenêutica do historiador das religiões deve apresentar um exame, ou uma investigação, cada vez mais aprofundada, em direção ao interior do significado das expressões religiosas¹⁷⁵.

¹⁶⁹ IDEM, *Ensaio sobre o Homem*, p. 48. O grifo é nosso.

¹⁷⁰ Cf. Maria F. PIRES, *A arte como forma simbólica*, p. 23.

¹⁷¹ CASSIRER, *Filosofia das Formas Simbólicas Vol. I.*, p. 21.

¹⁷² Cf. ROCQUET, *Mircea Eliade: Ordeal by Labyrinth*, p. 128; David CAVE, *Mircea Eliade's Vision for a New Humanism*, p. 16; e Douglas ALLEN, *Mircea Eliade y el fenómeno religioso*, p. 71.

¹⁷³ Cf. ROCQUET, *Mircea Eliade: Ordeal by Labyrinth*, p. 128.

¹⁷⁴ Fala de Eliade em: ROCQUET, *Mircea Eliade: Ordeal by Labyrinth*, p. 128.

¹⁷⁵ Cf. ROCQUET, *op. cit.*, p. 128.

Assim como Cassirer, Mircea Eliade entende a natureza da condição humana como sendo simbólica¹⁷⁶. “Sendo o homem um *homo symbolicus* e estando o simbolismo implícito **em todas as suas atividades**, todos os fatos religiosos têm necessariamente, um caráter simbólico¹⁷⁷”. Eliade chega a citar a afirmação cassireriana de que o homem possui uma “força símbolo-formadora¹⁷⁸”, defendendo que “tudo o que ele [o homem] produz é simbólico¹⁷⁹”.

Tanto para Eliade como para Cassirer, o símbolo constitui um elo de ligação entre duas dimensões. Para Cassirer, o símbolo interage entre o sistema receptor e o efetuator. Em Eliade, o símbolo re-liga *Cosmos* e *Polis*, na paradoxal coincidência entre o sagrado e o profano, homem e Deus. Porém, Eliade aprofunda a ligação do símbolo com o sagrado no humano, indo além da religião como *forma simbólica*, tal como defende Cassirer. Eliade ressalta que o símbolo é uma manifestação do sagrado e prolonga uma hierofania¹⁸⁰.

O símbolo não é importante apenas porque *prolonga* uma hierofania ou porque a *substitui*, mas, sobretudo, porque pode continuar o processo de hierofanização e porque, no momento próprio, *é ele próprio uma hierofania*, quer dizer, porque *ele revela uma realidade sagrada ou cosmológica que nenhuma outra “manifestação” revela*.¹⁸¹

Tudo aquilo que tem participação num símbolo torna-se consagrado por uma hierofania¹⁸². “Um simbolismo realiza a *solidariedade permanente do homem com a sacralidade*¹⁸³” e, portanto, toda a produção humana ressona na vida religiosa.

¹⁷⁶ David CAVE, op. cit., p. 32.

¹⁷⁷ ELIADE, *Mefistófeles e o andrógino*, p. 217. *O grifo é nosso*.

¹⁷⁸ CASSIRER, *Essay on Man*. In: ELIADE, *Mefistófeles e o andrógino*, p. 207.

¹⁷⁹ ELIADE, *Mefistófeles e o andrógino*, p. 207.

¹⁸⁰ Eliade utiliza a palavra *hierofania* para definir aquilo que torna manifesto o sagrado. Praticamente qualquer coisa pode, em algum período da história, tornar-se uma hierofania, seja da dimensão fisiológica, econômica, espiritual ou social. Chega mesmo a concluir que não se sabe se existe *alguma coisa* - objeto, gesto, dança, função fisiológica, ser ou jogo, brincadeira, etc - que nunca tenha sido uma hierofania. E que “em qualquer momento toda e qualquer coisa pode tornar-se uma hierofania” ELIADE, *Tratado da História das Religiões*, p. 19.

¹⁸¹ ELIADE, *Tratado da História das Religiões*, p. 364.

¹⁸² *Ibid.*, p. 363.

¹⁸³ *Ibid.*, p. 365.

Tudo o que se produz na vida do homem, mesmo na sua vida material, tem também ressonância na sua experiência religiosa.(...) as transformações operadas no mundo material (agricultura, metalurgia) abrem ao espírito novos meios de abarcar a realidade.¹⁸⁴

Para Eliade o mundo “fala”, ou “revela-se” através dos símbolos. Porém, não se trata de uma réplica da realidade objetiva, e sim de algo mais profundo e fundamental, que permite ao homem (1) descobrir uma certa unidade do Mundo. E, ao mesmo tempo, (2) tornar-se consciente de seu próprio destino como uma parte integrante do Mundo. O pensamento simbólico não é privilégio de uma elite, tampouco “patologia” de populações primitivas. ***“Os símbolos e os mitos vêm de longe: eles fazem parte do ser humano, e é impossível não os reencontrar em qualquer situação existencial do homem no Cosmos”¹⁸⁵.***

Em duas ocasiões Eliade resumiu o que entendia por *símbolo*. Em agosto de 1977, num prefácio¹⁸⁶; e no último capítulo de *Mefistófeles e o Andrógino* (1962). Neste texto, classifica diferentes aspectos da “revelação” simbólica¹⁸⁷:

- Os símbolos podem revelar *uma modalidade do real ou uma condição do Mundo que não é evidente no plano da experiência imediata*;
- Para os primitivos, *os símbolos são sempre religiosos*, pois apontam a algo *real* ou a um *padrão do Mundo (World-pattern)*;

¹⁸⁴ *Ibid.*, p. 378.

¹⁸⁵ ELIADE, *Imagens e Símbolos*, p. 21. O grifo é nosso.

¹⁸⁶ “Os símbolos podem revelar uma modalidade do real ou uma estrutura do mundo que não são evidentes no plano da experiência imediata; sua característica principal é sua multivalência, a capacidade de expressar simultaneamente várias significações cuja ligação não se observa de pronto. Os símbolos podem revelar uma perspectiva na qual realidades heterogêneas se deixam articular em um conjunto ou, inclusive, se integram em um “sistema”, igualmente importante é a capacidade dos símbolos para expressar situações paradoxais ou mesmo certas estruturas da realidade última, impossíveis de serem expressas de outra maneira (a *coincidentia Oppositorum*, por exemplo). Finalmente, deve-se destacar o valor existencial do simbolismo religioso, quer dizer, o fato de que um símbolo *aponta* sempre para uma realidade ou situação na qual se encontra a existência humana”. ELIADE, Mircea *Prefacio de: ALLEN*, *op. cit.*, p. 14.

¹⁸⁷ Os itens foram extraídos de: Mircea ELIADE, *The two and the one*, pp. 201ss.

- Uma característica essencial do simbolismo religioso é a sua *multivalência*, sua capacidade de *expressar, simultaneamente, várias significações cuja vinculação não fica evidente no plano da experiência imediata*;
- Esta capacidade do simbolismo religioso de revelar diversos significados ligados por uma estrutura tem uma conseqüência importante: o símbolo é capaz de *revelar uma perspectiva na qual diversas realidades podem ser combinadas ou até integradas num “sistema”*;
- Talvez a função mais importante do simbolismo religioso seja sua *capacidade de expressar situações paradoxais ou certos padrões*¹⁸⁸ *de realidade última que não podem ser expressas de outra maneira*;
- Finalmente, é preciso ressaltar o *valor existencial do simbolismo religioso*, ou seja, o fato de que um símbolo *sempre aponta para uma realidade ou para uma situação que diz respeito à existência humana*.

Para D. Allen, biógrafo e estudioso de Eliade, a base hermenêutica da metodologia do historiador estaria nas estruturas simbólicas: **“associações de sistemas simbólicos estruturados, coerentes, autônomos e universais**¹⁸⁹”. Nelas, Eliade teria fundamentado sua interpretação dos fenômenos religiosos.

As hierofanias – manifestações do sagrado expressas em símbolos, mitos dos seres sobrenaturais, etc. – se compreendem enquanto **estruturas**, e constituem uma linguagem anterior a todo pensamento reflexivo e que necessite uma hermenêutica particular. Depois deste trabalho hermenêutico, os materiais que se encontram à disposição do historiador das religiões apresentam uma série de “mensagens” que esperam ser descritas e entendidas. Estas mensagens não nos falam somente de um passado morto há muito tempo, mas revelam situações existenciais de grande interesse para o homem moderno.¹⁹⁰

¹⁸⁸ Em diversos momentos da tradução para o português da obra de Eliade foi usado o termo estrutura (ou modelo) para a palavra *pattern*. No entanto, acreditamos ser também interessante entender também como *padrão*. Desta forma, fica mais clara a similaridade com a obra junguiana, que define o arquétipo como *pattern of behaviour*, ou *padrão de comportamento*.

¹⁸⁹ Douglas ALLEN, *op. cit.*, p. 18.

¹⁹⁰ Las hierofanías —es decir, las manifestaciones de lo sagrado expresadas en símbolos, mitos de los seres sobrenaturales, etc.— se comprenden en cuanto estructuras, y constituyen un lenguaje anterior a

Vale ressaltar que Eliade não concentrou seus estudos em símbolos “isolados” numa cultura específica, mas em entender de que forma os diversos significados de um símbolo articulam-se num sistema estruturado de associações simbólicas. Essa perspectiva que busca a *totalidade* e a estrutura de um simbolismo resolveria as contradições que aparecem nas diversas versões particulares.

(...) não é “situando” um símbolo na sua própria história que se resolverá o problema essencial, ou seja: o que nos revela não uma “versão particular” de um símbolo, mas a *totalidade* de um simbolismo. Constatamos que as diversas significações de um símbolo encadeiam-se, são solidárias com um sistema. As contradições que se podem perceber entre as diversas versões particulares são, na maior parte do tempo, apenas aparentes: elas se resolvem a partir do momento que se considera o simbolismo como um todo, que se define sua estrutura.¹⁹¹

Para Allen esta postura fenomenológica e hermenêutica leva Eliade a não interpretar um símbolo isoladamente, o que seria ininteligível. “Eliade não interpreta um símbolo determinado se este não estiver formando parte de um sistema de associações simbólicas¹⁹²”.

Eliade se propõe a determinar, em primeiro lugar, a função dos símbolos religiosos e o conteúdo do que revelam. Suas conclusões mais importantes são que o pensamento simbólico é um modo de conhecimento autônomo que possui uma estrutura específica; que os símbolos têm sua própria “lógica” e se agrupam em sistemas estruturados e lógicos; que todo simbolismo coerente tem caráter universal; que todo sistema simbólico tende a preservar sua estrutura própria, independente da consciência daquele que o utiliza.¹⁹³

todo pensamiento reflexivo y que necesite una hermenéutica particular. Después de este trabajo hermenéutico, los materiales que se encuentran a disposición del historiador de las religiones presentan una serie de «mensajes» que esperan ser descritos y entendidos. Estos mensajes no nos hablan solamente de un pasado muerto hace mucho tiempo, sino que revelan situaciones existenciales de gran interés para el hombre moderno. ELIADE, Mircea *Prefacio de: ALLEN, op. cit.*, p. 14.

¹⁹¹ ELIADE, *Imagens e Símbolos*, p. 163.

¹⁹² ALLEN, *op. cit.*, p. 142.

¹⁹³ ALLEN, *op. cit.*, p. 143.

Ao que interessa ao tema desta dissertação, exemplificamos com o sistema simbólico da água:

Também a sacralidade das águas e a estrutura das cosmologias e dos apocalipses aquáticos só podem ser reveladas, integralmente, através do simbolismo aquático, que é o único “sistema” capaz de integrar todas as revelações particulares das inúmeras hierofanias. Naturalmente este simbolismo aquático não se manifesta em parte alguma de modo concreto, não tem “suporte”, é constituído por um conjunto de símbolos interdependentes e suscetíveis de se integrarem num sistema, mas nem por isso é menos, real. Basta que nos lembremos da coerência do simbolismo da imersão nas águas (batismo, dilúvio, “Atlântida”), da purificação pela água (batismo, libações funerárias), da pré-cosmogonia (as águas, o “lotos” ou a “ilha”, etc.), para nos darmos conta de que estamos em presença de um “sistema” bem articulado, sistema que, evidentemente, está implícito em qualquer hierofania aquática, por modesta que seja, mas que se revela mais claramente através de um símbolo (por exemplo, o “dilúvio”, ou o “batismo”) e só se revela totalmente no simbolismo aquático, tal como se destaca de *todas* as hierofanias.¹⁹⁴

Ainda com relação à dinâmica dos símbolos e das Imagens, Eliade defende a posição de que os símbolos jamais deixam de atuar na psique, mudando de aspecto: ***“A mais pálida das existências está repleta de símbolos, o homem mais ‘realista’ vive de imagens. Repetindo, (...) os símbolos jamais desaparecem da atualidade psíquica: eles podem mudar de aspecto; sua função permanece a mesma. Temos apenas de levantar suas máscaras”***¹⁹⁵.

III. 1.4 A psicologia analítica e o símbolo

Jung destaca que a experiência simbólica é a única dimensão realmente importante da análise: ***“o numinosum, a experiência simbólica, é tudo, a única dimensão significativa do processo analítico”***¹⁹⁶. No entanto, o conceito de símbolo na

¹⁹⁴ ELIADE, *Tratado de história das religiões*, p. 366.

¹⁹⁵ ELIADE, *Imagens e Símbolos*, p. 13. O grifo é nosso.

¹⁹⁶ Marie-Louise Von FRANZ, *Psicoterapia*, p.223.

obra junguiana, que aparece em diferentes momentos, raramente é apresentada de forma clara e direta. Para os menos familiarizados, é fácil confundir símbolo com imagens primordiais, idéias, arquétipos¹⁹⁷, complexos, aspectos, representações, vivências, conteúdos, sinais, signos, etc. As principais fontes de simbolismo são: mitos e contos de fadas; ensinamentos esotéricos, como a alquimia e o gnosticismo; sonhos e fantasias, como a imaginação ativa.

De forma concisa, Jung define símbolo como “a melhor descrição, ou fórmula, de um fato relativamente desconhecido; um fato todavia reconhecido ou postulado como existente¹⁹⁸”. E sobre sua natureza, reflete:

Não se trata de um signo arbitrário e intencional que representa um fato conhecido e concebível, mas de uma expressão admitidamente antropomórfica – portanto, limitada e apenas parcialmente válida – de algo supra-humano e apenas parcialmente concebível. Pode ser a melhor expressão possível, mas no entanto ela se classifica abaixo do nível de mistério que procura descrever.¹⁹⁹

Para Jung, o **símbolo** é o mecanismo psicológico que transforma energia psíquica²⁰⁰, colocando a consciência em movimento. Esse movimento impele a psique à assimilação dos conteúdos inconscientes contidos no símbolo. Essa assimilação leva à formação pela consciência de concepções, orientações e conceitos²⁰¹.

Os símbolos funcionam como **transformadores** conduzindo a libido de uma forma “inferior” para uma forma superior. Esta função é tão importante que a intuição lhe confere os valores mais altos. O símbolo age de modo sugestivo, convincente, e ao

¹⁹⁷ “*tendências* inatas da mente humana para formar representações muito variáveis sem perder seu padrão/modelo/forma de base” Cf. Jung, *A Vida Simbólica*, par. 523 p. 230. “tendências de criar representações muito variáveis, mas sem perder seu modelo primitivo”. Em vista do caráter ambíguo desta tradução em relação à versão em inglês, apresentamos as duas para efeito de comparação. Em inglês: “The archetype is ... na inherited *tendency* of the human mind to form representations that vary a great deal without losing their **basic pattern**. JUNG 1961 CW 18 *Symbolic Life*. par. 523 O grifo é do próprio autor.

¹⁹⁸ JUNG, *Psychological Types*, p. 601.

¹⁹⁹ JUNG, *Psychology and Religion*, par. 307.

²⁰⁰ JUNG, *The Structure and Dynamics of the Psyche*, par. 88.

²⁰¹ Erich NEUMANN, *A Grande Mãe*, p. 22.

mesmo tempo, exprime o conteúdo da convicção. Ele age de modo convincente graças ao númeno, que é a energia específica própria do arquétipo. A vivência do último não é só impressionante, mas de fato “comovente”. Ela produz fé naturalmente.²⁰²

Quanto à origem dos mesmos, em *O homem e seus símbolos*, Jung destaca que os símbolos não podem jamais ser fabricados por vontade do indivíduo. Eles podem ser manipulados, como exemplo, por uma estratégia de “marketing”, uma campanha política, manipulações em massas (como o uso de mitos teutônicos pelos nazistas²⁰³), mas não inventados.

Devo fazer notar, no entanto, que os símbolos não ocorrem apenas nos sonhos; aparecem em todos os tipos de manifestações psíquicas. ***Existem pensamentos e sentimentos simbólicos, situações e atos simbólicos. Parece mesmo que, muitas vezes, objetos inanimados cooperam com o inconsciente criando formas simbólicas.*** (...) Há muitos símbolos, no entanto (e entre eles alguns do maior valor), cuja natureza e origem não é individual, mas sim *coletiva*. Sobretudo as imagens religiosas.²⁰⁴

Os símbolos **irrompem** na consciência. Eles surgem nos sonhos, pois estes funcionam como um sistema de compensação, complementar, da psique²⁰⁵. Um *feedback* para a psique se equilibrar. Mas também irrompem na vigília, no momento em que alguma pessoa, algum objeto, pensamento ou sentimento, ou alguma situação da dimensão concreta, objetiva, “material” pode receber uma projeção de um conteúdo do inconsciente coletivo. Ainda sobre a definição do complexo conceito de símbolo, podemos entender que eles surgem nos momentos em que os arquétipos “aparecem”, ou “mostram-se” para a consciência. Na experiência prática, obrigatoriamente, o arquétipo é, ao mesmo tempo, imagem e emoção.

²⁰² JUNG, *Símbolos da Transformação*, par. 344. O grifo é do próprio autor.

²⁰³ JUNG, *O Homem e Seus Símbolos*, p. 79.

²⁰⁴ JUNG, *Definitions*, CW 6, par. 815 IN: Daryl SHARP, *Léxico Junguiano*, p. 55. O grifo é nosso.

²⁰⁵ JUNG, *O Homem e Seus*, p. 49.

E só podemos nos referir a arquétipos quando estes dois aspectos [imagem e emoção] se apresentam simultaneamente. Quando existe apenas a imagem, ela equivale a uma descrição de pouca consequência. Mas quando carregada de emoção a imagem ganha numinosidade (ou energia psíquica) e torna-se dinâmica, acarretando consequências várias.²⁰⁶

O símbolo, como manifestação de um arquétipo, também **é uma imagem carregada de emoção**. Logo, todo símbolo é arquetípico. Para o arquétipo do Pai, por exemplo, existem certos símbolos determinados: aqueles relacionados à ordem, à razão, ao poder, às leis, à diferenciação entre bem e mal, dentre outros. Estão inseridas aí, a espada, a balança, as linhas retas e inflexíveis, etc. Não há símbolo sem um, ou mais, arquétipo(s) correspondente(s). Para a psicologia analítica, **arquétipos são imagens** conectas ao indivíduo mediante uma “verdadeira ponte de emoções”. Então, entendemos que imagem arquetípica e símbolo são sinônimos.

Quando o arquétipo manifesta-se no aqui e no agora do espaço e do tempo, ele de algum modo pode ser percebido pela mente consciente. Então falamos de um **símbolo**. Isso significa que todo símbolo é ao mesmo tempo um arquétipo, e que é determinado pelo ‘arquétipo *per se*’ não-perceptível. A fim de aparecer como um símbolo, deve ter, em outras palavras, “uma planta-baixa arquetípica”. Mas um arquétipo não é necessariamente idêntico a um símbolo. Como uma estrutura de indefinível, como um “sistema de prontidão”, “um centro invisível de energia”, etc. (...) **o arquétipo é contudo sempre um símbolo potencial**, e toda vez que uma constelação psíquica geral, uma condição adequada de consciência estiver presente, seu “núcleo dinâmico” estará *pronto para realizar-se e manifestar-se como um símbolo*.²⁰⁷

Dentre as características do arquétipo, vale dizer que “é impossível dar a qualquer arquétipo uma interpretação arbitrária (ou universal); ele precisa ser explicado de acordo com as condições totais de vida daquele determinado indivíduo a quem ele se

²⁰⁶ *Ibid.*, p. 96.

²⁰⁷ Jolande JACOBI, *Complex/Archetype/Symbol*, pp. 74-75.

relaciona²⁰⁸”. Resumindo, para a psicologia analítica, ao contrário do senso comum, os símbolos não surgem da consciência. Os símbolos emergem do inconsciente coletivo.

Jung está convencido de que a natureza do ser humano conduz à formação de cultura, à criação de símbolos, ao controle de energia de modo que o seu fluxo possa ser dirigido para esses conteúdos espirituais e mentais.²⁰⁹

Diferentemente dos animais, que vivem em função dos instintos e desejos físicos, o homem canaliza sua energia vital para outros caminhos, como por exemplo: a cultura, as artes, mitos, as ciências, a especialização do trabalho, etc. Então, a energia dos instintos e desejos físicos adotou, também, uma outra direção na espécie humana. Para a psicologia analítica, tais mudanças se dão pela criação de análogos, os *símbolos*.

Ainda para Jung, os símbolos, ou imagens arquetípicas, são o “nutriente” da psique que busca se conhecer, e provêm de uma dimensão maior, anterior, supraconsciente. Seriam “atirados” contra o ego, para serem assimilados e elaborados, estruturando a consciência. **Porém, os símbolos, precisam ser compreendidos, senão são pouco eficazes.** “É que os símbolos gerados pelo inconsciente têm que ser ‘entendidos’ pela consciência, isto é, têm que ser assimilados e integrados para se tornarem eficazes. Um sonho não compreendido não passa de um simples episódio, mas a sua compreensão faz dele uma vivência²¹⁰”.

Resumindo esquematicamente nossas conclusões, temos:

- “O papel dos símbolos religiosos é dar significação à vida do homem²¹¹”.
- O símbolo é uma manifestação dos arquétipos percebida pela consciência;
- Os símbolos são imagens metafóricas, analogias ou parábolas;
- Eles irrompem na consciência quando manifestações psíquicas (vivências, sentimentos, pensamentos, objetos materiais) recebem energia psíquica;

²⁰⁸ JUNG, *O Homem e Seus Símbolos*, p. 96.

²⁰⁹ Murray STEIN, *Jung – O Mapa da Alma*, p. 80.

²¹⁰ JUNG, *A Prática da Psicoterapia*, par. 252.

²¹¹ JUNG, *O Homem e Seus Símbolos*, p. 26.

- Tal energia vital, libidinal, ou psíquica torna-se perceptível porque a manifestação citada tem um grande potencial para desenvolver a consciência;
- A abordagem de um símbolo nunca o esgota ou o compreende completamente, uma vez que este faz parte do inconsciente coletivo, um universo muito maior que o da consciência;
- O símbolo possui natureza, estrutura e dinâmica próprias;
- Não são fabricados pelo Eu, eles irrompem na consciência. São “atirados” contra ela;
- Quando ignorados, desprezados ou reprimidos, os símbolos não desaparecem. Eles continuam a atuar, consciente ou inconscientemente, alojados na *sombra* do inconsciente pessoal;
- Os símbolos são a linguagem dos sonhos. E possuem uma função compensatória;
- A atividade simbólica tem duas funções: desenvolver a consciência rumo à Individuação, e equilibrar este processo;
- Jung considera que os sonhos são o “mais fecundo e acessível campo de exploração²¹²” para investigar a faculdade de simbolização do homem;
- “Não se pode dizer de nenhuma imagem simbólica que ela tenha um significado universal e dogmático²¹³”.
- Não se pode dar a um arquétipo uma interpretação arbitrária ou universal, tampouco a um símbolo. Todo símbolo deve ser interpretado levando em conta a individualidade da pessoa, cultura ou sociedade, na qual ele irrompeu.

Edward Edinger, membro fundador do Instituto C. G. Jung de Nova Iorque, é também um grande teórico da psicologia analítica. Dentre suas obras, *Ego e Arquétipo* contém importantes contribuições para o estudo da atividade simbólica humana.

²¹² *Ibid.*, p. 26.

²¹³ *Ibid.*, p. 30.

Edinger inicia seus apontamentos pela palavra **significado**. Ele entende que esta palavra tem dois usos diferentes. **Um deles diz respeito aos significados dos dicionários**, por exemplo. São abstratos e objetivos, veiculados por **signos**. **O outro tipo de significado é vivo. Não diz respeito a algo abstrato, mas a um estado psicológico fortemente tocante e afetivo.** Existe, então, uma relação orgânica com a vida como um todo. Esse outro tipo de significado é o **símbolo**. “Os sonhos, os mitos e as manifestações artísticas transmitem esse significado subjetivo e vivo, bem diferente do objetivo e abstrato²¹⁴”.

O símbolo é dotado de um dinamismo subjetivo que exerce sobre o indivíduo uma poderosa atração e um poderoso fascínio. Trata-se de uma entidade viva e orgânica que age como um mecanismo de liberação e de transformação de energia psíquica. Podemos dizer, portanto, que **o signo é morto e o símbolo vivo.**²¹⁵

Edinger entende que o homem necessita tanto dos signos como dos símbolos e complementa suas conclusões diferenciando três padrões possíveis entre o ego e o símbolo, ou em sua palavras, entre o ego e a psique arquetípica. **Primeiro:** o ego pode identificar-se com o símbolo; **segundo:** o ego pode estar alienado do símbolo; e **terceiro:** o ego, embora claramente separado da psique arquetípica, é receptivo aos efeitos das imagens simbólicas. Esta última é a desejável.²¹⁶ Tal classificação será importante para discutirmos a crise ecológica no rio Tietê, em capítulos subseqüentes.

Por ora, passamos a descrever as conseqüências desfavoráveis quando o ego se identifica demasiadamente com a primeira ou a segunda posição. Quando excessivamente identificado com o símbolo (primeira posição), a imagem simbólica é vivida **concretamente**. O indivíduo não faz distinção entre os símbolos da psique arquetípica e a realidade exterior. Tal posição, denominada **falácia concretista** foi característica dos povos primais. Por exemplo, as crenças animistas, as ilusões e delusões dos psicóticos e as superstições diversas.

²¹⁴ Edward EDINGER, *Ego e Arquétipo*, p.156.

²¹⁵ *Ibid.*, p. 158.

²¹⁶ *Ibid.*, p. 159.

As misturas confusas de realidades psíquicas e físicas, tais como a prática da alquimia e da astrologia e os numerosos cultos atuais voltados para a obtenção de cura enquadram-se nessa categoria. A mesma falácia está em ação entre aqueles fiéis religiosos que compreendem erroneamente as imagens simbólicas religiosas, acreditando que se refiram a fatos concretos em termos literais, e que tomam suas próprias convicções religiosas pessoais ou paroquiais pela verdade universal e absoluta. Há risco de se sucumbir à falácia concretista sempre que se é tentado a aplicar uma imagem simbólica a fatos físicos externos, com o propósito de manipular esses fatos em proveito próprio. Os símbolos só exibem efeitos válidos e legítimos quando servem para modificar nosso estado psíquico ou nossa atitude consciente. Seus efeitos serão ilegítimos e perigosos quando aplicados, de forma mágica, à realidade física.²¹⁷

Com a fixação do ego na segunda posição, tem-se a problemática oposta, chamada ***falácia redutivista***. Os símbolos são reprimidos ou suprimidos para fora da consciência, constituindo no inconsciente pessoal, a sombra. **O símbolo é reduzido a signo.**

A falácia redutivista tem como base a atitude racionalista que supõe poder ver além dos símbolos, descobrindo seu significado “real”. Esta abordagem reduz todas as imagens simbólicas a fatores elementares, conhecidos. Ela opera com base na suposição de que não existe nenhum verdadeiro mistério, nenhum elemento essencial desconhecido que transcenda a capacidade de compreensão do ego. Assim, nos termos desta concepção, não pode haver símbolos verdadeiros; há apenas signos. Para aqueles que estão convencidos disso, o simbolismo religioso não passa de sinal de ignorância e superstição primitiva. A falácia redutivista é compartilhada igualmente pelos teóricos da psicologia que consideram o simbolismo como um mero funcionamento primitivo, pré-lógico do ego arcaico.²¹⁸

Essa degradação da vida simbólica equivaleria aos conceitos de dessacralização e des-simbolização de Eliade, onde os símbolos passam de sagrado a profano. Ainda com relação às falácias concretista e redutivista, Edinger postula que tais não ocorrem por simples vontade racional. Estariam, antes, submetidas ao próprio desenvolvimento

²¹⁷ *Ibid.*, p. 160.

²¹⁸ *Ibid.*, p. 160.

da personalidade, da consciência. De forma empírica, a concretista é mais encontrada no primitivo e na criança, estágios iniciais de desenvolvimento do ego; a segunda, mais elaborada, é característica da modernidade e da vida adulta jovem. **No entanto, ressalta Edinger, a falácia redutivista deve ser superada, pois ela provoca uma dissociação entre o ego e o inconsciente, empecilho quando se almeja alcançar a totalidade.**²¹⁹

Por fim, a posição ideal estaria na receptividade, por parte do ego, dos conteúdos simbólicos arquetípicos, sem, no entanto, estar identificado com a psique. Nesta categoria “torna-se possível uma espécie de diálogo consciente entre o ego e os símbolos que emergem. Assim, o símbolo é capaz de realizar sua função própria de liberador e transformador de energia psíquica com a plena participação do entendimento consciente²²⁰”.

Poderemos compreender todas as práticas desumanas dos ritos e rituais selvagens, assim como os sintomas neuróticos e as perversões, se percebermos como um símbolo se comporta inconscientemente. A proposição básica é: **um símbolo inconsciente é vivido, mas não é percebido.** (...) o ego, identificado com a imagem simbólica, torna-se vítima dessa imagem, condenado a viver concretamente o significado do símbolo, em vez de entendê-lo conscientemente. Quando o ego é identificado com a psique arquetípica, o dinamismo do símbolo só será visto e experimentado como um impulso para a luxúria ou para o poder. Isso explica a diferença entre a psicologia profunda de Jung e todas as demais teorias psicológicas.²²¹

Neste ponto, evidencia-se um aspecto importante para analisar a crise no Tietê: se o simbolismo ligado ao Tietê passou de uma condição de *vida* para uma de *morte*, como visto nos primeiros capítulos e no exemplo da falácia redutivista, relegando o conteúdo emocional desta ligação ao inconsciente cultural paulista²²², este conteúdo será, segundo a psicologia analítica, exteriorizado por meio de agressões inconscientes contra o rio. E assim, não bastam apenas estratégias de limpeza física do rio, mas seria

²¹⁹ *Ibid.*, p.162.

²²⁰ *Ibid.*, p.159.

²²¹ *Ibid.*, p.162. *O grifo é nosso.*

²²² Poderíamos estender esta idéia em relação aos atuais conceitos de *complexo cultural*. No entanto, isso delongaria em demasia a discussão do tema. Deixamos a referência: SINGER, Ed. E KIMBLES, Samuel L. *The Cultural Complex*. Nova Iorque: Routledge, 2004.

necessário conscientizar as pessoas acerca da repressão ocorrida, e o trauma psíquico perpetrado, a fim de se elaborar este conteúdo *sombrio*.

III. 1.5 A interface dos conceitos

O que têm em comum as teorias de Cassirer, Eliade e Jung? Basicamente, os três criaram um universo simbólico próprio, uma visão universal que traduz a experiência humana em *formas* que buscam dar sentido à existência. Isso lhes possibilitou “entender, interpretar, articular e organizar, sintetizar e universalizar²²³”. Na grande originalidade de seus pensamentos, o ponto mais coincidente está na “descoberta” de uma estrutura dotada de forma, conteúdo, e movimento. Seus estudos constituíram uma qualidade de morfologia da experiência humana. Cassirer identificou as **formas simbólicas** – o mito, a religião, a arte, a linguagem, a história, a ciência; Eliade, os diferentes sistemas estruturados de **hierofanias**, analisando os diversos simbolismos religiosos – a estrutura e morfologia do sagrado; e Jung, os símbolos dos **arquetípos**.

Para Cassirer toda obra humana possui princípios estruturais gerais subjacentes. Mas Cassirer não estuda a vida do homem individualmente. Ele desenvolve uma teoria geral do conhecimento e uma filosofia antropológica²²⁴ partindo do mito, da linguagem, da religião e da arte²²⁵. Jung partiu do individual e chegou no coletivo. Estudando os doentes mentais de Burgholzli encontrou um fio comum que ligava seus delírios aos mitos de sociedades primitivas. Suas conclusões aproximam-se às de Cassirer, e em certo modo, as ultrapassa.

Embora Cassirer não reconheça uma face inconsciente da dinâmica simbólica, admite que esta propriedade do ser é que nos faz fundamentalmente humanos. Por este lado, o símbolo dá acesso ao mundo da cultura humana, e pela ótica da psicologia analítica, o símbolo dá acesso ao mundo “espiritual” do inconsciente, auto-organizador e auto-transcendente. Para Eliade, o estudo do significado dos símbolos (1) enriquece a mente e a vida do hermenauta, (2) revela certos valores não aparentes no nível da

²²³ CASSIRER, *Ensaio sobre o Homem*, p. 359.

²²⁴ Cf. *Ibid*, p. 75.

²²⁵ Cf. *Ibid*, p. 108.

experiência imediata e (3) leva o hermenauta a uma descoberta da *totalidade* da vida em amplos panoramas de símbolos²²⁶.

O humano, segundo Cassirer, entende e age no mundo relacionando-se com seus símbolos. Símbolos que, diferentemente das imagens, têm um sentido, e transitam na dimensão do possível. A capacidade de simbolizar capacita o homem a reformular constantemente o seu universo. Para Jung, tal reformulação não ocorre por acaso e nem sem propósito: o fim é a integração consciente dos conteúdos do inconsciente e a Individuação, processo que se dá através de uma sucessão de ativação de arquétipos²²⁷. Em contraponto, podemos observar que Cassirer aponta suas reflexões para a função, não para uma substância metafísica do humano²²⁸.

Embora, ainda como foco de discussão, a psicologia analítica admita um “instinto” inato, qual seja o da Individuação, admite também a essência do inconsciente coletivo. Cassirer desacredita no *vinculum substantiale* humano, valorizando um *vinculum functionale*; e a psicologia analítica incorpora ambos. Eliade também assinala um fim comum convergente:

(...) o simbolismo vestimentar solidariza a pessoa humana, por um lado, e com o cosmos, por outro, (...) Todas elas convergem para um fim comum: a abolição dos limites do ‘fragmento’ que é o homem no seio da sociedade e no meio do cosmos e a sua integração (...) numa sociedade mais vasta: a sociedade, o universo.²²⁹

Por fim, os três autores concordam que a linguagem, o mito, a religião, etc. não são criações isoladas, aleatórias. Estão unidas por um vínculo comum: o *símbolo*. É preciso entender este vínculo para entender o homem. Concluímos também que o conhecimento humano está intrinsecamente ligado com sua espiritualidade: não se pode separar a atividade simbólica de sua contraparte espiritual, religiosa. Em suma, a hermenêutica do simbolismo religioso viabiliza o saber e o desenvolvimento da consciência, que acreditamos serem fundamentais para analisar o quadro problema no Tietê.

²²⁶ Cf. Eliade, *Ordeal by Labyrinth*, p. 128-130.

²²⁷ Para aprofundar esta questão, veja Neuman, *A História da Origem da Consciência*.

²²⁸ Cf. CASSIRER, *Ensaio sobre o Homem*, p. 115.

²²⁹ ELIADE, *Imagens e Símbolos*, p. 368.

Quarta Parte

O HOMO SYMBOLICUM, A ÁGUA E O RIO

*Quando a História das Religiões se tornar a “disciplina completa” que deveria ser, compreender-se-á que o mundo do “Inconsciente”, assim como os extraordinários mundos dos não-ocidentais podem ser mais bem analisados no plano dos valores e dos comportamentos religiosos.*²³⁰

Mircea Eliade

Nessa parte, apresentamos o simbolismo da água e do rio²³¹ como subsídio para busca e compreensão da imagem simbólica oculta na crise ecológica no rio Tietê. Para tanto, partimos para a descrição dos mitos, símbolos religiosos, sonhos e imaginações poéticas. Fazemos uso de dicionários de símbolos, dos textos de Eliade, Girard, Jung²³² e Bachelard²³³. Em seguida, nos atemos ao simbolismo contido no imaginário referente ao Tietê e às águas de sua bacia. Para isso, contamos com estudos de etnonímia, mitos e lendas indígenas, folclore regional, textos de jornais e revistas.

²³⁰ ELIADE, *The two and the one*, p. 11.

²³¹ Analogamente, poderiam ser aprofundados outros símbolos pertinentes ao Tietê, tais como: peixe, pântano, ponte, corrente, seca, espelho, chuva, ponte, fonte, sereia, serpentes, banho, ablução. Reservamos esta ampliação para um outro estudo, mais amplo.

²³² O colega e biógrafo de Jung, Laurens van der Post chega a afirmar que, para Jung, ninguém podia viver longe da água. “Pensava na presença de água em lago, rio, lago novamente e sua desdobrada significação dentro da consciência do homem. (...) Creio que essa convicção inabalável lhe vinha numa idade tão precoce, que a água, tanto do lago, quanto do rio, já se constituía num elemento básico do movimento de abertura da orquestração de seu próprio espírito”. Laurens VAN DER POST, *Jung e a história de nosso tempo*, p. 102.

²³³ Bachelard relata possuir uma “identificação primordial” com a água, elemento presente nos riachos e rios de sua infância. Lembra com saudosismo do povoado de várzeas do Vallage, em Champagne. Conta que tinha quase trinta anos quando viu o mar pela primeira vez. E em *A água e os sonhos*, coloca: “neste livro falarei mal do mar (...) falarei dele permanecendo sob a influência dos clichês escolares relativos ao infinito. No tocante ao meu devaneio, não é o infinito que encontro nas águas, mas a profundidade”. BACHELARD, *A Água e os Sonhos*, p. 09.

Capítulo IV. 1

O simbolismo da água

Estudar a simbologia da água envolve a complexidade de um elemento que é concomitantemente essencial à vida, primordial na constituição da natureza e, sobretudo, “o símbolo mais comum do inconsciente”²³⁴. Logicamente, neste estudo, não almejamos uma análise pormenorizada do simbolismo da água, que demandaria, por si só, uma outra dissertação. Por outro lado, é indispensável realizar um levantamento geral deste simbolismo, para analisarmos, posteriormente, sua relação com o imaginário associado ao rio Tietê.

Em concordância com a abordagem do *Homo symbolicum*, nesta parte, a importância da água para o ser humano será explorada nas dimensões espiritual e psíquica. Com relação à água e as religiões, importam as constatações de Mircea Eliade, Jean Chevalier e Marc Girard. Para a dimensão psíquica, os principais autores utilizados são Gaston Bachelard e Carl Gustav Jung.

O simbolismo da água pode assumir uma grande diversidade de interpretações para a consciência. Segundo Eliade, o simbolismo aquático é “o único ‘sistema’ capaz de integrar todas as revelações particulares das inumeráveis hierofanias”²³⁵. Logo, para simplificar tal complexidade, os autores dividem a interpretação do simbolismo aquático em diferentes categorias.

Girard considera-o um simbolismo matricial, que contém matrizes de vida e de morte. Divide-o em: água primordial, aprisionada, livre e semilivre; sendo que cada uma destas categorias é subdividida em: simbolismo cósmico, antropológico, religioso, do mal e psicológico.

²³⁴ JUNG, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, par. 40.

²³⁵ ELIADE, *O sagrado e o profano*, p. 111.

Em *Tratado de História das Religiões*²³⁶, **Eliade** divide o simbolismo da água nas seguintes categorias: as águas e os germes; cosmogonias aquáticas; hilogenias; a “água da vida”; simbolismo de imersão; o batismo; a sede do morto; fontes miraculosas e oraculares; epifanias aquáticas e divindades das águas; as ninfas; Posídon, Aegir, etc.; animais e símbolos aquáticos; simbolismo do dilúvio.

Segundo **Chevalier**²³⁷, o simbolismo da água pode ser reduzido a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação e centro de regenerescência.

Por sua vez, o filósofo, psicanalista e poeta, **Gaston Bachelard** (1884-1962), dedicou seus escritos à filosofia clássica, por um lado, e por outro, à poética da imaginação da matéria. Nesta última, escreveu livros sobre os elementos naturais, tais como: o fogo, o ar e a água. Em seu ensaio *A Água e os Sonhos*²³⁸, descreve as seguintes variações: as águas claras, as águas primaveris, as águas correntes, as águas amorosas, as águas profundas, dormentes, mortas, compostas, doces, violentas e a água mestra da linguagem. Diferentemente de Jung, Bachelard reflete sobre a “imaginação material” da água, em documentos poéticos e imaginativos, buscando o *psiquismo hidrante*. Ao invés de analisar o simbolismo de sonhos, mitos, fantasias e textos alquímicos ou bíblicos.

Ao longo dos dezoito volumes da obra²³⁹ publicada de **Jung**, o tema da água é citado ou usado como metáfora diversas vezes, em onze destes volumes²⁴⁰. Para ele, além do simbolismo religioso supra citado, existe um componente *psicodinâmico* do símbolo, que será melhor explicado adiante. Seguindo esta perspectiva, optamos por dividir a descrição do simbolismo²⁴¹ aquático em: *religioso* (ou material), e *psicodinâmico* (ou dinâmico). Passemos à descrição do primeiro.

IV. 1.1 O simbolismo religioso

Como foi visto anteriormente, todo símbolo contém em si a dualidade dos opostos. Com relação à água, esta ambivalência está presente no tema: fonte de vida ou

²³⁶ ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, p. 153.

²³⁷ Jean CHEVALIER; Alain GHEERBRANT, *Dicionários de símbolos*.

²³⁸ BACHELARD, *A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*.

²³⁹ Para este capítulo, foram usados, principalmente, os volumes V, VI, VIII e IX Obras Completas de C. G. Jung.

²⁴⁰ JUNG, *General index of the collected Works*, p. 713.

²⁴¹ Sobre os componentes do símbolo, ver: NEUMANN, *A Grande Mãe*, pp. 19 e 22.

de morte. Ela é criadora e destruidora. E, com relação ao batismo, ou as abluções rituais, seu simbolismo compreende ambos os pólos, como a morte e a rejeição do velho e o nascimento, ou a regeneração a algo novo. Optamos por valorizar a descrição dos seguintes aspectos simbólicos da água: (1) fonte de vida; (2) morte e destrutividade; (3) meio de purificação e regenerabilidade; e (4) entidades aquáticas. Essa classificação também será usada, posteriormente, para a análise do imaginário ligado ao rio.

IV. 1.1.1 A água como fonte de vida

O simbolismo da água como fonte de vida abrange inúmeros significados: origem e fonte de vida, fertilidade, cosmogonia e sabedoria. Como uma massa indiferenciada, que representa a “infinidade dos possíveis”, contém o virtual, o informal, o germe dos germes e promessas de desenvolvimento²⁴². Nos planos espiritual e corporal, exalta significantes de vida, força e pureza, caos indiferenciado primordial, ou matéria-prima da criação. “Nas tradições judaica e cristã, a água simboliza, em primeiro lugar, a origem e a criação. (...) Fonte de todas as coisas, manifesta o transcendente e deve ser, em consequência, considerada como uma *hierofania*²⁴³”. É ainda a origem e o veículo de toda vida, o sopro vital (*prana*), símbolo universal de fertilidade e fecundidade. **“A água viva, a água da vida se apresenta como um símbolo cosmogônico. E porque ela cura, purifica e rejuvenesce, conduz ao eterno”²⁴⁴.**

Bachelard aponta que águas superficiais materializam “mal”, ou seja, não deixam à imaginação “tempo para trabalhar a matéria”. Neste ponto incluem-se inicialmente as águas claras e as águas brilhantes; com um pouco mais de profundidade estaria a água anual, “como uma água que vai da primavera ao inverno e que reflete facilmente, passivamente, levemente, todas as estações do ano²⁴⁵”. E logo, o poeta, em profundidade, depara-se com a água viva, “a água que renasce de si, a água que não muda, a água que marca com seu signo indelével as suas imagens, a água que é um órgão do mundo, um alimento dos fenômenos corredios, o elemento vegetante, o elemento lustrante, o corpo das lágrimas²⁴⁶”. Para a imaginação poética, uma água

²⁴² CHEVALIER, *Dicionários de símbolos*, p. 15.

²⁴³ *Ibid.*, p. 16.

²⁴⁴ *Ibid.*, p. 16. O grifo é nosso.

²⁴⁵ BACHELARD, *A Água e os Sonhos*, p. 12.

²⁴⁶ *Ibid.*, p. 12.

“preciosa” torna-se seminal. “Uma gota de água poderosa basta para criar um mundo e para dissolver a noite. Para sonhar o poder, necessita-se apenas de uma gota imaginada em profundidade. A água assim dinamizada é um embrião; dá à vida um impulso inesgotável²⁴⁷”.

Para Eliade, as águas simbolizam a totalidade das virtudes, a “matriz de todas as possibilidades de existência²⁴⁸”. Elemento que representa, por excelência, o indiferenciado, o virtual, a substância primordial de onde tudo nasce e para onde tudo volta – “por regressão ou cataclismo²⁴⁹”. As águas existirão sempre, mas nunca sozinhas. São sempre germinativas, residindo em sua essência à virtualidade de todas as formas. Torna-se um símbolo de vida – a “*água viva*”. “Rica em germes, ela fecunda a terra, os animais, a mulher²⁵⁰”. Desse modo, o simbolismo das águas está presente em todo o ciclo vital, representando vida, morte e renascimento.

Os mitos cosmogônicos nunca tinham como ponto de origem um símbolo da Terra, porque as águas é que “precedem e suportam qualquer criação, qualquer ‘construção firme’, qualquer manifestação cósmica²⁵¹”. Em povos de todos os continentes, é comum a mitologia descrever a origem do gênero humano ou de uma raça particular como derivados da água. Além disso, a idéia fundamental é a de que a formação da matéria proveio das águas – hilogenia.

A água como substância mágica, medicinal, rejuvenescedora, as fontes da juventude, do amor e a “**água da vida**”, são fórmulas míticas de uma mesma realidade metafísica e religiosa. “Na água reside a vida, o vigor e a eternidade²⁵²”. Na dimensão mitológica, a água cura porque “refaz a criação” e também pela sua propriedade de absorver o mal “graças ao seu poder de assimilação e de desintegração de todas as formas²⁵³”. Logicamente, a “água da vida” não é acessível a qualquer um.

[Esta água] está guardada por monstros. Acha-se em territórios de difícil penetração, na posse de demônios ou divindades. O caminho para a sua origem e a sua obtenção

²⁴⁷ *Ibid.*, p. 10.

²⁴⁸ ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, p. 153.

²⁴⁹ *Ibid.*, p. 153.

²⁵⁰ *Ibid.*, p. 153.

²⁵¹ *Ibid.*, p. 155.

²⁵² *Ibid.*, p. 157.

²⁵³ *Ibid.*, p. 158.

implicam uma série de consagrações e de ‘provas’, exatamente como na busca da ‘árvore da vida’.²⁵⁴

Em se tratando de vida espiritual, a água também aparece como símbolo da **sabedoria**, porque não tem contestações. “É livre e desimpedida, corre segundo o declive do terreno²⁵⁵”. É a **medida**, “pois que o vinho forte demais deve ser misturado com a água, mesmo em se tratando do vinho do conhecimento²⁵⁶”. Para os babilônicos, nas águas também reside a sabedoria: os oráculos, muitas vezes, estão localizados próximos à água. Fontes e espelhos d’água também revelam propriedades oraculares. Outras vezes, os profetas bebiam água de fontes sagradas ou misteriosas, o que lhes conferia seu poder.

“Na mitologia guarani, a *água* é tida como símbolo de vida, sabedoria e moderação²⁵⁷”. Para Prezia, o grupo tupi - tupinambá, tupinikim, guarani, etc. - tinha uma grande ligação simbólica (e afetiva) com a água, sendo esta uma referência para a escolha das áreas de ocupação²⁵⁸.

Para os Tupis, Mara, a filha do cacique, engravidou durante um sonho e sua filha Mandi morre ainda muito pequenina. Ao derramar suas lágrimas e seu leite sobre o túmulo da filha, desejando que a mesma renascesse, brota, um dia, um arbusto de mandioca. Assim, originou-se o principal alimento indígena. Na mitologia Maué, são as lágrimas dos amigos do alegre e bondoso Aguiry que deveriam regar o local onde foram enterrados os olhos do menino. Deste local surgiu uma planta nova, que tem as sementes em forma de olhos, o *Guaraná*.

Na mitologia dos índios Kamaiurá, que fazem parte do tronco Tupi-Guarani²⁵⁹ (o mesmo dos primeiros habitantes de São Paulo), a água e seus elementos aparecem na origem dos homens, como símbolo de origem e fim da vida. Mavutsinim, o Primeiro Homem, transformou uma concha da lagoa em uma linda mulher e casou-se com ela. Com relação ao primeiro Kuarup, a festa dos mortos, os troncos de árvore que tomaram

²⁵⁴ *Ibid.*, p. 157.

²⁵⁵ CHEVALIER, *Dicionários de símbolos*, p. 16.

²⁵⁶ *Ibid.*, p. 16.

²⁵⁷ Benedito A. PREZIA, *op. cit.* p. 144.

²⁵⁸ O simbolismo da água para os tupis será melhor abordado em capítulos posteriores. Vale aqui a observação de Prezia quanto às áreas de ocupação.

²⁵⁹ Kaká Werá JECUPÉ, *A terra dos mil povos*, p. 104.

vida foram, ao final, retirados da terra e lançados ao fundo das águas, onde permaneceriam para sempre. Em outro mito, existe a canoa encantada que ao tocar a água, cobre-se com muitos peixes, dos mais variados tipos²⁶⁰. E as mulheres *Iamuricumás* lançaram suas crianças ao rio e estas se tornaram peixes²⁶¹.

IV. 1.1.2 Morte e destrutividade

A água também comporta um poder maléfico: ela pode destruir, engolir e até punir os pecadores, sem atingir os justos. Como água “amarga”, ela produz a maldição. Pode dar abrigo a monstros ou, se estiver agitada, pode significar o mal e a desordem²⁶². A água aprisionada simboliza as forças agressivas do mal e da morte. É o que Bachelard denomina de *água violenta*, caracterizada como um tipo de cólera. Neste ponto, a água “muda de sexo”, torna-se masculina.

Bachelard estuda, na poética de Edgar Poe, a água como um mediador plástico entre a vida e a morte. “Lendo Poe, compreendemos mais intimamente a estranha vida das águas mortas, e a linguagem ensina a mais terrível das sintaxes, a sintaxe das coisas que morrem, a vida que morre²⁶³”.

Dentre suas conclusões, coloca que a água é também um *tipo de destino*, que “metamorfoseia incessantemente a substância do ser²⁶⁴” e que tal transformação traz, àquele que se identifica com a água, sofrimento infinito.

O ser voltado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. A morte cotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal. Em numerosos exemplos veremos que para a imaginação materializante a morte da água é mais sonhadora que a morte da terra: o sofrimento da água é infinito.²⁶⁵

²⁶⁰ Waldemar ANDRADE e SILVA, *Lendas e mitos dos índios brasileiros*. Os mitos deste livro também podem ser encontrados em VILAS BOAS, *Xingu*.

²⁶¹ ANDRADE e SILVA, *Lendas e mitos dos índios brasileiros*, p.22.

²⁶² CHEVALIER, *Dicionários de símbolos*, p. 18.

²⁶³ BACHELARD, *A Água e os Sonhos*, p. 13.

²⁶⁴ *Ibid.*, p. 14.

²⁶⁵ *Ibid.*, p. 07.

Para Girard, o temor e a fascinação exercida pela água estão nas profundezas do subconsciente. O autor lembra que a água estagnada dos pântanos ou a água “parada” acabam provocando doença ou morte (contaminação). E que transbordamentos e inundações causam muitas vezes males maiores às agricultura e às cidades. Só a água livre é que escaparia desta qualidade negativa.

Sucedem também frequentemente que a água aprisionada ou semilivre dos mares, rios e poços devore sem piedade navegadores, nadadores e imprudentes (afogamento); nos países bíblicos, as torrentes impetuosas, que descem imprevisivelmente pelos vales secos, arrastam homens e animais e tudo o que encontram pela frente. Em suma, quando sofre uma constrição por todos os lados (aprisionada) ou num tanque (semilivre), a água pode constituir um perigo de morte.²⁶⁶

Uma vez que as forças adversas, a doença e a morte têm a propriedade de reter, acorrentar e subjugar suas vítimas, o tipo de água que as simboliza só pode ser também retido, acorrentado, subjugado e aprisionado. Daí as metáforas correntes: “cadeias demoníacas”, “laços da morte”.²⁶⁷

O mar, por ser o destino final de todos os rios e regatos, também está ligado à idéia de morte. “Afim, toda água libertada é prisioneira sob *sursis*. Ou seja, sua execução está, momentaneamente, suspensa ou adiada. E, analogamente, o destino do homem, é ser reabsorvido, reencerrado”²⁶⁸.

Girard descreve ainda diversos aspectos do simbolismo das águas na Bíblia. Uma ameaça grave é “entrar nas águas” (SI 66,12; 69,3), “passar pelas águas” (Is 43,2) ou sofrer uma terrível inundação. Ser tirado das grandes águas “é ter a experiência da salvação”. As águas fechadas simbolizam o sofrimento causado pelo pecado (SI 32,6) ou pelo distanciamento geográfico (SI 42,8), a provação (SI 88,7-8.18; Jó 22,11; Lm 3,54), a decepção (IMc 6,11) e a velhice (SI 71,20).²⁶⁹

Na mitologia dos índios Munducuru, a estrela dos lagos vive nos lagos e rios da Amazônia, sendo conhecida como Mumuru. No mito, Maraí, bela e jovem, amava a natureza e adorava brincar perto do lago. Seu maior sonho era tornar-se uma estrela. Era

²⁶⁶ Marc GIRARD, *Os símbolos na bíblia*, p. 196.

²⁶⁷ *Ibid.*, p. 196.

²⁶⁸ *Ibid.*, p. 189.

²⁶⁹ *Ibid.*, p. 197.

a melhor amiga dos peixes, das aves e de outros animais. Desejando tornar-se estrela, numa noite, junto aos peixes do lago, **encanta-se com sua própria imagem refletida nas águas, sendo por estas atraída e delas não retornando nunca mais.** A pedido dos peixes, e dos outros animais, *Jacy* (a Lua) a transformou na planta vitória-régia, que tem a flor em formato de estrela, que enfeita e perfuma, a rainha da noite, a estrela dos lagos.²⁷⁰

Ponaim, na mitologia Tupi, era bela e também amava as matas e as águas dos rios e lagoas. Despertava paixões nos jovens e depois os abandonava. O forte guerreiro Anhurawi por ela se apaixonou e a condição do casamento era que ele fosse buscar a pele do cobiçado Cervo Berá. Este, para escapar do guerreiro, atirou-se no abismo da gruta Caverá e na lagoa Parobé. Anhurawi o seguiu e ambos acabaram por desaparecer. “Desde aquele dia, a bela Ponaim, tomada de profunda tristeza e arrependimento, caminha pela beira da lagoa e lá permanece até o anoitecer (...)”.²⁷¹

Potyra, também Tupi, amava o jovem chefe da tribo nas areias brancas do rio, onde ficavam horas. Um dia veio a guerra, e Potyra caminhava às margens do rio, a esperar por ele. Muito tempo depois, sabendo da morte de seu amado, Potyra pôs-se a chorar todos os dias, na mesma praia onde se amavam. Tupã transformou suas lágrimas em diamantes. “Desta maneira, as águas levavam as preciosas pedrinhas até a sepultura do guerreiro, como prova de seu eterno amor”.²⁷²

IV 1.1.3 Meio de purificação e regenerabilidade

Conforme interpreta Eliade, na água tudo se dissolve, se desintegra, e toda a história é abolida. Tudo o que é mergulhado na água, “morre”. E ao emergir, renasce com uma criança sem pecados e sem “história”, um recomeço “limpo”. Logo, no mundo antigo, mesmo as estátuas eram ritualmente banhadas, em rios ou lagos, reintegrando as forças das deusas e deuses, principalmente da fecundidade e da agricultura. “A imersão equivale, no plano humano, à morte, e, no plano cósmico, à catástrofe (o dilúvio) que dissolve periodicamente o mundo no oceano primordial.

Além da sua propriedade de solvente universal, a água é o instrumento da purificação ritual por excelência. “Do Islã ao Japão, passando pelos ritos antigos

²⁷⁰ ANDRADE e SILVA, *op. cit.*, p.36.

²⁷¹ *Ibid.*, p.42.

²⁷² *Ibid.*, p.46.

taoístas, sem esquecer a aspersão dos cristãos, a ablução²⁷³. A água da fonte remete ao mistério da sobrevivência, da purificação das sujeiras e dos segredos do real. “A água é objeto de uma das maiores valorizações do pensamento humano: **a valorização da pureza**²⁷⁴”. Insere-se aqui, também, o tema clássico da fonte da juventude²⁷⁵.

Ainda em concordância com a idéia de que a água está simbolicamente presente em todo o ciclo vital, a libação dos mortos em diferentes culturas tem como objetivo o seu apaziguamento, a abolição dos sofrimentos, a regeneração do morto por uma “dissolução” total na água. Além deste sentido, também o de “germinação”, a “transformação em semente”, é representado por tais mitologias.

O dilúvio, por sua vez, implica uma destruição e um renascimento purificado. A humanidade, de tempos em tempos, ciclicamente, devido aos seus pecados, precisa ser purificada pela catástrofe aquática. Como visto, as águas antecedem e dão origem à criação e, periodicamente, reintegram-na para purificá-la, regenerando-a e enriquecendo-a com novas potencialidades latentes. Como um evento cíclico, o dilúvio geralmente é associado à lua, símbolo, por excelência, do devir cíclico, da morte e ressurreição (Água-Lua-Devir).

Para os Juruna, família indígena do tronco Juruna, Sinaá, o mais poderoso pajé, frente às grandes chuvas e à ameaça de inundação, construiu uma imensa canoa onde preservou uma muda de cada espécie vegetal. **“Em poucos dias o rio transbordou e a enchente cobriu toda a região, mas o grande pajé livrou seu povo da fome**²⁷⁶”. Quando mais velho, Sinaá **remoçava a cada banho de cachoeira**, para que pudesse viver até o fim de seu povo.

O simbolismo da imersão na água²⁷⁷ foi integrado e enriquecido pelo cristianismo, tornando-se o principal instrumento de regeneração espiritual. “O batismo de São João procurava não a cura das enfermidades corpóreas, mas a redenção da alma, o perdão dos pecados. (...) a imersão na água batismal equivale ao enterramento de Cristo²⁷⁸”.

²⁷³ CHEVALIER, *Dicionários de símbolos*, p. 16.

²⁷⁴ BACHELARD, *A Água e os Sonhos*, p. 15.

²⁷⁵ GIRARD, *Os símbolos na bíblia*, p. 198.

²⁷⁶ ANDRADE e SILVA, *Lendas e mitos dos índios brasileiros*, p.22.

²⁷⁷ Para uma análise detalhada sobre a simbologia da água no batismo, ver: GIRARD, *op. cit.*, pp. 223-230.

²⁷⁸ ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, p. 159.

IV. 1.1.4 Entidades aquáticas

Os gregos possuíam uma vasta mitologia aquática, bem como variados cultos em rios, fontes, lagos e mares. Além disso, realizavam sacrifícios de animais atirados ao mar, às nascentes e aos rios. Dentre suas divindades, quase sempre, as das águas nascem das águas, como, por exemplo, as ninfas, divindades das águas correntes, de todas as fontes, de todas as nascentes²⁷⁹.

Mas como a própria natureza mortal e vital da água, que desintegra e germina, que mata e coopera no nascimento, as ninfas também causam morte, medo e sofrimento. “A ‘fascinação’ das ninfas conduz à loucura, à abolição da personalidade²⁸⁰”.

Como representações das diferentes propriedades dinâmicas das águas, animais tais como dragões, serpentes, conchas, delfins e peixes regulam a fecundidade do mundo e o ritmo da vida. Na literatura chinesa é freqüente a ligação do dragão com a fecundidade, bem como com a nobreza dos imperadores e reis. Os dragões são ainda os guardiões dos ritmos, além de investidos das virtudes celestes.

Para os Tupis, no início não existia a noite. **Esta pertencia a uma enorme serpente, que vivia no fundo das águas.**²⁸¹

Os Kaingang, do tronco Jê, o espírito do Mal – *M'Boy*, transforma-se numa grande serpente que se atira nas águas do rio Iguaçu dando origem às grandes cataratas. Os amantes proibidos Tarobá e Naípi (prometida para *M'Boy*) são tragados pela grande catarata, transformando-se em palmeira (Tarobá) e pedra no fundo das águas (Naípi).²⁸²

Tarobá foi transformado em uma palmeira no alto das quedas e Naípi em uma pedra nas profundezas de suas águas. Do alto, o jovem apaixonado contempla sua *amada*, sem poder *tocá-la*. Resta-lhe apenas murmurar seu amor quando a brisa lhe sacode a fronde. Em todas as primaveras lança suas flores para Naípi, através das águas, como prova de seu amor. A jovem está sempre banhada por um véu de águas claras e frescas, que lhe amenizam o calor de seus sentimentos. Ainda hoje, *M'Boy* permanece escondido numa gruta escura, vigiando atentamente os jovens apaixonados. Ouve-se dizer que, quando o

²⁷⁹ Cf. ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, p. 162. *O grifo é nosso*.

²⁸⁰ *Ibid.*, p. 162.

²⁸¹ ANDRADE e SILVA, *op. cit.*, p.48.

²⁸² Cf. *Ibid*, p.30.

arco-íris une a palmeira à pedra, pode-se vislumbrar uma luz que dá forma aos dois amantes, podendo-se ouvir murmúrios de amor e lamento.²⁸³

IV. 1.2 O componente *psicodinâmico* do símbolo da água

Para entender a psicodinâmica do simbolismo da água na abordagem junguiana, é preciso considerar a água e o inconsciente, bem como a água como símbolo do arquétipo da Grande-Mãe. Como símbolo do inconsciente, a água pode representar tanto aspectos mais superficiais, relativos ao inconsciente pessoal – a sombra; como, se profundas ou demasiado grandes, do inconsciente coletivo. Já em relação ao arquétipo da Grande-Mãe, a água está ligada ao simbolismo da vida e da morte, ao útero, ao ventre e ao seio.

Uma vez que um símbolo que irrompeu na consciência não é compreendido, torna-se parte do inconsciente pessoal do indivíduo ou da comunidade. Para Jung, se a dissociação entre o ego e a psique for intensa, o próprio “mecanismo” de *feedback* psíquico irá tender a equilibrar esta separação. Isto pode aparecer em símbolos onde o ego é levado a buscar a água profunda de um vale, e lá, por exemplo, uma jóia preciosa; ou então, num levante de águas revoltas, numa grande chuva torrencial ou num afogamento, significando um estado de invasão do ego por parte do inconsciente.

Esta contaminação é que precisa ser purificada pelo crescimento de consciência proporcionado pelo processo analítico. E neste, o primeiro passo é o confronto com a sombra, onde residem tais poluentes. Para encontrar a sombra, é preciso descer à dimensão profunda do inconsciente, onde, não raro, deve-se travar uma batalha com um monstro, a fim de obter o “tesouro”, a purificação da “água da vida”.

Então, essas profundidades, em nível de tão grande inconsciência que surge em nosso sonho, contêm ao mesmo tempo a chave para a individualidade, em outras palavras, para a cura. **O significado de "totalidade" ou "total" é tornar sagrado ou curar.** A descida à profundidade trará a cura. É o caminho para o encontro pleno, para o tesouro que a humanidade sempre buscou sofrendo, e que se esconde num lugar guardado por um perigo terrível. É o lugar da inconsciência primordial e, ao mesmo tempo, da cura e redenção, pois contém a jóia da inteireza. **É a caverna onde mora o dragão do caos, e**

²⁸³ *Ibid.*, p.30.

também a cidade indestrutível, o círculo mágico ou *temenos*, o recinto sagrado onde todos os fragmentos separados da personalidade se encontram.²⁸⁴

Em **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo [1976] - Sobre o renascimento [1939; 1950]**, Jung relembra que “a consciência não produz sua própria energia²⁸⁵”, ela precisa da integração da energia psíquica, ou libido, que se dá pela conscientização dos conteúdos arquetípicos, por meio dos símbolos. Logo, o ego que vivencia uma grande perda de energia psíquica necessita, muitas vezes, do contato com a “água da vida”.

No texto ***Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo***²⁸⁶ [1934; 1954]²⁸⁷, Jung advoga que o empobrecimento da dimensão simbólica na idade moderna pode levar a psique a produzir imagens que levam à água. A iconoclastia da Reforma haveria cindido as muralhas que protegiam as imagens sagradas cristãs e, desde então, o homem questiona a veracidade de suas imagens arquetípicas, baseando-se na razão para entendê-las.

Logo, o homem moderno, de deuses mortos, cuja vida não habita mais as igrejas, está como a alma que procura o pai perdido. A água aqui atua como uma condensação do espírito, **um símbolo do inconsciente profundo, um porto-seguro para onde a consciência deve retornar para religar-se com a dimensão simbólica, espiritual.** Isso traria um novo significado e um novo fluir para a criatividade e a energia psíquica.

Para Jung, um dos significados da água para a psique seria o da “água misteriosa”, tocada pelo anjo (o vento, o *pneuma*), adquirindo então o poder curativo – milagre da vivificação da água, da piscina de Betesda. **Psicologicamente, a água representa o espírito que se tornou inconsciente.** Logo, ela pode proporcionar a cura, a “vida”. A descida ao vale das águas profundas, ou escuras, sempre precede uma subida, é indispensável para a ascensão, um grande crescimento da consciência.

Em se tratando do desencantamento da natureza e do empobrecimento dos símbolos, é preciso percorrer o caminho da água. Como apresenta Jung, este caminho sempre tende a descer e é preciso percorrê-lo em direção às águas do inconsciente, para resgatar o tesouro, “a preciosa herança do Pai”. Novamente, os perigos dessa descida podem ser simbolizados pelo dragão que guarda o poço onde jaz

²⁸⁴ JUNG, *Fundamentos de Psicologia Analítica*, par.270.

²⁸⁵ JUNG, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, par. 248.

²⁸⁶ JUNG, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, 2000.

²⁸⁷ Aparece entre colchetes o ano de publicação do volume original em alemão.

uma pérola preciosa; pela entrega aos prazeres mundanos e pelo esquecimento da busca, dentre outros. Ainda em sonhos, o símbolo da água surge para um paciente numa série de episódios. **Neste ponto, Jung ressalta que a “água é o símbolo mais comum do inconsciente”.**²⁸⁸

Detalhando a jornada de descida às águas do inconsciente, em resgate do espírito, do simbolismo perdido ou da natureza desencantada, **Jung coloca que o primeiro estágio é o encontro com a sombra. E esta é a “primeira prova de coragem no caminho interior”, por sinal, “coisa de aprendiz”.** Assim, a visão do espelho de água reflete nossa própria imagem, fielmente, ao contrário da *persona* que mostramos ao mundo. E tal imagem é desagradável, pois nos mostra aquilo que evitamos em nós mesmos e jaz em nosso inconsciente pessoal. Como o movimento da psique é em direção da totalidade, da individuação, os conteúdos esquecidos ou reprimidos do inconsciente pessoal (que constituem os complexos) deverão ser integrados à consciência. A sombra (e seus complexos) está viva e quer comparecer, sendo impossível apagá-la por meio da razão, pura e simplesmente. Integrar a sombra e encontrar a *anima* levam o ser rumo à superação dos opostos, à alteridade e à totalidade, à real democracia e à saúde ecológica. Portanto, ainda que perigoso e amedrontador, talvez percorrer este caminho revele-se uma das poucas opções à crise ecológica moderna (aprofundaremos esta discussão no último capítulo da dissertação).

Em continuação, por trás da imagem do espelho de água, existem ainda outros seres, representantes do ser mágico feminino, arquétipo da vida²⁸⁹, que Jung denominou *anima*. “Ela [a *anima*] é algo que vive por si mesma e que nos faz viver; é uma vida por detrás da consciência”.²⁹⁰ Ainda sobre esta, “tudo o que é tocado pela anima torna-se numinoso, isto é, incondicional, perigoso, tabu, mágico”.²⁹¹ Neste estágio de confronto com a anima é que Jung acredita residir a grande obra-prima do ego.

Além de representar o inconsciente, a água aparece também como símbolo da Grande-Mãe, ou do que denominaremos de Grande-Feminino. São atributos positivos do arquétipo materno:

²⁸⁸ *Ibid.*, par. 40.

²⁸⁹ *Ibid.*, par. 66.

²⁹⁰ *Ibid.*, par. 57.

²⁹¹ *Ibid.*, par. 59.

(...) o ‘maternal’: simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos.²⁹²

Quanto aos negativos, relacionaremos mais adiante. Por ora, colocamos ainda os três aspectos essenciais da mãe: “sua bondade nutritiva e dispensadora de cuidados, sua emocionalidade orgiástica e sua obscuridade subterrânea²⁹³”.

O significado maternal da água é um dos simbolismos mais claros da mitologia, como diziam os antigos: o mar – símbolo do nascimento. A vida vem da água, daí também os dois deuses que mais nos interessam, Cristo e Mitra; este último nasceu às margens de um rio, Cristo ‘renasce’ no rio Jordão. Além disso, nasceu da ‘contínua fonte do amor’, da Mãe de Deus, que a lenda pagão-cristã transformou em ninfa da fonte. A ‘fonte’ também existe no mitraísmo: uma dedicatória diz ‘Fonti perenni’. Uma inscrição de Apulum leva a dedicatória: ‘Fons aeternus’. Em persa, ardîçûra é a fonte com a água da vida. Ardîçûra-Anâhita é uma deusa da água e do amor (assim como Afrodite é a ‘nascida na espuma’). Nos Vedas as águas chamam-se mâtritamah = as mais maternais. Tudo o que é vivo emerge da água, como o Sol, e no fim do dia torna a nela submergir. Nascido das fontes, dos rios e dos mares, o homem na morte chega às águas do Estige, para iniciar a ‘viagem noturna pelo mar’.²⁹⁴

Em resumo, Jung explora em várias de suas obras o simbolismo da água, “o símbolo mais comum do inconsciente²⁹⁵”. Este símbolo pode representar:

- O inconsciente em geral²⁹⁶;
- Uma grande proximidade com o inconsciente;

²⁹² *Ibid.*, par. 158.

²⁹³ *Ibid.*, par. 158.

²⁹⁴ IDEM, *Símbolos da Transformação*, par. 319.

²⁹⁵ IDEM, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, par. 40.

²⁹⁶ JUNG, *A Prática da Psicoterapia*, par. 17.

- A proximidade com conteúdos sombrios, as “águas profundas”;
- A “perda da alma” dos antigos, um *abaissement du niveau mental*;
- O espírito que se tornou inconsciente²⁹⁷;
- O arquétipo materno²⁹⁸;
- Água em movimento pode significar o fluir da vida, ou o fluir da energia²⁹⁹;

²⁹⁷ JUNG, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, par. 40.

²⁹⁸ *Ibid.*, par.156.

²⁹⁹ JUNG, *A Prática da Psicoterapia*, par. 15.

Capítulo IV. 2

O SIMBOLISMO DO RIO

Não deveis atravessar jamais as águas dos rios de eterno curso, antes de ter pronunciado uma prece, com os olhos fixos em suas correntes magníficas, e antes de ter mergulhado vossas mãos nas águas agradáveis e límpidas. Aquele que atravessar um rio sem purificar as mãos do mal que as macula, atrairá sobre si a cólera dos deuses, que lhe enviarão, depois, castigos terríveis.

Hesíodo

IV. 2.1 O simbolismo religioso

As características mais marcantes no simbolismo do rio são³⁰⁰: a fertilidade, ou fecundidade, a vida presente nas águas, o fluxo constante - ninguém pode se banhar duas vezes no mesmo rio; a possibilidade universal, a fluidez das formas, morte e renovação. **“O curso das águas é a corrente da vida e da morte (...) o rio simboliza sempre a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções, e, a variedade de seus desvios³⁰¹”.**

Os cursos de água que fertilizam a terra lembram naturalmente a vida e a fecundidade. Na mitologia hindu, por exemplo, Sarasvati é o rio sagrado, centro de todas as águas, mãe de todos os rios, deusa que simboliza o poder vivificador da Palavra. (...) Alguns textos egípcios parecem atribuir à água do Nilo virtudes que conferem a imortalidade ou, ao menos, que combatem a esterilidade dos animais e das mulheres.³⁰²

³⁰⁰ CHEVALIER, *op. cit.*, p. 780.

³⁰¹ *Ibid.*, p. 780.

³⁰² GIRARD, *op. cit.*, p. 200.

Não raro, encontra-se nas mitologias o simbolismo do rio dividido em duas qualidades: um rio “do *Alto*”: puro, límpido e ligado à vida “O Jordão foi obrigado por Jesus a correr para cima. É o rio que sobe e por isto é o gerador dos deuses³⁰³”; e um rio “de *Baixo*”: infernal, pútrido, cheio de corpos e ligado à morte. “A cor branca e brilhante é, além do mais, a cor característica dos rios do mundo superior, enquanto a cor preta e escura é a cor dos rios do mundo inferior³⁰⁴”.

O *rio do Alto* (rio do mundo de cima) da tradição judaica é o rio das graças e das influências celestes. Esse rio que vem do alto desce na vertical, conforme o eixo do mundo; depois, suas águas expandem-se horizontalmente, a partir do *centro*, no sentido das quatro direções cardeais, chegando até *as extremidades do mundo*: são os quatro rios do Paraíso terrestre. (...) O *rio do Alto* é também o Ganga (o Ganges) da Índia, o rio purificador que flui da cabeleira de Xiva. Ele é o símbolo das *águas superiores*, embora seja também, na sua qualidade de rio que tudo purifica, o instrumento da liberação. Na iconografia, o Ganga e o Yamuna são os atributos de Varuna como *soberano das Águas*. A corrente do Ganga é de tal modo uma corrente realmente *axial*, que, segundo a crença, ela *passa por um tríplice caminho*, percorrendo o céu, a terra e o mundo subterrâneo.³⁰⁵

Entre os gregos, os rios inspiravam veneração e temor. Eram divindades, como filhos do Oceano e pais das Ninfas, às quais ofereciam-se cultos e rituais. “Os nomes dos rios dos Infernos indicam quais são os tormentos reservados aos condenados: Aqueronte (dores), Flegetonte (queimaduras), Cocito (lamentações), Estige (horrores), Lete (esquecimento)³⁰⁶”. Na Bíblia, também aparecem como sinal de opressão, desgraça e morte. “Moisés (...) foi ‘tirado das águas’ fluviais, que simbolizam a opressão egípcia; atirar no rio os recém-nascidos masculinos dos hebreus era exterminar a raça³⁰⁷”.

³⁰³ JUNG, E. *Aion – Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*, par. 330.

³⁰⁴ CAVALCANTI, M. *Mitos da Água*, p. 102.

³⁰⁵ Cf. Jean CHEVALIER, *Dicionário de símbolos*, p. 781.

³⁰⁶ Jean CHEVALIER, *Dicionário de símbolos*, p. 781.

³⁰⁷ GIRARD, *op. cit.*, p. 200.

Costumava-se oferecer-lhes sacrifícios, afogando, em suas águas, touros e cavalos vivos. Não se podia atravessá-los senão após ter cumprido os ritos da purificação e da prece. Como toda divindade fertilizante, tinham o poder de submergir, irrigar ou inundar, e de transportar os barcos em suas águas ou de afundá-los: suas decisões eram sempre misteriosas.³⁰⁸

Muitas vezes, o rio aparece como um espaço sagrado, onde são oferecidos presentes ou sacrifícios aos deuses. É também local onde imagens e estátuas são banhadas, por exemplo, para ganharem nova força. Semelhante a isto, o rio também é local sagrado de batismos e purificações, de renascimentos espirituais e morte simbólica. No simbolismo cristão e gnóstico, o símbolo do rio está presente diversas vezes. Seja como os quatro rios do paraíso (representando, dentre outras coisas, os evangelhos), o rio onde Cristo “renasceu”, o rio de água da vida (ou água viva), a água da doutrina, o rio gerador dos deuses, o rio do Salvador, o rio da sabedoria.

O nome dos quatro rios bíblicos [Fison, Gheon, Tigre, Eufrates] que banham o Paraíso podem purificar, numa perspectiva mágico-religiosa, qualquer “cosmos” e, portanto, o microcosmos que é o corpo do homem ou do animal.³⁰⁹

Pois os paraísos que estão sobre os rios são semelhantes e aparentados àquele Paraíso no qual está a árvore da vida. Mas podemos considerar os rios como sendo as escrituras evangélicas, ou também como auxílio dos anjos ou das forças celestes para tais almas. Com efeito, elas são irrigadas e inundadas por eles e alimentadas para toda ciência e todo conhecimento das coisas celeste, embora nosso Salvador também seja um rio que alegra a cidade de Deus; o Espírito Santo não é somente o próprio rio, como torrentes de água que brotarão do ventre daqueles aos quais Ele for dado.³¹⁰

A doutrina dos naasenos ensinava que os quatro rios do Paraíso correspondiam aos sentidos da visão, audição, olfato e à boca. O Eufrates estaria ligado à boca, por onde sai a oração e entra o alimento e é colocado como o quarto rio. Como explica

³⁰⁸ CF. Jean CHEVALIER, *Dicionário de símbolos*, p. 781.

³⁰⁹ ELIADE, *Tratado da História das Religiões*, p. 361.

³¹⁰ JUNG, *Aion – Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*, par. 336, nota 125.

Jung, o quarto componente tem sempre uma grande importância. Ele relaciona o homem com a totalidade, transformando a tríade. Os naasenos consideram sua instância divina central uma serpente (Naas), a qual é uma “substância úmida”, concordando com Tales de Mileto, que “concebia a água com a substância primordial³¹¹”.

Esta água [a do Eufrates], continua o texto, “é aquela que fica por cima do firmamento e a respeito da qual dizem que o Salvador declarou: se conhecesses quem é que te pergunta, pedirás a Ele e Ele te daria de beber água viva”. Nesta água mergulha tudo o que é criado [literalmente: a natureza], pois ela [a criatura] escolhe as suas próprias essências, e é desta água que vem tudo o que a criatura tem de próprio (...) A água maravilhosa do Eufrates tem, como mostra a referência a *João 4,10*, o significado da “aqua doctrinae” [água da doutrina], que completa a individualidade de toda a criação e, por conseguinte, totaliza o homem, conferindo-lhe, de certo modo, uma força magnética capaz de atrair o que lhe pertence e de integrá-lo.³¹²

Inúmeros são também os cultos, realizados por diferentes grupos humanos nas fontes “curativas”, nos rios e riachos, nos poços termais e salinas. Tamanha era a força destas hierofanias, que nenhuma revolução religiosa pôde aboli-los. “Alimentado pela devoção popular, o culto das águas acabou por ser tolerado até mesmo pelo cristianismo, depois das perseguições infrutíferas da Idade Média. A continuidade cultural estende-se, por vezes, desde o Neolítico até os nossos dias³¹³”.

Nas diversas mitologias, aparecem deuses das águas de ambos os sexos. A exemplo da grega, Oceano, Fórcis, Prometeu, Nereu, Posídon, Tritão, Glauco, Aquelô, Escamandro, Céfiso, dentre outros, representam divindades masculinas. Já Tétis, as Ninfas, as Nereidas, as Náíades (ou Crenéia), as Limneidas e as Sereias são femininas³¹⁴. O próprio Oceano é tido, por tradições mais antigas como “um imenso rio que circunda o mundo terrestre”. “Entre os gregos, era concebido como um **rio-**

³¹¹ *Ibid.*, par. 311.

³¹² *Ibid.*, par. 288-89.

³¹³ ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, p. 163.

³¹⁴ Para uma descrição pormenorizada, vide CAVALCANTI, *Mitos da Água*.

serpente, que cercava e envolvia a terra. Mitologicamente, é uma personificação da água que rodeia o mundo³¹⁵”.

(...) Oceano é não somente a fonte primal da criação, mas também da sabedoria, do conhecimento. (...) Oceano exerce basicamente a função de ser o fluxo da energia vital que corre incessantemente do Uno, do Self, de seu corpo, para a construção do mundo. (...) Ele é exatamente o limite entre o mundo arquetípico, pré-formal, e o mundo sensível das formas.³¹⁶

Seguindo a geração dos deuses, Oceano e Tétis dão origem a três mil rios (segundo Hesíodo). Os mesmos eram adorados em templos e altares, e como oferenda sacrificavam-se cavalos e touros. Seus deuses estariam em palácios secretos, nas nascentes dos rios. E de lá, coordenavam o curso das águas. Os deuses dos rios, como Aquelôo e Escamandro manifestavam sua fúria com o transbordamento de suas águas, afogando seus inimigos, ou arrastando-os para o mar. Geralmente, aparecem como velhos respeitáveis, de barba e cabeleira longa.

Em outro aspecto, o rio é um *axis mundi*, um grande rio cósmico de onde tudo vem e para onde tudo retorna. É o caso do Boand (Irlanda), o Severn (Grã-Bretanha), o Jordão (Palestina), o Tibre (Itália) etc³¹⁷.

IV. 2.2 O componente *psicodinâmico*

A psicodinâmica do símbolo do rio pode assumir, como o próprio elemento, aspectos relativos à “descida ao oceano”, a “reunião na totalidade das águas”, uma travessia necessária de uma margem à outra, e o “retorno à fonte”.

A descida para o oceano é o *ajuntamento das águas*, o retorno à indiferenciação, o acesso ao Nirvana; o remontar das águas significa, evidentemente, o retorno à Nascente divina, ao Princípio; e a travessia é a de um obstáculo que separa dois

³¹⁵ CAVALCANTI, *Mitos da Água*, p. 21.

³¹⁶ *Ibid.*, pp. 33-34.

³¹⁷ CF. Jean CHEVALIER, *Dicionário de símbolos*, p. 781.

domínios, dois estados: o mundo fenomenal e o estado incondicionado, o mundo dos sentidos e o estado de *não vinculação*. A *margem oposta*, ensina o Patriarca zen Hueineng, é a paramita, e é o estado que existe para além do ser e do não-ser. Aliás, esse estado é simbolizado não só pela *outra margem*, como também pela *água corrente sem espuma*.³¹⁸

Acreditava-se que os rios têm sua origem e destino num mesmo ponto, o Uno, o Oceano, o Princípio universal, símbolos do Self junguiano. “O centro de onde tudo se origina e para onde tudo retorna³¹⁹”. Nesse sentido, o animal mais frequentemente associado ao rio é a serpente – Uroboro – origem de todas as coisas e o elo de ligação com o feminino e o conhecimento do Inconsciente.

Os rios participariam, portanto, da origem do mundo, trazendo “a fertilidade do Self para irrigar a terra, a consciência, tornando-a criativa³²⁰”. Podemos entender o rio como a corrente, o fluxo de energia psíquica que mantém a vitalidade da consciência, um “canal condutor para a realização da essência divina³²¹”. **“A água em movimento pode significar o fluir da vida ou o fluir da energia³²²”.**

Para Jung, aquele que se aventura corajosamente a enfrentar os desafios e dificuldades das constantes transformações demandadas pela Individuação, tem por destino o prêmio da realização espiritual, que jaz na dimensão arquetípica, grande mar para onde correm todos os rios. De fato, os rios podem ser entendidos como metáforas para os arquétipos, os quais “impulsionam” o Eu rumo à totalidade, representando **o fluxo de energia vital** ou psíquica.

(...) o arquétipo é um alvo espiritual para o qual tende toda a natureza do homem; é o mar em direção ao qual correm todos os rios percorrem seus acidentados caminhos; é o prêmio que o herói conquista em sua luta com o dragão.³²³

³¹⁸ Jean CHEVALIER, *Dicionário de símbolos*, p. 780.

³¹⁹ CAVALCANTI, *Mitos da Água*, p. 99.

³²⁰ *Ibid.*, p. 100.

³²¹ *Ibid.*, p. 101.

³²² JUNG, *A Prática da Psicoterapia*, par. 15.

³²³ JUNG, *A Natureza da Psique*, par. 415.

Jung também interpreta o símbolo da margem do rio como fronteira, limiar, entre o consciente e o inconsciente³²⁴. Outras vezes, o rio pode surgir como símbolo da sabedoria. Num sonho de uma paciente, a “*água que flui do cume da montanha, graças a um engenho espantoso*”, simboliza “o rio da Sabedoria”, de “cuja fonte jorram águas³²⁵”.

Comparativamente, podemos ainda opor o “rio da vida” - um fluxo “saudável” da libido (ou energia psíquica), onde os conteúdos simbólicos do inconsciente são integrados ao eu; ao “rio da morte” – onde os complexos e a “poluição da libido” estagnam o fluxo energético.

Do lado psicológico, **a libido é como a água, que precisa de um declive para correr.** Como uma represa que contém energia potencial, cujas águas em declive podem movimentar turbinas e gerar eletricidade, a energia psíquica pode gerar desenvolvimento da consciência. Para tanto, ela precisa de caminhos ‘atraentes’ para poder correr, de símbolos que a atraiam. E conseqüentemente, que despertem nossas emoções. Jung reflete a este respeito em:

A constituição das analogias por isso é um problema difícil, pois devem ser idéias que atraiam a libido. A meu ver, seu caráter especial está no fato de serem arquétipos, formas universalmente presentes e hereditárias que, em sua totalidade, constituem a estrutura do inconsciente. Se Cristo fala a Nicodemus de espírito e água, não são idéias quaisquer, mas pensamentos típicos que desde os tempos mais remotos exerceram fascínio sobre a mente. Ele faz alusão ao arquétipo e, se alguma coisa puder convencer Nicodemus, será este elemento convincente, pois os arquétipos são as formas ou leitões nos quais o rio dos fenômenos psíquicos corre desde sempre.³²⁶

³²⁴ JUNG, Aion –Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo, par. 237.

³²⁵ Jung, Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo, par 336.

³²⁶ JUNG, Símbolos da Transformação, par. 337.

Quinta Parte

O IMAGINÁRIO DO RIO TIETÊ

*Mas é um momento só. Logo o rio escurece de novo,
Está negro. As águas oliosas e pesadas se aplacam
Num gemido. Flor. Tristeza que timbra um caminho de morte.
É noite. E tudo é noite. E o meu coração devastado
É um rumor de germes insalubres pela noite insone e humana.
Meu rio, meu Tietê, onde me levas?*³²⁷

Mário de Andrade

V. 1 Imagens e símbolos do Tietê através dos tempos

Partimos à maneira dos grandes movimentos expedicionários que um dia adentraram o Brasil via Tietê, numa viagem de re-constituição do imaginário ligado ao rio. De sagrado e poderoso por suas entidades espirituais, fornecedor imprescindível de água e peixe, “caminho que anda”, local de adoração religiosa e área de lazer, a rio mal cheiroso que transmite doenças, o *Grande* rio recebeu diversas e contrastantes imagens dos habitantes e viajantes do planalto paulista. Nossa busca pela identidade do rio está ligada à sua pior situação nestes últimos 450 anos, caracterizada por uma crise ecológica. **Não é só aquilo que estamos fazendo ao rio e suas águas, mas também aquilo que estamos produzindo e gerando em nós mesmos**³²⁸.

Você vive um outro tipo de realidade quando cresce lá fora, no meio da floresta, ao lado dos pequenos esquilos e das grandes corujas. Todas essas coisas estão ao seu redor como presenças, representam forças, poderes e possibilidades mágicas de vida que,

³²⁷ Mário de Andrade iniciou o poema em 30 de novembro de 1944 e finalizou-o em 12 de fevereiro de 1945, treze anos antes de sua morte.

³²⁸ Esta idéia será melhor abordada no último capítulo, que analisa o rio como objeto metafórico do espelho da alma paulistana.

embora não sejam suas, fazem pare da vida e lhe franqueiam o caminho da vida. Então você descobre tudo isso ecoando em você, porque você é a natureza.³²⁹

Aqui iremos buscar novas conclusões e perspectivas de análise, que surgem deste prisma simbólico, religioso e psicológico, dividindo o espectro invisível da realidade tieteana, negada e repudiada, à compreensão de suas muitas cores, positivas e negativas. Em última análise, esta é uma viagem pelo imaginário. Uma expedição simbólica em busca da alma, *anima* paulistana, na sua relação com o rio Tietê.

Não por acaso, o simbolismo do rio é encontrado em abundância no imaginário das cidades. Os rios sempre constituíram pólos de grupamentos populacionais e canais de rotas civilizadoras. Suas águas abastecem, irrigam, atuam como meio de transporte e de despejo de dejetos, fornecem diferentes tipos de alimentos, bem como de energia (elétrica ou mecânica - quedas de água, moinhos). Os rios transportam, estabilizam e relacionam os grupamentos humanos. “Mesmo a roda, cuja invenção se encontra entre as maiores conquistas da humanidade, somente se sobrepôs à aquavia depois do aperfeiçoamento das estradas³³⁰”. Logo, na história dos diferentes povos, as águas fluviais sempre atuaram nas colonizações e civilizações. A imprescindibilidade dos rios ou da costa para as civilizações mais primitivas estava ligada ao princípio da fertilidade proporcionado pelas águas, bem como à abundância do pescado, da água potável e da argila para os utensílios.

V. 1.1 A toponímia do rio

Passamos agora a uma aproximação do nosso objeto de estudo, via uma abordagem lingüística, iniciando por Benedito Preziosi em seu estudo sobre os indígenas do planalto central³³¹. Defendendo a idéia de que os nomes que os homens primitivos colocaram nos lugares são o ponto de partida para investigar a cultura, Preziosi busca os “topônimos mais antigos”, dentre os quais encontram-se os hidrotopônimos. Posto que os jesuítas foram muito sucintos no registro da hidrotoponímia, resgata seu material de pesquisa também na documentação civil da época.

³²⁹ CAMPBELL, Joseph *O Poder do Mito*, p. 97.

³³⁰ Mello NÓBREGA, *História do rio Tietê*, p. 38.

³³¹ Benedito A. PREZIOSI, *Os indígenas do planalto paulista*.

De todos os topônimos, aqueles que contêm mais variações são os do rio Tietê. O historiador Mello Nóbrega, que o denominou “o mais velho de todos os paulistas”³³², aponta que Plínio Ayrosa registrou mais de quinze denominações, dentre elas: Agembi, Aiembi, Anemby, Aniembi, Anhambi, Anhebi, Anhebu, Anhebig, Anhembu, Iniambi, Inhambi, Inhembu, Niembi³³³. Rio dos enambus, “rio das perdizes”, “**rio das anhumas**”, “rio dos veados”, “rio não liso, de altos e baixos”. Com os anos, tornou-se rio Tietê, o que, para alguns, deve-se à aves **ferro-velho** (*Euphonia pectoralis*) e **tizio** (*Volatinia jacarina*)³³⁴, as quais podiam ser avistadas em suas margens. Contudo, a palavra **tietê**, de origem tupi, tem também como etimologia: “segundo Nascentes, tupi *tie'te*, tupi *ti'ye* 'o pássaro' + tupi *e'te* 'verdadeiro, legítimo’³³⁵”. Por adjetivação, surgiram: **tieteano** “próprio do ou relativo ao rio Tietê (SP) ou à área por onde ele corre”³³⁶; e **tieteense** “relativo a Tietê SP ou o que é seu natural ou habitante; etimologia: top. *Tietê* + *-ense*; segundo Nascentes “água verdadeira, água boa”, do tupi *t-* pref. de classe superior + *i* ‘água’ + *e'te* “legítimo, verdadeiro”.

Curiosamente, uma tradução que passa despercebida por diversos toponomistas é destacada por Prezia, que faz referência ao prof. Aryon Rodrigues:

Isto mostra uma evolução toponímica, quando um vocábulo tupi, designando o nome específico do rio – *Anhemby* – foi substituído por outro vocábulo tupi – *Tyetê* –, cuja tradução é ‘**mãe do rio**’, numa referência aos transbordamentos deste rio, como vimos anteriormente.³³⁷

O antigo presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e membro da Academia Paulista de Letras, Affonso A. de Freitas dá sua interpretação para

³³² NÓBREGA, Mello. *História do rio Tietê*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo 3a. Ed. 1981, p. I.

³³³ NÓBREGA, Mello. *História do rio Tietê* – 3ª. Ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981, p. 62.

³³⁴ Dicionário Houaiss (versão eletrônica 1.0, em CD-ROM, - Dezembro de 2001 Copyright 2001 Instituto Antônio Houaiss Produzido e Distribuído por Editora Objetiva Ltda.

³³⁵ Dicionário Houaiss (versão eletrônica 1.0, em CD-ROM, - Dezembro de 2001 Copyright 2001 Instituto Antônio Houaiss Produzido e Distribuído por Editora Objetiva Ltda.

³³⁶ Dicionário Houaiss (versão eletrônica 1.0, em CD-ROM, - Dezembro de 2001 Copyright 2001 Instituto Antônio Houaiss Produzido e Distribuído por Editora Objetiva Ltda.

³³⁷ *Vocabulário da Língua Brasileira*. São Paulo: FFLCH, 1953. IN: PREZIA, *op. cit.*, p. 133.

Anhambi³³⁸ como “rio dos veados”, pela quantidade de animais que iam buscar alimento nos pastos das várzeas férteis devido às enchentes do rio. Este mesmo autor revela que Tietê, por ser um grande rio, tinha diversos nomes que variavam de acordo com a localidade³³⁹.

- **Piratininga**³⁴⁰ (*pira* = “peixe”, *tinga* = “seco”). O VLB dá ao vocábulo *tinîga* sentido de “seca cousa como quer” (2:114), provavelmente no sentido de “qualquer coisa seca”. Teodoro Sampaio traduz como “o peixe a secar; o seca-peixe” referindo-se ao fato de **se encontrarem peixes secos às suas margens, após as cheias** (987:303).³⁴¹
- **Anhambi / Anhemby** (*Anhym* = “anhima, inhuma,inhaúma, ave”; *y* = “rio”). Antigo nome do Tietê, como se vê na documentação quinhentista: “(...) disserão q he verdade q o gentio de mongi pelo *rio abaixo de Anhembi*” (...) Anchieta descreve essa ave na sua carta de maio de 1560. “Há outra [ave] que se chama anhima, de grande corpo; quando grita parece o zurrar dum burro; em cada asa tem como três pontas, e uma também na cabeça, iguais aos esporões dos galináceos, mas muito mais duros. Quando os cães a atacam, embora a grandeza do corpo a não impeça de voar, ela armando as asas, fere-os gravemente e os afugenta”.³⁴²

³³⁸ “**Anhambi**. S. m. Rio do veado, de Anhangá, veado e y, água, rio, com a permuta do grupo originário nga por mb: denominação dada pelos guaianás de Tibiriçá ao rio Tietê, em seu curso através das várzeas de Piratininga, pela grande quantidade de veados que afluíam àquele ponto em busca das pastarias gordas periodicamente fertilizadas pelas enchentes do rio. Aliás a abundância de veados em redor da cidade de São Paulo foi de todos os tempos: ainda em 1880 apareciam êles nas alturas de Vila Mariana, da Avenida, Paulista e nos pastos do Bexiga, hoje bairro da Bela Vista”. FREITAS, Affonso A. de. Vocabulário Nheengatu. p. 87 IN: Affonso A. de. FREITAS, *Tradições e Reminiscências Paulistanas*, p. 181.

³³⁹ “O nome do rio, em todo seu curso era — Tietê —, não obstante, entretanto, tal circunstância, que em mais de um estirão tivesse ele denominação peculiar, como ainda hoje acontece em quase todos os cursos de água paulistas e no próprio Tietê, assinalando acidentes locais; se o seu nome regional em Piratininga era Anhambi, pela circunstância referida, já um pouco abaixo e antes de sua confluência com o Pinheiros chamava-se — rio da Emboaçava —, isto é, rio do vau, da passagem, originada na particularidade de existir ali, atravessando o álveo do rio, uma afloração de rocha permitindo o travessia do rio (emboaçava) quase a pé enxuto nas grandes estiagens, e seguro vau nos volumes normais da torrente”. FREITAS, Affonso A. de. Vocabulário Nheengatu. p. 87 IN: FREITAS, *op. cit.*, p. 181.

³⁴⁰ O nome *Piratininga* foi usado por Anchieta para designar o rio Tietê.

³⁴¹ “Azevedo Marques acredita que o Piratininga era o mesmo rio Tamanduateí Um documento da época confirma esta hipótese: ‘(...) o Senhor Martim Afonso de Sousa fez esmola à Companhia (...) de duas liguas de terra ao longo do Rio de Piratininga’ (Carta de doação da sesmar. Geraibatiba, 1560). Como a missão instalada às margens do rio Tamanduateí passou a ser chamada de *Piratininga* (ANCHIETA) é mais um argumento a favor desta hipótese”. IN: PREZIA, *op. cit.*, p. 148

³⁴² PREZIA, *op. cit.*, p. 149.

Sérgio Buarque de Hollanda, em *Visão do Paraíso*, revela as qualidades extraordinárias da ave anhuma³⁴³ (fig. 10) que abundava no Tietê e lhe conferiu seu nome primitivo. Para este autor, tais aves foram intensamente procuradas e abatidas por duas razões: (1) as famosas crenças indígenas a respeito das virtudes terapêuticas, de cura e purificação, do chifre que lhe sai do alto da cabeça – o “milagroso corno³⁴⁴”; e (2) a semelhança de tal fisionomia à do mitológico unicórnio europeu. Atualmente, praticamente extintas, permanecem apenas nas memórias dos livros e dicionários.³⁴⁵

Por este topônimo estar relacionado a uma ave tão mágica e em adição às traduções de rio grande, e até “mãe do rio”, entendemos que o Tietê possuía grande importância no imaginário de seus primeiros habitantes. Um rio impetuoso e pleno de vida pela fertilidade que promovia nos seus cobijados campos, talvez até divino como o chifre da anhuma. Sem dúvida, este rio possuía muitas qualidades extraordinárias que não passaram despercebidas pelos habitantes autóctones por séculos, e que tinham em adição uma relação também muito especial com o elemento água, tal como apresentamos nas mitologias descritas.

³⁴³ “À imagem do unicórnio, apresentado nos bestiários, tanto quanto a fênix, como símbolo de Jesus, não se associaria a da anhuma apenas pela circunstância de serem ambos chifrudos, mas ainda pelo notável volume desta — a fêmea, dizia Piso, é maior do que um pavão ou cisne, e o macho tem duas vezes esse tamanho —, e também pelo grito estridente que Anchieta comparou ao zurrar de um burro e que, segundo Fernão Cardim, podia ser escutado à distância de meia légua e mais. A mesma estridência, sugerindo idênticas comparações, atribuiu-se ao brado ‘fierement espouantabale’ que Bruneto Latino, em seu ‘tesouro’ dá como próprio do unicórnio”. IN: HOLLANDA, *Visão do Paraíso*, p. 222.

³⁴⁴ Cf. HOLLANDA, *Visão do Paraíso*, p. 222.

³⁴⁵ Cf. HOLLANDA, *Visão do Paraíso*, p. 222.

V. 1.2 As entidades aquáticas

Sendo um elemento primordial da vida e imprescindível à sobrevivência, dentre outros aspectos, a água é reservatório de inúmeras divindades e entidades, malignas e benignas (veja item IV. 1.1.2). Com relação ao Tietê, não foi diferente. Em sua história constam as entidades indígenas, portuguesas e européias e africanas. Este tema vasto e pluralizado não será abordado aqui em todas as suas variações, mas segundo a proposta de identificar o simbolismo aquático religioso e psicodinâmico no imaginário tieteano. **Vale dizer que um rio que possui entidades é um rio vivo e presente animicamente ao povo que com ele se relaciona. Se perguntarmos: ainda existem tais entidades no imaginário atual? Ou, para onde foram, psiquicamente, tais entidades? Temos então uma perspectiva interessante para a abordagem psicológica posterior.**

Na documentação jesuítica da época encontramos referências a entidades ligadas à água e/ou ao rio, tais como: Tupã³⁴⁶, Iupuiara³⁴⁷/Mãe-d'água³⁴⁸, Boitatás³⁴⁹, e Boiúnas³⁵⁰/minhocão. No entanto, com o passar do tempo as mitologias ameríndias foram se misturando ao imaginário europeu, português e africano. Por fim, as entidades

³⁴⁶ Tupã vem do tupi *tu'pã* ou *tu'pana* 'gênio do **trovão ou do rio**', cultuado como uma divindade suprema. HOUAISS – Fonte de datação desta palavra: Cartas do Brasil [1549-1567] e mais escritos do Pe. Manuel da Nóbrega (Opera Omnia). Com introdução e notas históricas de Serafim Leite S.I. Coimbra. Por ordem da Universidade, 1955.

³⁴⁷ “Iupuiara - monstro feroz, habitante das águas, ser imaginário dado como um homem marinho; igpupiara, hipupiara, upupiara – etimologia: tupi *ipupi'ara* 'monstro marinho’” HOUAISS – Fonte de datação desta palavra: Pe. José de Anchieta. Carta. [1560] [As passagens abonatórias das cartas de Anchieta foram transcritas da edição das Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil (= Monumenta Brasiliae I - III), preparada pelo Pe. Serafim Leite. Roma, 1956 - 1960; ver CartJes].

³⁴⁸ “Mãe-d'água - rubrica: etnografia. Regionalismo: Brasil. do sXVI ao XIX, mito ofídico das águas, elemento cosmogônico das populações indígenas brasileiras, cuja crença ainda sobrevive em certas áreas; boiúna Obs.: cf. *ipupiara*; Rubrica: etnografia. Regionalismo: Brasil. da segunda metade do sXIX em diante, mito hídrico influenciado pela sereia européia, ser meio mulher, meio peixe, que habita rios e lagos; iara; Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. um dos epítetos de Iemanjá, cuja representação popular tb. é a da sereia européia.” Dicionário Houaiss

³⁴⁹ “Boitatá - mito indígena simbolizado por uma cobra de fogo ou de luz com dois grandes olhos, ou por um touro que lança fogo pelas ventas [Mito etiológico **tb. relacionado com a indicação de tesouros ocultos**, a proteção dos campos contra incêndios ou que é uma encarnação de alma penada. – etimologia: tupi *mbaeta'ta* 'id.', formado de *mba'e* 'coisa' e *ta'ta* 'fogo', supondo-se interferência do tupi *'mboya* 'cobra' sobre o 1º el. do voc.; f.hist. 1560 *baê tatâ*, 1706 *baetatá*, 1872 *boitatá*, 1876 *mboitátá*”. HOUAISS – Fonte de datação desta palavra: Pe. José de Anchieta. Carta. [1560] [As passagens abonatórias das cartas de Anchieta foram transcritas da edição das Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil (= Monumenta Brasiliae I - III), preparada pelo Pe. Serafim Leite. Roma, 1956 - 1960; ver CartJes]

³⁵⁰ “Boiúna - mito hídrico de origem ameríndia, **simbolizado por enorme e voraz serpente escura**, capaz de tomar a forma de qualquer embarcação e, mais raramente, de uma mulher; mãe-d'água – etimologia: tupi *mboy'una* 'cobra preta', formado de *'mboya* 'cobra' + *'una* 'preto’”. HOUAISS – Fonte de datação desta palavra: Padre Fernão Cardim. Do Clima & terra do Brasil. [c1584] [Cita-se, nas transcrições, o número do fôlio, que é seguido de v, quando se refere ao verso do fôlio, do manuscrito CXVI/1-33 da Bibl. de Évora].

aquáticas foram sendo misturadas a ponto de não mais se poder diferenciá-las por completo. Haja visto as definições encontradas nos dicionários. Cascudo chega a afirmar, a este respeito, que é “impossível aceitar na íntegra toda documentação dos estudiosos³⁵¹”.

Para Cascudo, os mitos verdadeiramente brasileiros em relação às entidades aquáticas, seriam os da **Boiúna** e dos **Ipupiaras**. “Além do *Ipupiara*, o índio brasileiro tem outra tradição assombrosa de monstro aquático: o ciclo da Cobra Grande, a Cobra Negra, a Boiúna das mil estórias amazônicas³⁵²”. Esta serpente colossal também habita o imaginário do Tietê.

A serpente tieretense, conta-nos o soldado teuto, media nada menos de uma braça de diâmetro! (...) A minhocões imensos também se refere o bom Juzarte. Gravemente alude aos perigos do “passo de Pirataraca”, a jusante do salto de Avanhadava, “grande estirão de rio morto”, muito fundo e de águas negras, “muito fúnebre e triste de que os antigos temiam muito porque diziam que ali havia um grande bicho”.³⁵³

Sobre esta passagem, Helio Damante escreveu:

(...) o monstro de Pirataraca, uma espécie de monstro de Loch Ness das águas do Tietê: o célebre *minhocão*, jacente no inconsciente coletivo e dele retirado para se fazer nos nossos dias, o nome popular do Elevado Costa e Silva, na capital do estado.³⁵⁴

A relação serpente – mulher já descrita por Eliade e Jung tem aqui mais uma evidência. **“Cada igarapé, rio, lago, tem sua Mãe e esta só aparece como uma imensa serpente. Não tem piedade nem aplaca a fome. Mata e devora quem encontra³⁵⁵”**. (fig. 11)

³⁵¹ *Tratados da terra e gente do Brasil*, p. 89. Rio de Janeiro, 1925 IN: Luís da Câmara CASCUDO, *Geografia dos Mitos Brasileiros*, p. 141.

³⁵² Cf. Luís da Câmara CASCUDO, *Geografia dos Mitos Brasileiros*, p. 126.

³⁵³ Affonso de E. TAUNAY, *História Geral das bandeiras paulistas*, tomo 11, p. 181.

³⁵⁴ Helio DAMANTE, *Folclore Brasileiro*, p. 21.

³⁵⁵ Cf. CASCUDO, *op. cit.*, p. 129.

As origens das mães-d'água certamente remontam às influências portuguesas e européias na mitologia ameríndia³⁵⁶. Taunay chega a citá-las na historiografia das bandeiras.

Para o lendário das monções concorreu Lacerda e Almeida com uma contribuição de relativa importância, embora curiosa. (...) Do proeiro e da tripuiacão do seu canoão dizem-nos que eram muito supersticiosos. O primeiro falava-lhe constantemente na existência das mães d'água nos poços profundos dos rios. Eram elas quem levantavam grandes ondas e faziam a muita bulha escutada da profundidade dos grandes caldeirões. Devia-se-lhes a morte de muitos homens.³⁵⁷

Outra lenda, ligada à fúria das águas, relata que em alguns trechos de rios existiam mães-d'água encantadas que levantavam grandes ondas faziam muita bulha, matando alguns homens. Eram sempre descritas como monstros horríveis, que habitavam poços piscosos, neste caso os de Lençóis.³⁵⁸

Segundo Câmara Cascudo, a mãe d'água teria sido originada parte pela *Cobra Grande*, parte pela *Ipupiara*: “A *Cobra Grande* teria dado nascimento ao mito da *Mãe d'Água* brasileira (...) Temos positivamente que em 1630 era corrente chamar-se a uma cobra “Mãe d'Água³⁵⁹”; mais à frente, afirma: “O *Ipupiara* passou a Mãe-d'Água³⁶⁰”. Em outros pontos do folclore paulista aparecem Mães d'Água prestativas e boas, que podem amar e levar a tesouros. Logo, esta figura se mostra por demasiado complexa para ser abordada neste estudo. O mesmo vale para as sereias e iaras. Quanto a esta, no entanto, achamos válido o relato Tupi, ainda que revele conteúdos europeus³⁶¹.

Yara, a rainha das águas dos *Tupi*, era a mais formosa mulher da tribo. Também era muito amiga da natureza e gostava de passar os dias pelas areias brancas dos rios, a banhar-se nas suas águas. Numa tarde, enquanto se banhava no rio até tarde da noite,

³⁵⁶ Cf. CASCUDO, *op. cit.*, pp. 125-140.

³⁵⁷ TAUNAY, *op. cit.*, p. 181.

³⁵⁸ SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE *A Água no Olhar da História*, p. 63.

³⁵⁹ *Tratados da terra e gente do Brasil*, p. 89. Rio de Janeiro, 1925 IN: CASCUDO, *op. cit.*, p. 131.

³⁶⁰ *Tratados da terra e gente do Brasil*, p. 89. Rio de Janeiro, 1925 IN: CASCUDO, *op. cit.*, p. 141.

³⁶¹ Para mais informações a este respeito, ver: *Tratados da terra e gente do Brasil*, p. 89. Rio de Janeiro, 1925 IN: CASCUDO, *op. cit.*, pp. 125-142

homens estranhos de barba, roupas pesadas, botas e chapéus a agrediram. Agredida, acabou por desmaiar. E, ainda assim, foi violentada e abusada. Por fim, atiraram-na no rio, onde o espírito das águas a transformou num ser duplo – metade humana, metade peixe. Seguiu vivendo nos rios, linda, mas letal.

Yara passou a entender os pássaros e a conversar com eles e com os peixes, como uma sereia, cujo canto atrai os homens de maneira irresistível. Ao verem a linda criatura, aproximam-se dela, que os abraça e os arrasta às profundezas, de onde nunca mais voltarão.³⁶²

Esse círculo de imagens simbólicas, porém envolve não apenas *uma* figura, mas uma pluralidade de figuras de 'Grandes Mães', as quais a humanidade se incumbiu de difundir através dos hábitos, rituais, mitos, religiões e fábulas, sob a forma de deusas e fadas, demônios femininos e ninfas, e de entidades graciosas ou malévolas. Todas são formas de manifestação de um só Grande Desconhecido, a "Grande Mãe", que é o aspecto central do Grande Feminino.³⁶³

V. 1.3 O rio da vida

Conforme os topônimos vistos acima, fica também evidente o sentido de vida e abundância que o Tietê possuiu para os indígenas que habitaram suas margens. Talvez estes registros conservados pelos documentos históricos sejam a fonte mais confiável quando buscamos o imaginário “primitivo” ligado ao rio. De pronto, o que nos apresenta é o rio como lugar de vida: abundância de água e alimentos para a sobrevivência, local de higiene e diversão diários, via de transporte, de ritos e adorações religiosas.

O Tietê, e suas águas tiveram no seiscentismo um papel intrínseco com a sobrevivência da colônia e seus habitantes. Foi vital para a fundação e o definitivo estabelecimento de São Paulo, sem dizer que já representava esta mesma função vital aos indígenas que aqui viviam antes da chegada dos portugueses e demais viajantes. Para Sergio B. Holanda, a principal importância dos rios no planalto paulista foi como

³⁶² ANDRADE e SILVA, *Lendas e mitos dos índios brasileiros*, p.36.

³⁶³ NEUMANN, *A Grande Mãe*, p. 22

fonte de alimento, e não tanto como via de comunicação. O Tietê, no entanto, era uma “estrada móvel”, desde os primórdios³⁶⁴.

Ao padrão nacional evocador da glória das bandeiras virá trazer a presença da ânfora de água do Tietê a nota do mais poderoso e poético simbolismo.³⁶⁵

Nos séculos XVI, XVII e XVIII, época do bandeirismo e das monções, os rios paulistas também foram objeto de “uma espécie de veneração³⁶⁶”, principalmente em relação às dificuldades de sua travessia (fig. 12). Nos diários do sargento-mor Teotônio José Juzarte ao longo do rio Tietê, fica evidente a rica biodiversidade e a quantidade de vida nas águas e nas margens do Tietê³⁶⁷.

V. 1.4 Área de esportes e lazer

Os habitantes de São Paulo possuíram uma forte ligação emocional com o Tietê até o início do século XX. Isso pode ser visto nos hábitos alimentares e de higiene dos indígenas, nos rituais e oferendas, na utilização do rio como meio de comunicação entre as aldeias e vilas jesuíticas, nos mitos e lendas ligados ao rio e no rio como área de esportes e lazer (fig. 13).

³⁶⁴ Sergio B. de HOLLANDA, *Caminhos e fronteiras*, p. 30.

³⁶⁵ TAUNAY, Afonso d’E. IN: NÓBREGA, *op. cit.*, p. 193.

³⁶⁶ SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE, *op. cit.*, p. 61.

³⁶⁷ “Há as onças e tigres e as grandes manadas de porcos-do-mato que são bravíssimos, e de muito longe se ouve o estrépito que fazem com os dentes, de tudo isto se tem grande cuidado durante a noite. Têm estes rios seus peixes em certas conjunturas, a saber: dourados grandes e outros peixes a que chamam pacus, porém não fertilizam os viandantes por serem poucos, e quem vai por semelhantes sertões não perde tempo sem necessidade. Tem também suas criações de patos por estes rios, muitas lontras, que juntas em bandos com meio-corpo fora da água querem investir as canoas bramindo com um garganteado, que causa riso, e se parecem como cachorros; porém atirando-lhes se somem mergulhando na água. Há muitos jacarés que pêlos barrancos dos rios se estão aquecendo ao sol, e alguns de extraordinária grandeza que atirando-se com bala não lhes faz dano algum pela fortaleza de suas conchas, e só atirando-se-lhes pelo papo, ou a arrepiacabelo é que matam; têm estes bichos o almíscar nos grãos, que tirados fora e secos ao sol se não pode parar, com o cheiro; outros que são de outra natureza e têm no papo que é debaixo do focinho, ou na garganta. Há antas que costumam cair e mergulhar na água quando se vêem perseguidas de alguma canoa, ou tigre. Há outros muitos bichos como são capivaras, que são como um porco e vivem na água e em terra; há grandes tatus, e se encontram enterrados na areia de algumas praias quantidade de dúzias de ovos os quais se comem de outros bichos a que chamam javotins; há macacos pelas árvores com seus filhos atacadados a si e assim pulam e descem aos ranchos depois de embarcada a gente e aproveitam-se de alguns fragmentos de comida”. IN: Jonas Soares SOUZA; Miyoko MKINO (Orgs.), *Diário da Navegação*, p. 26.

Os banhos de rio no Tamanduateí e no Tietê, desde o século XVIII atraíam jovens e estudantes. Entre 1880 e 1889, os banhos foram terminantemente proibidos pelas autoridades policiais, provavelmente em virtude do nudismo e mesmo do perigo que a atividade oferecia a pessoas não preparadas. Possivelmente em razão da proibição, o hábito dos banhos no Tamanduateí foi decaindo aos poucos, até desaparecer totalmente.³⁶⁸

No livro *No Tempo de Dantes*, de Maria Paes de Barros, fica claro o hábito de se passear no Tietê durante a segunda metade do século XIX. As pontes que cruzavam o rio, a atividade dos pescadores, as inundações das várzeas, a vida do rio se misturava à do paulistano. “Quem não se lembra das grandes enchentes do Tietê? São Paulo inteiro ia ver as inundações, reunindo-se ali gente de todas as classes³⁶⁹”.

No ano de 1919, o Tietê ainda concentrava boa parte da atividade cultural paulistana. Além de ser a grande arena esportiva da época, o rio convidava os paulistanos a passeios em suas margens, canções, pinturas e poemas. A expansão industrial em bairros como Brás, Pari, Barra Funda, Água Branca e Lapa, trouxe para estas pessoas a opção de lazer nos rios da metrópole. Embora tivessem de lidar com as dificuldades originadas nas épocas de cheias, como as grandes enchentes de 1906 e 1929, suas margens viraram festa: “partidas de futebol, românticas serenatas, piqueniques. Suas águas eram palco de esportes náuticos e pescarias³⁷⁰”.

Ao avizinhar-se a data em que se reabririam as aulas, garriam-se de esperanças os corações saudosos das raparigas. Desde a namorada esquiva, entrevista nas igrejas, encontrada raramente nas noites de baile, até as 'outras', as companheiras de sortidas boemias, de peregrinações noctívagas pelo Tietê, ao som de guitarras em toscas embarcações. Não havia grande diferença entre a recente cidade acadêmica e a Coimbra

³⁶⁸ Revista do Departamento Histórico Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, janeiro de 98. ano V, No. 5 IN: ADORNO, *op. cit.*, p. 77.

³⁶⁹ *No Tempo de Dantes*, de Maria Paes de Barros, citado em *Vida Cotidiana em São Paulo no século XIX*, (Ateliê Editorial, São Paulo. 1999), organizado por Carlos Eugênio Marcondes de Moura IN: ADORNO, *op. cit.*, p. 60.

³⁷⁰ Eletropaulo Memória Especial: Vida, Morte, Vida do Tietê — A História de um Rio de São Paulo, de abril de 1992. IN: ADORNO, *op. cit.*, p. 58.

universitária tradicional. O rio das monções sertanistas era o Mondego daqui, com as mesmas ninfas, com os mesmos atrativos ao quebrar dos remos, cujo ritmo marcaria o compasso dos cânticos trovadorescos ou a declamação das longas poesias apaixonadas.³⁷¹

Em outro relato, já por volta de 1950, o rio ainda “resistia” como representante da ligação anímica e espiritual do homem com a natureza. “Hoje eu ouço falar tanto em estresse, estafa, depressão... O Tietê, com suas águas mansas, ajudava muito a gente a combater e a esquecer tudo isso³⁷²”.

Quando o dia terminava e a gente saía do trabalho, quem morava por perto podia pôr uma cadeira e sentar na frente da casa e ficar ali o tempo que quisesse olhando o rio. Para quem vivia mais longe, lá pelas outras bandas da cidade, também era hora de parar pelo menos alguns minutos antes de seguir caminho e descansar os olhos com a vista do Tietê. Com isso, a gente se desligava do corre-corre de mais um dia e recuperava essa outra dimensão do tempo que a vida moderna nos nega: a hora de simplesmente contemplar a Natureza, deixar o ritmo frenético do dia-a-dia se desacelerar e dar um descanso para o corpo e para a alma depois de toda essa agitação.³⁷³

Com relação à prática esportiva do paulistano, o Tietê despontava como a grande arena. Segundo a enciclopédia *Mirador*, o remo é o pioneiro dos esportes no Brasil. “E nem poderia ser de outra forma: tantas cidades brasileiras começaram à beira de rios, utilizaram-nos como meio de transporte e local de lazer; o esporte também começaria por eles³⁷⁴”.

(...) a elite da época parecia ter descoberto que 'praticar *sports*' era mais elegante que 'tomar banho' no rio. Se o Tamanduateí foi sendo abandonado, o Tietê foi ganhando vida nas proximidades da Ponte Grande e da Floresta, com a instalação de dois clubes dedicados à natação e ao remo, freqüentados por pessoas 'distintas': o Clube Espéria,

³⁷¹ Veiga Miranda (1881-1936) IN: ADORNO, *op. cit.*, p. 57.

³⁷² ADORNO, *op. cit.*, p. 63.

³⁷³ *Ibid.*, p. 63.

³⁷⁴ *Ibid.*, p. 77.

instalado em 1899, e o Clube de Regatas São Paulo, com sede às margens do rio desde 1904.³⁷⁵

V. 1.5 As festas religiosas

Além da perda desta grande área de lazer e esportes, a poluição do Tietê afastou também, de suas águas e margens, a realização de cultos e festas religiosas. Os ritos das festas do Bom Jesus e o Divino, de origem portuguesa, têm grande ligação com a água³⁷⁶. Três cidades paulistas dedicam-se ao culto do Bom Jesus, e cada uma acrescentou o próprio nome ao do santo: Bom Jesus de Iguape, Pirapora do Bom Jesus e Bom Jesus dos Perdões. Às margens do Tietê, realizam-se as festas do Divino nos municípios de Tietê e Anhembi.

Alguns elementos foram constantes nos achados de Bom Jesus: **a água esteve quase sempre presente, fosse como transportadora da imagem, ou porque passou a brotar milagrosamente no local do achado, ou ainda, por que passou a apresentar propriedades terapêuticas depois de ter sido usada para lavar o santo.** A presença de animais que se obstinam em não arrear o pé do local escolhido pelo santo como morada também é comum e muito significativa, atestando o caráter rural da origem das lendas. Outro elemento permanente nessas narrativas são os castigos infligidos àqueles que duvidaram ou desrespeitaram a representação do santo.³⁷⁷

O santuário de Pirapora do Bom Jesus, localizado a poucos quilômetros da metrópole, é o mais afetado pela poluição do Tietê. A imagem do Senhor Bom Jesus de Pirapora foi encontrada em 1724, durante as expedições dos bandeirantes. A de Bom Jesus dos Perdões foi encontrada, segundo a lenda, sob uma árvore, em frente a sua atual igreja. “Dizem que alguns moradores tentaram levá-la para Atibaia, mas, como aconteceu em Pirapora, não conseguiram³⁷⁸”.

³⁷⁵ Revista do Departamento Histórico. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, janeiro de 98. ano V, N° 5 IN: ADORNO, *op. cit.*, p. 77.

³⁷⁶ Cf. SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE, *op. cit.*, p. 64.

³⁷⁷ *Ibid.*, p. 64. *O grifo é nosso.*

³⁷⁸ *Ibid.*, p. 66.

Segundo a lenda, alguns indivíduos subiam o Tietê com destino a Araçariguama, para explorar ouro, quando, em Pirapora, depararam-se com o santo sobre uma das pedras do rio e decidiram levá-lo para a cidade de Parnaíba. Seguiam com a imagem num carro puxado a bois. Ao atingirem a divisa de Pirapora com Parnaíba, os animais estacaram, e não havia o que os fizesse prosseguir. Diante disso, tomaram o acontecimento como uma negativa do santo em abandonar o local onde havia sido encontrado e retornaram com a imagem para Pirapora.³⁷⁹

A partir de 1897, as festas do padroeiro de Pirapora, realizadas em 5 de agosto, começaram a atrair cada vez mais fiéis da região e romeiros das cidades vizinhas. Porém, nas últimas décadas, pela grande poluição do rio, as festas vêm perdendo público e a cidade, turistas.

Realizavam-se procissões fluviais abrilhantadas pelo espetáculo de fogos de artifício e, mantendo o hábito antigo, banhavam no rio os animais daqueles que tinham vindo com montaria. Também se procedia ao chamado “banho de cura”, durante a madrugada, imergindo os doentes nas águas do rio. Muitos leprosos faziam parte deste cortejo. Mas a partir de meados dos anos 80, a degradação do rio em Pirapora, hoje conhecida pelo mar de espuma de detergentes lançados pelos esgotos, que exalam terrível mal cheiro, impediu essa prática. Manteve-se, porém, o hábito de recolher pequenas lascas de pedras onde a imagem do santo foi encontrada; acredita-se que, depois de imersas em água potável, adquirem poder de cura.³⁸⁰

Por sua vez, no município de Tietê, realiza-se, desde 1830, a Festa do Divino, consagrada no Brasil ao culto do Espírito Santo. Originou-se de uma promessa realizada durante um terrível surto de malária que ameaçou dizimar a população da vila.

Passando o surto, os moradores apressaram-se em cumprir o voto. Como, provavelmente, ainda estivesse em uso o tráfego fluvial, o recolhimento costumeiro de esmolas para o Divino fez-se rio abaixo, nos arraiais, fazendas e engenhos ribeirinhos. Ao regressarem, outros canoeiros da cidade foram esperá-los; foi quando se deu o

³⁷⁹ *Ibid.*, p. 65.

³⁸⁰ *Ibid.*, p. 66.

primeiro “encontro das canoas”. A partir daí, a festa se repetiu, obedecendo o mesmo cerimonial e, ainda hoje é um dos acontecimentos mais importantes da cidades de Tietê e mesmo dos municípios vizinhos.³⁸¹

Contudo, diante da poluição e do projeto de se transformar o Tietê em hidrovia, não se sabe “até quando essas festas conseguirão sobreviver³⁸²”. O impasse cultura-desenvolvimento tem aqui um retrato claro. “Só a fé ainda leva alguns romeiros a Pirapora do Bom Jesus. Os passeios de barco no Rio Tietê perderam espaço para a espuma formada pela poluição da água³⁸³”. (fig. 14)

"Quando vim morar aqui, o pessoal pescava, tomava banho no rio", disse o tratorista desempregado José Mauricio Ferreira de Assis. De dentro da Unidade Municipal de Saúde (UMS), pela fresta da janela basculante, ele via pequenos flocos de espuma voando com o vento. "De longe parece até neve de Nova York, da Argentina", disse. "Antes, a cidade aparecia no jornal pela beleza. Agora é pelo feio, que não é nem nosso". (...) "Nunca vi a situação (do rio) assim, tão sujo. É triste", lamentou.³⁸⁴

Casas, árvores, automóveis e até as pontes de acesso à cidade ficam impregnadas do forte odor de gás sulfídrico, trazido pela espuma e que é um grave problema para a saúde pública local. De cada dez crianças atendidas no pronto-socorro de Pirapora, sete apresentam problemas respiratórios; entre os idosos, a relação é de cinco em cada dez pacientes.³⁸⁵

Em São Paulo, na represa Billings, foi novamente encenada a festa da Nossa Senhora dos Navegantes, que também havia sido cancelada durante anos por causa da poluição.

³⁸¹ *Ibid.*, p. 67.

³⁸² *Ibid.*, p. 67.

³⁸³ POLUIÇÃO afasta turistas e romeiros de Pirapora. *O Estado de S.Paulo*, 7 de julho de 2003.

³⁸⁴ POLUIÇÃO afasta turistas e romeiros de Pirapora. *O Estado de S.Paulo*, 7 de julho de 2003.

³⁸⁵ A ESPUMA e os promotores. *O Estado de S.Paulo*, 12 de julho de 2003.

Os organizadores pretendiam, com a festa, envolver a população no programa de despoluição do rio³⁸⁶.

Quatro meses depois, realizou-se uma missa no rio Tietê. O bispo-auxiliar de São Paulo, d. José Benedito Simon, e o padre Palmiro Carlos Paes distribuíram água captada na nascente do Tietê em vidros bentos. A idéia não foi apenas a comemorar o Dia de Nossa Senhora, mas também a reforçar a Campanha da Fraternidade, cujo tema em 2004 foi a água. "A impressão que tive ao navegar no Tietê foi de ter dado um tiro numa pessoa e pedido desculpas depois³⁸⁷".

Pela manhã, após a missa na paróquia, a imagem foi levada de helicóptero à nascente do rio, em Salesópolis, na região de Mogi das Cruzes. Lá, foi banhada em águas limpas, bem diferentes das encontradas em perímetro paulistano. Voltou de helicóptero até o Campo de Marte e seguiu de carro para a Ponte da Casa Verde. Quarenta minutos depois chegou ao canteiro das obras de aprofundamento da calha do Tietê, ovacionada pelo público sobre a ponte, estimado pela Polícia Militar em mil pessoas. A passagem pelo Tietê sensibilizou muitos devotos. **Alguns se perguntavam se seria mais fácil repetir o milagre de Jesus, que transformou água em vinho no episódio das Bodas de Canaã da Galiléia, ou fazer com que o líquido que percorre o Tietê vire água potável um dia.**³⁸⁸

Em face da opressão cultural revelada no afastamento do *númen* – o sagrado – das águas do rio, o qual também entendemos ser parte da devastação ecológica, fica novamente evidente que a meta de desenvolvimento econômico da cidade não preservou elementos culturais essenciais para a identidade, a auto-estima e o desenvolvimento humano. Neste ponto, advogamos que somente a limpeza física do Tietê, sem um aumento no grau de consciência nem uma “revitalização” espiritual não trará isso tudo de volta³⁸⁹.

³⁸⁶ PROCISSÃO de barcos muda cenário da Billings. Cerca de 50 veleiros e lanchas participaram da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. *O Estado de S.Paulo*, 11 de junho de 2001.

³⁸⁷ Afirmação de um teólogo que participou da procissão. DEVOTOS homenageiam santa no Tietê Réplica de Nossa Senhora percorreu 4 quilômetros do rio em barco a motor. *O Estado de S.Paulo*, 13 de outubro de 2004.

³⁸⁸ DEVOTOS homenageiam santa no Tietê Réplica de Nossa Senhora percorreu 4 quilômetros do rio em barco a motor. *O Estado de S.Paulo*, 13 de outubro de 2004.

³⁸⁹ Assunto que será melhor abordado no último capítulo.

Novamente, o ideal seria: “o convívio entre um progresso sustentado e a tradição, marcando nova postura, onde os motivos econômicos não descaracterizem o rio nem o pouco de sua cultura, ao contrário do que vem ocorrendo, com grande custo ambiental e social³⁹⁰”.

V. 1.6 O rio da morte

Nos diários de navegação tieteana da época das Monções³⁹¹ ficam evidentes as dificuldades causadas pelas quedas d’água, corredeiras, cachoeiras ou pântanos, doenças como febres e malária, animais peçonhentos e insetos³⁹². A navegação do Tietê teve, portanto, seu imaginário associado a sofrimento e destrutividade. Pelas más condições de navegação, em 1726 foram registrados quase 200 acidentes graves³⁹³.

Porém, depois do declínio das Monções, e mais especificamente, com a proibição do esporte e do lazer devido à poluição e às terríveis enchentes, por exemplo a de 1929, o Tietê e suas águas assumiram uma nova representação muito mais destrutiva e mórbida no imaginário paulista. “(...) **Com o tempo, assumiu um prestígio às avessas: adquiriu um nível de poluição alarmante e sua imagem ficou vinculada a algo de ruim e destrutivo**³⁹⁴”. Mais ligado à poluição, à sujeira, à morte e às doenças, o rio foi sendo preterido e afastado dos interesses paulistanos. Da veneração anterior, sobreveio repúdio e descaso³⁹⁵.

³⁹⁰ SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE, *op. cit.*, 67.

³⁹¹ Escrito pelo sargento-mor Teotônio José Duarte, o - Diário da Navegação do rio Tietê, rio Grande Paraná e rio Gatemi em que se dá relação de todas as coisas mais notáveis destes rios, seus cursos, sua distância, e de todos os mais rios que se encontram, ilhas, perigos, e de tudo o acontecido neste diário pelo tempo de dois anos e dois meses. Que principia em 10 de março de 1769 - , constitui uma das mais extraordinárias narrativas da navegação fluvial no Brasil no século XVIII. A monção partiu de Ararituaba, atual Porto Feliz (SP), às margens do Tietê. IN: Jonas Soares SOUZA, Miyoko MKINO, *op. cit.*, p. 26.

³⁹² SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE, *op. cit.*, p. 61.

³⁹³ http://www.sabesp.com.br/sabesp_ensina/intermediario/tiete/default.htm Acesso em : 20/12/04.

³⁹⁴ _____ *O Livro do Rio Tietê*, p. 10. O grifo é nosso.

³⁹⁵ “Do entroncamento rodoviário conhecido como Cebolão, na zona Oeste da capital, à barragem da Penha, na zona Leste, o Tietê cumpre um percurso de 36 km através da metrópole paulistana. Nesse trecho, além de receber dejetos humanos e industriais, ele foi sistematicamente emporcalhado por detritos de todos os tipos, de peças de veículos, geladeiras inteiras e outros eletrodomésticos, passando por armários, malas e colchões, até pneus, animais mortos e corpos humanos em decomposição. O rio se tornou não só um canal de esgoto como também um depósito de lixo a céu aberto. **Não é difícil imaginar o aspecto repugnante e o mau cheiro resultantes do acúmulo de tanta porcária**”. IN: ADORNO, *op. cit.*, p. 99

Anos antes, em 10 de janeiro de 1940, tinha sido criada a primeira legislação específica no Brasil contra a poluição das águas, o decreto 10.890. Chegou mesmo a ser constituída uma Comissão de Investigação das Águas no Estado de São Paulo. **Nada disso impediu a morte do Tietê.** (...) O Tietê, parte alegre da vida da cidade, foi esquecido. (...) **era um mundo morto, a não ser pela grande variedade de microorganismos perigosos que proliferam nesse meio**³⁹⁶.

Nos últimos cinco anos, os principais jornais de São Paulo realizaram diversos textos sobre o Tietê. Acreditamos que os mesmos são também uma expressão do imaginário simbólico social. Com relação à representação de morte e destrutividade, os termos e expressões mais encontrados foram: “rio morto”, “esquecido”, “imundo”, “mal cheiroso”, “oleoso”, “mundo morto de organismos que causam doença”, “lixo e esgoto” (doméstico e industrial), “enchentes”, “descaso”, “falta de zelo”, “cemitério”, “espuma tóxica”, dentre outros. São trezentos e cinquenta quilômetros de morte. Oito mil toneladas de esgoto fétido por dia, e um índice zero de oxigênio por 60 anos. “O rio não tem vida. No lugar de peixes e plantas, tem lixo³⁹⁷”. Ao deixar a metrópole arrasta tal morbidez por duzentos e cinquenta quilômetros, até a represa de Barra Bonita³⁹⁸.

Aos poucos, a cidade se volta para olhar o rio, tendo a chance de confrontar o resultado dos anos de descaso. O que se vê é “um caldo oleoso e denso”, garrafas de refrigerante vazias e sacos plásticos acumulando nas margens sem vegetação³⁹⁹. Além do esgoto, todo tipo de lixo pode ser encontrado: “desde rejeitos químicos até sofás, cadáveres, pedaços de corpo, sandálias de dedo e a incrível marca de 120 mil pneus⁴⁰⁰”. É impossível, também, não perceber o odor fétido, uma mistura de “esgoto e borracha queimada”. Embora o Tietê já tenha seu dia festivo (22/09 – Dia do Rio Tietê), ainda falta muito para que se torne uma festa⁴⁰¹. (fig. 15)

³⁹⁶ <http://riotiete.sites.uol.com.br/morte/morte.htm>. Acesso em : 20/12/04.

³⁹⁷ MAGALHÃES, Rita. Presente para o Tietê: zero de oxigênio. *Jornal da Tarde*, 23/09/2002.

³⁹⁸ METADE dos rios tem excesso de poluentes. *Folha de S. Paulo*, 22/07/2001.

³⁹⁹ UM RIO Tietê ainda muito longe de comemorações No dia do rio, viagem mostra que há uma série de problemas sem solução. *O Estado de S. Paulo*, 23 de setembro de 2003.

⁴⁰⁰ MENCONI, Darlene. Piscinão de encrencas Laudo técnico aponta contaminação no aterro de Carapicuíba e esquent a polêmica sobre obra na calha do rio Tietê. *Rev. Isto é*, 28/01/2004.

⁴⁰¹ UM RIO Tietê ainda muito longe de comemorações No dia do rio, viagem mostra que há uma série de problemas sem solução. *O Estado de S. Paulo*, 23 de setembro de 2003.

“Já vi de tudo. Bicho morto sempre tem. Mas o que mais me impressionou foi ver um bebê boiando, certa vez”. (...) “É chocante”, destaca. “Já vi ao longo dos 10 anos que trabalho no Tietê quatro corpos, além de bichos grandes mortos”. (...) Para crianças e moradores do entorno, o aprofundamento da calha do Tietê significou uma oportunidade de negócio. Meninos passam a tarde catando entulhos retirados do leito do rio e colocados nas margens. O produto ali recolhido é vendido do outro lado da Marginal. Os clientes são atraídos por uma placa, feita manualmente. “Já avisamos que isso aqui é perigoso. Eles podem cair no rio, se machucar com pregos ou qualquer coisa. Mas dizem: **é com isso que consigo comprar comida**”, relata Peres.⁴⁰²

Nas comemorações dos 450 anos de São Paulo, alguns “corajosos” foram remar nas “águas fétidas” do Tietê. “Só o escafandro de um mergulhador, quem sabe, protegeria a pele contra as substâncias despejadas em certos trechos do rio, cujo leito alimenta a história da maior metrópole do País⁴⁰³”. Para aqueles que um dia competiram nas águas do rio, fica a tristeza e a agonia: “Foi muito triste, ninguém imaginava que um dia o rio acabaria desse jeito. Dá uma agonia muito grande olhar o rio hoje, morto e sujo, e lembrar dos momentos de glória da travessia. Ninguém acredita quando conto⁴⁰⁴”. Para as crianças que realizaram um passeio de barco no rio, a aflição com doenças e riscos é evidente: “Se eu morrer, pode ficar com meu videogame⁴⁰⁵”.

“O lixo é levado de um lado para outro, como se fosse poeira debaixo do tapete, em vez de ser tratado em aterros para resíduos industriais”, denuncia o ambientalista Leonardo Morelli, coordenador do Grito das Águas. Nos três milhões de metros cúbicos escavados do Tietê se achou de tudo. São milhares de sandálias Havaianas e de garrafas de refrigerante. Há tralhas de todo o tipo, desde móveis enfeitados até cadáveres e estimados 120 mil pneus, dos quais se pescaram 80 mil.⁴⁰⁶

⁴⁰² UMA missão quase impossível: salvar o Tietê. *Jornal da Tarde*, 2 de setembro de 2002.

⁴⁰³ MENCONI, Darlene. Piscinão de encrencas Laudo técnico aponta contaminação no aterro de Carapicuíba e esquentar a polêmica sobre obra na calha do rio Tietê. *Rev. Isto é*, 28/01/2004. Acesso on line em 20/01/05.

⁴⁰⁴ MORI, Kiyomori. Rio Tietê teve prova de natação por duas décadas. *Folha de S.Paulo*, 09/12/2003.

⁴⁰⁵ BASTOS, Rosa. Excursão da escola pelo Rio Tietê: divididos em duas turmas, 130 alunos de 8 e 9 anos fizeram um passeio de barco. *O Estado de S.Paulo*, 10 de Novembro de 2004.

⁴⁰⁶ MENCONI, Darlene. As águas da morte. *Rev. Isto é*, 04/06/2003. Acesso on line em 20/01/05.

http://www.zaz.com.br/istoe/1757/ciencia/1757_aguas_morte_01.htm

No processo de limpeza do Tietê, a lama tóxica que vem sendo retirada do fundo foi despejada sem qualquer tratamento na lagoa de Carapicuíba, o que trouxe um cenário absurdo de descaso ambiental.

“De longe, a água brilhava. Quando chegamos perto, vimos um cemitério. Os peixes mortos boiavam, os outros colocavam a boca para fora para respirar um pouco e depois mergulhavam fundo”, conta o falante Rodrigo. “Todo peixe vive na água, mas os daqui estão querendo sair”, resume Thiago, cujos olhos, com dez anos de vida, jamais tinham visto tamanha mortandade. Os garotos choraram de tristeza pelo destino do que gostariam que fosse o cartão-postal de sua cidade, um piscinão de entulho onde as crianças insistem em brincar e pescar, apesar do cheiro ácido de esgoto e da poeira que arranha os olhos e a garganta.⁴⁰⁷

V. 1.7 O suposto renascimento

Após o início das obras de despoluição do Tietê, o imaginário do rio começou a apresentar representações ligadas a temas de purificação, renascimento, resgate, reflorescimento e salvação. “Tietê: 16 anos para ‘ressuscitar’ um rio morto⁴⁰⁸”. “Rio Tietê é o principal personagem dos 450 anos de São Paulo⁴⁰⁹”. Soma-se a isso a plantação de árvores e flores nas margens do rio Tietê e Pinheiros – o Projeto Pomar: “os jardins das margens do Rio Tietê começam a sair do papel⁴¹⁰”. Para especialistas, a previsão para um cenário de melhorias é para 2030⁴¹¹. Nos últimos três anos, o Tietê não transbordou nas épocas de chuva, ao contrário das famosas enchentes⁴¹².

⁴⁰⁷ MENCONI, Darlene. As águas da morte. Rev. *Isto é*, 04/06/2003. Acesso on line em 20/01/05.

http://www.zaz.com.br/istoe/1757/ciencia/1757_aguas_morte_01.htm

⁴⁰⁸ TIETÊ: 16 anos para ‘ressuscitar’ um rio morto. *Jornal da Tarde*, 20/07/2000.

⁴⁰⁹ http://www.sabesp.com.br/o_que_fazemos/projetos_especiais/acao_ambientais/proj_tiete.htm# Acesso em 16/01/05.

⁴¹⁰ HADDAD, Camilla. Sobre o Projeto Pomar: e nascem os jardins nas margens do Tietê. *O Estado de S.Paulo*, 29/12/2004.

⁴¹¹ Disse o professor José Galizia Tundisi, presidente do Instituto Internacional de Ecologia. HOJE é Dia do Tietê. Mas festa só daqui 26 anos. *O Estado de S.Paulo*, 22/09/2004.

⁴¹² A RECUPERAÇÃO do Tietê. *O Estado de S.Paulo*, 22/09/2004.

Porém, em alguns anos a visão da principal artéria fluvial da capital paulista como **uma serpente moribunda** começou a incomodar cientistas e também habitantes da cidade, e eles começaram a se movimentar.⁴¹³

Especialistas afirmam que “se o andamento do programa continuar na mesma velocidade, em 30 anos o rio Tietê estará recuperado, com 100% do seu esgoto tratado⁴¹⁴”. Recentemente, uma companhia de teatro escolheu o rio como canário para a montagem de um palco flutuante⁴¹⁵. Outra manchete destacou: “o Tietê começa a reviver⁴¹⁶”. Para o atual governador do estado, o rio limpo e as encostas repletas de verde irá mudar a auto-estima das pessoas⁴¹⁷. O mesmo ainda afirma: **“Em São Paulo, não tenho dúvida de que o Rio Tietê está entre os nossos mais importantes símbolos, pelo que representa para o povo paulista e para o próprio País⁴¹⁸”**.

Pense, agora, num Tietê do futuro. Se todos – governo e comunidade – quiserem é possível salvar o rio de São Paulo. “Nós podemos e devemos limpar o Tietê” (Paulo Vanzolini, compositor e zoólogo), “Limpar o rastro do mau progresso que ele ganha ao atravessar São Paulo é imperativo” (Domício Pinheiro, fotógrafo), “O rio tem o direito a sua volta ao seio da natureza com águas límpidas e acolhedoras para todos nós – seus companheiros na caminhada da vida” (Lélia Abramo, atriz), “Quando será o dia que a cidade de São Paulo irá acordar e se orgulhar de seus rios?” (Manabu Mabe, artista plástico).⁴¹⁹

Um projeto para se navegar pelo rio (Projeto Navega São Paulo) vem sendo abordado como alternativa de meio de transporte e educação ambiental. “Tendo utilização contínua, as pessoas vão começar a acreditar no processo de despoluição do

⁴¹³ ADORNO, *op. cit.*, p. 100.

⁴¹⁴ MAGALHÃES, Rita. Presente para o Tietê: zero de oxigênio. *Jornal da Tarde*, 23/09/2002.

⁴¹⁵ NÉSPOLI, Beth. Vertigem quer palco sobre Rio Tietê. *O Estado de S.Paulo*, 23/02/2005.

⁴¹⁶ O TIETÊ começa a reviver. Editoriais. *Jornal da Tarde*, 01/10/2004.

⁴¹⁷ AMENDOLA, Gilberto. Dia do Tietê, entre obras e espumas. Alckmin supervisiona projeto de recuperação; cidade sofre com poluentes. *O Estado de S.Paulo*, 23/09/2004.

⁴¹⁸ ALCKMIN, Geraldo. Rio Tietê, um símbolo paulista. O Tietê ajudou São Paulo a crescer, mas infelizmente se tornou vítima do crescimento desordenado. *Jornal da Tarde*, 22/10/2004.

⁴¹⁹ <http://riotiete.sites.uol.com.br/vida/vida.htm> Acesso em 20/01/05.

Tietê⁴²⁰”. Outros acreditam no potencial turístico do rio: “O cheiro é ruim, a água é suja e a paisagem não é nada inspiradora. Mesmo assim, navegar pelo Rio Tietê é possível e tem o seu charme⁴²¹”. Enfim, para aqueles que conhecem a importância do rio na história da cidade, a revitalização e despoluição é o pagamento de uma dívida para com o rio, a “chave para resgatar o orgulho dos paulistas⁴²²”.

No entanto, sabemos que o “renascimento” do rio não será tão simples como aparentam as manchetes acima: “o sucesso na recuperação do rio depende da mudança de atitude tanto do poder público quanto da sociedade⁴²³”. Da poluição acumulada na Bacia do Tietê, 35% não vem das redes de esgoto, mas sim do lixo das ruas. Em 2005, a previsão é de que a bacia do Tietê chegue a receber 300 toneladas de lixo jogado nas ruas. “Essa quantidade impediria, em grande parte, que o rio e seus afluentes melhorem a qualidade das águas⁴²⁴”. Numa postura mais pessimista, ou menos romântica, a promessa de revitalização do rio se mostra obstruída pelos “maus-hábitos” da população: “a poluição que nós produzimos e pela qual ninguém se sente responsável⁴²⁵”.

Em São Paulo, os rios e riachos tornaram-se símbolos de poluição e, como decorrência, a população foge deles e não se sente culpada ao fazer ligações clandestinas de esgoto domiciliar na rede de águas pluviais ou simplesmente usar as vias públicas como lata de lixo. ⁴²⁶

O governo estadual poderá ver comprometido o cumprimento das metas ambientais da segunda fase do projeto de despoluição do Rio Tietê por causa das dificuldades para convencer proprietários a ligar seus imóveis à rede de esgoto. (...) O motivo é um só:

⁴²⁰ Afirmação do diretor técnico da Basico, João Químio Nojiri. QUER navegar no Tietê? Espere alguns meses: projeto prevê a realização de passeios gratuitos, duas vezes ao dia, em trecho do rio. *O Estado de S.Paulo*, 19/07/2004.

⁴²¹ AMENDOLA, Gilberto. Tietê tem seu primeiro passeio turístico. Agora, só falta patrocínio Sexta-feira. *O Estado de S.Paulo*, 02/07/2004.

⁴²² Secretária-executiva do Roteiro dos Bandeirantes, Maria Helena SCAVONE. Uma nova chance para o Tietê: passeios podem começar já este ano no rio que - promete-se - estará despoluído em 2006. *O Estado de S.Paulo*, 29/07/2004.

⁴²³ A RECUPERAÇÃO DO TIETÊ. *O Estado de S.Paulo*, 23/09/2004.

⁴²⁴ A RECUPERAÇÃO DO TIETÊ. *O Estado de S.Paulo*, 23/09/2004.

⁴²⁵ LIMA DE TOLEDO, BENEDITO. A reconquista do Rio Pinheiros. *O Estado de S.Paulo*, 21/01/2001.

⁴²⁶ LIMA DE TOLEDO, BENEDITO. A reconquista do Rio Pinheiros. *O Estado de S.Paulo*, 21/01/2001.

com a ligação, os consumidores passam a pagar o dobro na conta da água. Sem a coleta de esgoto, redes e estações permanecerão ociosas e, além do desperdício dos recursos investidos em partes iguais pela Sabesp e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), frustram-se as oportunidades de melhoria da qualidade das águas do Rio Tietê e dos outros rios e córregos da cidade.⁴²⁷

Diversos aspectos apontam para o fato de a limpeza física do Tietê não ser suficiente para eliminar o problema ecológico no rio: (1) a problemática municipal da coleta de lixo “quase 40% do lixo que chega ao rio, hoje, é proveniente de lixo não-coletado ou mal acondicionado⁴²⁸”; (2) o destino do lodo tóxico que vem sendo retirado do rio; (3) não se sabe a quantidade de poluentes químicos que chegaram às águas dos rios em todos estes anos, não se pode detectá-los por completo, e nem removê-los com segurança; (4) com o fim da descarga de poluentes industriais, patógenos irão voltar a existir nas águas do rio “se os poluentes industriais forem efetivamente controlados até 1994 e parte dos esgotos domésticos continuarem chegando ao rio, há riscos evidentes de proliferação de patógenos⁴²⁹”; (5) a resistência das pessoas em ligar suas casas à rede de esgoto; (6) a credulidade de algumas pessoas em não acreditar na despoluição. “O quê? O Tietê menos poluído? Conta outra, que essa foi muito boa”, diz, soltando uma sonora gargalhada⁴³⁰; (7) a “má-educação” das pessoas que insistem em jogar lixo na rua. “Infelizmente, 20% da sujeira do Rio não é proveniente do esgoto. São detritos jogados no Tietê. Essa é uma questão de educação⁴³¹”; (8) o empecilho político “tudo que é enterrado não dá votos⁴³²”; (9) o rio na posição de bode expiatório: o paulistano deposita “no Tietê a culpa de boa parte dos males que assolavam a cidade, principalmente a partir de 1900⁴³³”; (10) as enchentes continuarão a acontecer, ainda que não ocorram nas marginais.

⁴²⁷ AMEAÇA ao Projeto Tietê. *O Estado de S.Paulo*, 17/05/2004.

⁴²⁸ LIXO e esgoto em São Paulo. *O Estado de S.Paulo*, 02/02/2001.

⁴²⁹ DESPOLUIÇÃO do Tietê depende da iniciativa das indústrias. *Agência Estado*, 09/08/1993.

⁴³⁰ TIETÊ dá sinais de vida. Mas população duvida Cetesb diz que mancha de poluição diminuiu 120 quilômetros; moradores não vêem diferença. *O Estado de S.Paulo*, 06/09/2003.

⁴³¹ AMENDOLA, Gilberto. Limpeza do Tietê chega aos poucos, diz Alckmin. São Paulo - No Dia do Rio Tietê, o governador Geraldo Alckmin fez uma inspeção aérea das obras de despoluição de suas águas. *O Estado de S.Paulo*, 22/09/2004.

⁴³² LIXO e esgoto em São Paulo. *O Estado de S.Paulo*, 02/02/2001.

⁴³³ ADORNO, *op. cit.*, p. 39.

(...) há uma bomba de efeito retardado com esse sistema de canalização de córregos, riachos e construção de piscinões. Sem outras medidas como a desocupação das favelas nos fundos dos vales ou a redução dos solos impermeáveis, São Paulo eternizará o problema das inundações. O governador Geraldo Alckmin afirmou que o rebaixamento de calha do Rio Tietê, um projeto de R\$ 688,3 milhões, já ajudou a reduzir as enchentes. (...) Só que o maior volume do rio acabou barrando a enxurrada de afluentes, como o Tamanduateí. A água que vem desde a região do ABC não consegue “entrar” na calha, volta e pára na Vila Prudente, uma das áreas mais castigadas dos últimos dias.⁴³⁴

Assim, acreditamos que o combate à crise ecológica no Tietê precisa também abranger um outro rio, mais ligado às motivações e comportamentos do paulistano. Para o geógrafo Mário Mantovani, coordenador da SOS Mata Atlântica, “O rio é o termômetro da sociedade. Se o rio tem esgoto, é sinal de uma sociedade doente. Se tem lixo, de uma sociedade porca⁴³⁵”. O Tietê reflete a cidade, sua história ressona na alma do paulistano. A busca da identidade do rio é também a busca pelo entendimento profundo da metrópole.

⁴³⁴ NUNOMURA, Eduardo. Enchentes e falta d'água, a sina do paulistano: é difícil entender como pode haver racionamento, se tem chovido tanto na capital. *O Estado de S.Paulo*. 08/02/2004.

⁴³⁵ MAGALHÃES, Rita. Presente para o Tietê: zero de oxigênio. *Jornal da Tarde*, 23/09/2002.

Sexta Parte

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- O RIO DA ALMA -

*(...) cada alma possui seu corpo particular, a parte efêmera de sua existência – seu rio próprio.*⁴³⁶

O estudo do simbolismo e do imaginário ligado ao rio ficaria incompleto sem a consideração do rio como metáfora da alma e da identidade de São Paulo. Para isso, colocamos a questão: como se deu o relacionamento entre ambos, rio e homem? O que denominamos crise ecológica também é uma crise cultural, abrangendo aspectos espirituais e psicológicos. Nesse contexto, é fundamental conhecer a história do objeto em questão, seus aspectos geográficos e sociais, bem como destacar diferentes olhares sobre sua identidade. Assim, entendemos ter sido de grande importância descrever a evolução do rio, bem como os diferentes posicionamentos assumidos pela população paulistana.

Como foi visto, um dos momentos mais traumáticos desta relação aconteceu na primeira metade do século XX. No entanto, os sinais e sintomas deste “caos planejado” já se faziam presentes desde a época da colonização, com o desrespeito pela cultura autóctone (as hierofanias do rio), sendo agudizados com a perda da ligação afetiva com o rio e cronificados com a estrutura física e urbana da metrópole.

Muitos dos principais problemas da metrópole mostram-se já no caminho do Aeroporto Internacional de São Paulo, em Cumbica, Guarulhos. “Imagino um estrangeiro que, depois de desembarcar, vê as favelas, o mato e os cachorros mortos na pista ao longo de todo o trajeto até a cidade”, diz Campana. “A falta de zelo com o Rio Tietê e o cheiro de esgoto causam impressão muito mais forte do que qualquer símbolo”.⁴³⁷

⁴³⁶ CHEVALIER, *op. cit.*, p. 781.

⁴³⁷ SÃO PAULO, uma cidade sem identidade visual. *O Estado de S.Paulo*, 09/09/2000.

Em fins do século XX, com a mobilização da opinião pública, teve início o conjunto de obras para despoluir o Tietê. Na verdade, essas obras melhorarão em muito a qualidade das águas, mas sem a mudança de hábitos como o desperdício e o despejo de lixo nas ruas, nos córregos e rios, não acreditamos que a crise ecológica terá fim.

Em decorrência do crescimento das cidades e da poluição, as pessoas deixaram de olhar e de ter contato direto com os rios, principalmente com o Tietê, o maior do Estado de São Paulo. Pois, ninguém gosta de encarar a degradação e muito menos de assumir responsabilidades. **Se um rio é como um espelho que reflete a nossa sociedade, o Tietê mostra que não vamos bem.**⁴³⁸

E se não assumirmos responsabilidades, conseqüentemente continuaremos a agredir? Para alguns, “A identidade do paulistano é não ter identidade⁴³⁹”. Como se isso fosse possível.

São Paulo é uma cidade que não fixa uma identidade, com uma cultura e uma paisagem muito pouco exibicionistas, e seus cidadãos já naturalizaram, em relação a ela, **uma prática de recíproco mau trato.** (...) A poluição do seu principal rio, o Tietê, a demolição de sua Igreja Matriz, a primeira Sé, ou a canalização de seu mais importante “monumento” histórico, o córrego do Ipiranga, são manifestações desse desapego.⁴⁴⁰

O nível de oxigênio na água tende a subir, poderemos até encontrar peixes no trecho que abastece a metrópole, porém a contaminação cultural e anímica que ocorreu não sofrerá grandes alterações, uma vez que tais medidas não atingem a subjetividade humana. Logicamente, ver o rio mais limpo afetará a todos nós psiquicamente, mas o corrente mau trato com que nos relacionamos com a natureza continuará existindo.

Têm-se a ilusão de que o rio mais limpo trará uma nova cultura empática ao rio. Isso até poderia acontecer, não fosse a própria estrutura urbana da cidade, que

⁴³⁸ <http://www.rededasaguas.org.br/observando/historia.htm> Acesso em 20/12/04

⁴³⁹ GARBIN, Luciana. Gostos e manias constroem alma paulistana. *Folha de S. Paulo*, 24/09/2000.

⁴⁴⁰ WISNIK, Guilherme. Análise: Temos motivos para comemorar? *Folha de S. Paulo*, 25/01/2003.

“colocou” o Tietê numa área muito industrializada, intensamente poluidora do ar, com duas extensas marginais ali perpetuadas pelo sistema de ruas, avenidas e estradas da metrópole. Não se pode ignorar este fato. A cidade estará infinitamente “sufocando” o rio. “São Paulo cresceu pressionando o rio (Tietê), quando este é quem deveria orientar o crescimento da metrópole⁴⁴¹”.

Sendivogius, o alquimista, afirmou: “A maior parte da alma” está fora do corpo. “*Mens sana in corpore sano* (o lema médico de Galeno, mente saudável em corpo sadio) refere-se hoje ao “corpo do mundo”; se não o mantivermos sadio, enlouqueceremos. O descaso pelo meio ambiente, o corpo do mundo, é só uma parcela de nossa “insanidade” pessoal. É preciso devolver a saúde ao corpo do mundo, pois nesse corpo também esta sua alma. Não acho que as disciplinas espirituais levem o mundo suficientemente em conta; vivem querendo transcendê-lo, ou seja, negá-lo com praticas espirituais. Por isso a terapia ainda é tão importante - se ela se esforçar e repensar suas bases -, porque está aqui na terra, na confusão da vida, e verdadeiramente preocupada com a alma.⁴⁴²

O rio da alma da cidade mostra violência, sujeira, alto custo de vida, poluição, trânsito, falta de atrativos e indignação com políticos. “Os paulistanos têm vivido cada vez mais fechados e **conhecem a cidade mais pela televisão do que pelos olhos**⁴⁴³”. Num plano profundo, o Tietê mostra o lado destrutivo, sombrio da cidade que, seguramente, ninguém quer ver. Será por isso que ficamos tanto tempo alienados da condição mórbida do rio? O Tietê morreu e não enlutamos. Nossa dissociação com o simbólico, com a alma do mundo, nos faz temer a finitude e incomprender a transcendência. Não soubemos lidar com a morte do rio e preferimos ignorá-la, o que provoca a agressão velada e a *atuação* inconsciente.

Buscamos uma visão integrada das duas dimensões – objetiva e subjetiva – para analisar a crise no rio. Sob este prisma, entendemos que a crise ressona numa dissociação interna, psíquica e espiritual do paulistano. E que uma não pode ser

⁴⁴¹ Explica o superintendente do Departamento de Águas e Energia Elétrica (Daee), Ricardo Borsari. NUNOMURA, Eduardo. Enchentes e falta d'água, a sina do paulistano: é difícil entender como pode haver racionamento, se tem chovido tanto na capital. *O Estado de S.Paulo*. 08/02/2004.

⁴⁴² James HILLMAN, e Michael VENTURA, *Cem Anos de Psicoterapia... e o mundo está cada vez pior*, p. 55.

⁴⁴³ GARBIN, Luciana. Gostos e manias constroem alma paulistana. *O Estado de S.Paulo*, 24/09/2000.

trabalhada desprezando-se a outra, a exemplo daquilo que se vem fazendo. As estratégias governamentais e das ONG's atuais não produzem um novo *sentido* para o símbolo do rio. Dessa forma, ele estará menos sujo, mas, para nós, continuará a ser o Tietê de sempre. Numa margem, a falácia redutivista; e na outra, a concretista. A busca da solução deste impasse pode estar na “terceira margem do rio”, na tensão, ou coexistência funcional dos contrários (Cassirer), no levantamento das máscaras do profano em busca do significado profundo dos sistemas simbólicos (Eliade), no diálogo consciente entre o ego e os símbolos aquetípicos (Jung). Essa é a proposta da Ecologia Arquetípica.

Isso talvez consagre um novo batismo, um novo jorro de “água da vida” que desperte a serpente de concreto aprisionada no viaduto e lhe confira paz. Em retorno, ela talvez nos dê mais vida, mais *númen* e restabeleça uma nova parentalidade com a Grande-Mãe, Patchamama, *Anima Mundi*.

Precisamos olhar as águas negras do *estige* Tietê e os olhos da *Boiúna* adormecida em busca de nossa verdadeira face, que se oculta atrás da máscara descartável e virtual do consumismo em moda. Identificados com a cara desta *persona*, não percebemos o que nos aprisiona e nos deprime na angústia e que nos faz eleger bodes expiatórios repetidamente. Até que encontramos um que não revidava: a Natureza. Será?

A Boiúna e o “minhocão”

*A grande serpente Boiúna que um dia habitou as águas do Tietê jaz
cinzenta e concreta, cimentada no elevado Costa e Silva,
o “minhocão”.*

*Das Ipupiaras indígenas e Iaras caboclas do antigo Anhembi, ficou
apenas o canto que ecoa dos outdoors do viaduto. Dos anúncios de
lingerie, sapatos, roupas e sex shops, o canto dessas sereias nos seduz
ao consumo do efêmero e do descartável.*

*Enquanto embaixo do viaduto, os mendigos e catadores de lixo, os
travestis e as prostitutas, constroem seus barracos de papelão
e suas ilusões de silicone.*

*Somos todos agonizantes prisioneiros no interior da barriga
do monstro de concreto.*

R.A.H.

CONCLUSÃO

A problemática ecológica da água no mundo é uma questão atual e que está ligada à noção de que o desenvolvimento econômico de um povo deve se sobrepor ao desenvolvimento cultural, o que origina um impasse entre cultura e desenvolvimento. No entanto, esta crise e este impasse estão sendo estudados quase exclusivamente por referenciais objetivos, da dimensão material. Muito pouco foi colocado sobre o correspondente subjetivo desta questão, ou mesmo sobre a integração das dimensões objetiva e subjetiva como referencial de análise.

Em São Paulo, no recorte da crise ecológica no rio Tietê, também identificamos este impasse, o qual agravado no século XX, pela visão de desenvolvimento assumida pela metrópole, deu origem a um movimento crescente de agressão ambiental deste rio e suas águas. Este descaso ambiental evoluiu rapidamente, até que, em 1992, foram iniciadas, pelo governo do estado, obras de limpeza e despoluição, as quais estão em andamento até hoje. Organizações não-governamentais também se fizeram presentes, lançando projetos de educação ambiental e observação da qualidade da água. Este quadro também carece de estudos que integrem as dimensões objetiva e subjetiva.

Do prisma teórico construído a partir do conceito de símbolo nas obras de Cassirer, Eliade e Jung e da análise do simbolismo religioso e do histórico do imaginário ligado ao rio, concluímos que concomitante à poluição e ao afastamento físico, da população em relação ao Tietê, também ocorreu um distanciamento traumático interior, ou psíquico. O “Eu” do homem moderno paulistano se ‘afastou’ e ‘poluiu’ seu rio interno, seu “rio da alma”. Assim, dois processos aconteceram simultaneamente: a devastação ecológica do Tietê e a poluição da psique. O rio e suas águas perderam o significado simbólico original, passando de um símbolo “vivo” a um signo “morto”, ou “sombrio”.

Enquanto conteúdo da sombra, os conteúdos psíquicos que já estiveram associados ao rio, como os símbolos de vida, das entidades aquáticas, dos mitos e lendas

indígenas, das festas religiosas, da cultura, esporte e lazer, não podem mais fluir em harmonia e integralidade. Estão “cristalizados” num complexo, reprimidos na porção sombria e obscura da psique.

Dos inúmeros significados que o simbolismo da água do rio Tietê já possuiu, muito pouco restou. Basicamente, só permaneceram os sentidos de morte, dor e sofrimento. O enfrentamento dessa realidade sombria acarretaria um maior grau de sofrimento, porque revela nossa omissão, descaso e falta de comprometimento com a “saúde” do rio. Assim, segundo a psicodinâmica junguiana, a sombra externalizada na forma de atuações destrutivas, como descaso, desperdício de água, despejo de lixo nas ruas, impermeabilizações do solo, etc., precisa ser re-integrada à consciência por meio do reconhecimento das agressões inconscientes ao meio ambiente, as quais, por sua vez, põe em risco o sucesso das atuais políticas públicas de limpeza do rio.

Acreditamos ter atingido nosso objetivo de lançar uma base teórica a novos estudos e estratégias educacionais, que busquem um aumento no grau de consciência, a fim de que este símbolo que vem representando aspectos ligados à morte possa receber um novo significado, e a vitalidade do Tietê seja resgatada.

Tendo em vista a problemática estudada, levantamos as seguintes propostas visando a aplicação prática das conclusões teóricas:

- Criação de uma disciplina nos colégios de Ecologia da Metrópole, onde, dentre outros tópicos, sejam abordados: os aspectos históricos e geofísicos do rio e do relevo paulistano, a devastação do meio-ambiente e o impasse cultura-desenvolvimento econômico; o impacto ambiental com a urbanização no século XX; a condição da natureza de São Paulo – suas águas, ar, solo, mudanças de temperatura; o estudo do desperdício dos recursos naturais nas casas – quantidade de água potável que se elimina a cada descarga do vaso sanitário, banhos, gastos com a lavagem de carros e calçadas, vazamentos dos dutos de abastecimento da rede hídrica municipal, gastos das indústrias e agricultura; alternativas existentes para o uso racional de água, reuso de água e reaproveitamento de água das chuvas. Em adição, serão também abordadas manifestações subjetivas, representações simbólicas e do imaginário popular acerca da água e do rio como hierofania, a exemplo da classificação de Eliade.

- Implantação e incentivo de vivências de “conscientização” aliadas à educação e ao turismo, que promovam o confronto com a realidade “não-vista” da devastação ambiental. Consistiriam de visitas a lixões; aterros sanitários; habitações ilegais às margens dos reservatórios de água; córregos poluídos; indústrias que já foram poluidoras e hoje são exemplo no gerenciamento de água; estações de tratamento de água; trechos poluídos do rio e usinas hidrelétricas no Tietê; às cidades de Santana do Parnaíba e Pirapora do Bom Jesus, principalmente nas épocas em que aumentam as espumas tóxicas; dutos de esgotos e canalizações de córregos; etc.
- Fomento de atividades “culturais”, tais como: peças de teatro e espetáculos musicais que tenham o rio como palco ou cenário; reestruturação do Pq. Ecológico do Tietê como centro de lazer, convenções, bem como a revitalização de seu museu; excursões que revivam navegação dos bandeirantes e as monções, bem como turismo religioso às cidades sagradas ao longo do rio; incentivo de celebrações religiosas tendo o rio como cenário, como a missa no dia do rio e a reedição da festa dos Navegantes e do Bom Jesus; conversas ou entrevistas com pessoas que conheceram o rio mais limpo, nadaram, pescaram ou praticaram esportes em suas águas.
- Criação de novela ou minissérie de televisão que retrate a importância histórica do rio para o desenvolvimento da metrópole, associada a toda a simbologia da água e do rio; elaboração de propagandas e estratégias de *marketing* que veiculem os símbolos ligados à vida, força, pujança, dinamismo, impetuosidade do rio, associando-o com a identidade da metrópole, bem como campanhas que renovem a imagem do feminino das águas, para que nossas sereias deixem de ser apenas pornográficas e nosso “minhocão”, o viaduto de concreto; utilização de símbolos das diversas culturas que habitam São Paulo em suas representações hídricas e fluviais, a exemplo da mitologia e folclore indígena, afro, europeu, japonês, árabe, italiano, etc. Aumento da arborização das margens e, assim que possível, manejo da piscicultura do rio.

Todas estas propostas deveriam estar associadas a um conteúdo didático que incluía a conceituação psicodinâmica junguiana, que defende a integração de conteúdos

reprimidos, projetados no ambiente. É importante que tais medidas andem juntas, para não parecerem um concretismo apologético do sofrimento, e nem uma manipulação da massa via representações do imaginário. O fundamental é que a mudança do comportamento de degradação para uma atitude ecológica seja almejado mediante uma mudança de consciência em relação a São Paulo e à metrópole, e não à imposição de taxas e racionamentos.

Como possíveis vertentes de estudos posteriores, acreditamos na validade da investigação (1) da formação do complexo-cultural paulistano, bem como as relações deste com o referido rio; (2) de que a agressão ecológica não está separada de nossas atuais “doenças da alma”, como a depressão, o estresse e os infartos do miocárdio. E que nossa dimensão corporal também vem sendo tão agredida quanto o meio ambiente.

Por fim, se a vida na cidade “perdeu o sentido”, talvez precisemos de uma atitude simbólica que integre Natureza, Corpo e Alma; ou então Gaia – Ego – Self, a fim de entendermos o lado prospectivo de tanta violência e sofrimento.

APÊNDICE

O ciclo simbólico da água

Aprendemos no colégio o ciclo da água, ou ciclo hidrológico (fig. 16). Neste modelo a água evapora dos mares, condensa nas nuvens e precipita sobre o continente. Porém, haja visto a atual crise planetária de água doce, onde estão representadas a poluição, o desperdício e a escassez, as disputas pela água, o estresse hídrico, e a contaminação industrial? E onde está a relação simbólica e espiritual do homem com a água?

Este ciclo valoriza apenas uma dimensão do ciclo da água: a dimensão concreta, ou objetiva. Tendo como pano de fundo a crise planetária descrita, tal ciclo hidrológico não existe na natureza atual. Nesta dissertação, sob o prisma das ciências da religião e da psicologia analítica, tornou-se necessária a idealização de um novo modelo do ciclo hidrológico. Uma representação que compreenda, além da dimensão objetiva, a dimensão simbólica, cultural, e espiritual da relação do homem com a água⁴⁴⁴.

Imaginemos uma fita de papel. Unindo suas extremidades de forma direta teremos uma figura no espaço que se assemelha a um cilindro (ou anel). Nesta condição, têm-se duas superfícies claramente distintas, uma interior e outra exterior. Metaforicamente, esta representação separa uma realidade natural, como a do ciclo hidrológico convencional, de uma dimensão simbólica e espiritual, a qual vem sendo desprezada nos relatórios científicos. No entanto, como esta situação não é mais verificada desde que a evolução natural “proporcionou” um sistema simbólico ao homem⁴⁴⁵, é preciso raciocinar sobre um modelo que inclua tanto a superfície interna quanto a externa. Ou então, as duas dimensões da realidade.

⁴⁴⁴ Demos a este ciclo o nome de Ciclo Simbólico da Água, ou Ciclo Arquetípico da Água. E, como representação espacial, escolhemos o modelo da fita de Möbius.

⁴⁴⁵ A teoria do *Homo symbolicum* será abordada na parte sobre o referencial teórico.

Um modelo desta natureza foi idealizado, matematicamente, pelo alemão August Ferdinand Möbius (1790-1868), em 1858⁴⁴⁶. Para confeccioná-lo, basta realizar uma meia-volta (180 graus) em uma das extremidades da tira de papel, antes de uni-las. (figs. 17-18) A mesma idéia foi imortalizada pelo artista M.C. Escher no desenho *Möbius Strip* (fig. 19).

Nesta nova figura, as duas superfícies (os dois lados da tira de papel) se tocam, não sendo mais adequada a descrição dentro X fora. Não se pode dizer que há uma separação, ou “dissociação”, das dimensões. Trata-se de uma unidade dialética, onde os contrários coexistem. Entendemos que os contrários não são mutuamente exclusivos, mas interdependentes, dotados de tensão e de uma dinâmica sistêmica. E que tem como denominador comum a busca da harmonia na contrariedade.

É justamente assim que entendemos o ciclo hidrológico, e não como aprendido comumente. Através desta perspectiva, as dimensões psíquica e espiritual estão incluídas no modelo de entendimento da dinâmica da água, e logo, não se pode mais desprezá-la na elaboração de estratégias para lidar com a crise. A fim de tornar possível o estudo da crise ecológica frente a este novo modelo de ciclo hidrológico, a creditamos ser o **símbolo**⁴⁴⁷, o fio de Ariadne⁴⁴⁸ que pode nos tirar desse labirinto conceitual.

Em adição, este modelo também representa o conceito de desenvolvimento defendido atualmente pela ONU. Não mais antepondo cultura X desenvolvimento, como no modelo do cilindro ou anel, mas integrando-os de forma que o desenvolvimento pleno está indissociado do desenvolvimento cultural, ou humano, de um povo, a exemplo do modelo de Möbius.

⁴⁴⁶ Para a biografia de Möbius, acessar: <http://www-history.mcs.st-and.ac.uk/history/Mathematicians/Mobius.html>. Acesso realizado em: 05/03/03.

⁴⁴⁷ Conforme o referencial teórico adotado neste estudo.

⁴⁴⁸ A idéia do símbolo como fio de Ariadne foi defendida por Cassirer, em *Ensaio sobre o Homem*.

BIBLIOGRAFIA

_____. *O Livro do Rio Tietê* São Paulo: Estúdio Ro, 1991.

ADORNO, Vicente. *Tietê: uma promessa de futuro para as águas do passado*. São Paulo: Texto Art Gráfica e Editora Ltda., 1999.

Agência Nacional de Águas: www.ana.gov.br

ALLEN, D. *Mircea Eliade y el Fenômeno Religioso*. Madri: Cristandad, 1985.

ALLEAU, René. *A ciência dos símbolos*. Lisboa: Edições 70, 2001.

ANCHIETA, Joseph. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do padre Joseph de Anchieta*. (Cartas Jesuíticas, vol. 3). Rio de Janeiro: Civiliz. Brasileira. 1933 [1554-94].

_____. *Cartas*. Correspondência ativa e passiva (Obras Completas vol. 6). São Paulo: Loyola, 1984 [1553-1596].

ANDRADE, Mário de. *Lira Paulistana seguida de carro da miséria*. São Paulo: Martins, s.d.

ANDRADE e SILVA, Waldemar. *Lendas e mitos dos índios brasileiros*. São Paulo: Pancrom Indústria Gráfica, 1990.

ARROYO, Leonardo. *Relação do Rio Tietê*. São Paulo: Obelisco, 1965.

AVENS, Roberts. *Imaginação é realidade: o nirvana ocidental em Jung, Hillman, Barfield e Cassirer*. Petrópolis: Vozes, 1993.

AZEVEDO, Aroldo de. *A cidade de São Paulo*. Estudos de geografia humana. Vol. I São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1958.

BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BOFF, Leonardo *Ecologia Grito da Terra, Grito dos Pobres* São Paulo: Ática 3a. Ed 2000.

BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. Vol I 4ª.Ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito* São Paulo: Palas Athena, 1990.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, MEC, 1976.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Essência y efeito do conceito de símbolo*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1975.

_____. *Filosofia das Formas Simbólicas* Vol. I. 2ª. Ed. México: Fondo de cultura Econômica, 1998.

_____. *Filosofia das Formas Simbólicas* Vol. III. 2ª. Ed. México: Fondo de cultura Econômica, 1998.

_____. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CAVALCANTI, Raissa *Mitos da Água* 3ª. Ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

CAVALCANTI, Tito R. de A. *A psicologia da religião de Carl Gustav Jung e a abordagem religiosa de Mircea Eliade: acertos e desacertos de uma leitura psicológica dos símbolos religiosos*. São Paulo: s.n., 1998. Dissertação (Mestrado – PUC-SP).

CAVE, David. *Mircea Eliade's Vision for a New Humanism* New York: Oxford University Press, 1993.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionários de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002 [1982].

CUÉLLAR, Javier Pérez de. (org.). *Nossa Diversidade Criadora: relatório da comissão mundial de cultura e desenvolvimento* Campinas: Papirus, Brasília: Unesco, 1997.

DAMANTE, Helio. *Folclore Brasileiro*. São Paulo: Funarte, 1980.

Dicionário HOUAISS (versão eletrônica 1.0, em CD-ROM, - Dezembro de 2001 Copyright 2001 Instituto Antônio Houaiss Produzido e Distribuído por Editora Objetiva Ltda.

DIEGUES, Antonio Carlos. *Ecologia Humana e Planejamento em Áreas Costeiras*. 2ª.Ed. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2001.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, Lda., 1993.

EDINGER, Edward *A Criação da Consciência* São Paulo: Cultrix, 1996.

EDINGER, Edward *Ego e Arquétipo* 3a. ed. São Paulo: Cultrix 2000.

EDUCAÇÃO Ambiental: curso básico a distância: questões ambientais: conceitos, história, problemas e alternativas. Coordenação-Geral: Ana Lúcia Tostes de Aquino Leite e Nana M. Medina. Brasília: MMA, 2001.

ELIADE, Mircea *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Mefistófeles e o Andrógino*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *Mitos, Sonhos e Mistério*. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *The two and the one*. Nova Iorque: Harper and Row, 1969.

_____. *Tratado da História das Religiões*. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Yoga. Imortalidade e Liberdade*. São Paulo: Palas Atenas, 1996.

Folha de S.Paulo: www.folha.com.br

FRANZ, Marie-Louise Von *Psicoterapia* São Paulo: Paulus 1999.

FREITAS, Affonso A. de. *Tradições e Reminiscências Paulistanas*. São Paulo: Martins, 1921.

Fundação SOS MATA ATLÂNTICA: www.sosmataatlantica.org.br

GIRARD, Marc. *Os símbolos na bíblia*. São Paulo: Paulus, 1997.

HILLMAN, James e VENTURA, Michael. *Cem Anos de Psicoterapia... e o mundo está cada vez pior* São Paulo: Summus 1995.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. 6ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

INGLETON, Jon (ed.) *Freshwater Future*, England: Leicester, Tudor Rose 2003
Publicação Oficial da Organização das Nações Unidas (ONU).

JACOBI, Jolande. *Complex/Archetype/Symbol*. Nova Iorque: Princeton Univ. Press, 1959.

JAFFÉ, A. (ed.) *Word and Image*. Nova Iorque: Princeton univ. Press, 1983.

JECUPÉ, Kaká Werá. *A terra dos mil povos: história indígena contada por um índio*. 3ª. Ed. São Paulo: Peirópolis, 1998.

JOURNAL OF ANALYTICAL PSYCHOLOGY. Londres, vol. 43.

JUNG, Carl G. *A Natureza da Psique*. 3ª.Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1991 [1946].

_____. *A Prática da Psicoterapia* 4ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1991 [1951].

_____. *Aion –Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1982 [1950].

_____. *A Vida Simbólica*. Escritos Diversos 2ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000 [1971].

_____. *Cartas de C.G. Jung*. Vol. II (Ed. A. Jaffé) Petrópolis: Vozes, 2002 [1973].

_____. *Fundamentos de Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *General INDEX of the Collected Works*. Princeton: Univ. Press, 1984 [1979].

_____. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* Petrópolis: Vozes 2000.

_____. *Psicologia e Religião Oriental* São Paulo: Círculo do Livro, 1989 [1939].

_____. *Psychological Types*. Princeton: Princeton University Press, 1971 [1921].

_____. *Psychology and Religion*. Princeton: Princeton University Press, 1969 [1939].

_____. *Símbolos da Transformação*. 4ª.Ed. Petrópolis: Vozes, 1999 [1912].

_____. *The Structure and Dynamics of the Psyche*. Princeton: Princeton University Press, 1975 [1960].

JUNG, Carl G., VON FRANZ, M. L. , HENDERSON, J. L., JACOBI, J., JAFFÉ, A. –
O Homem e Seus Símbolos 2ª. Ed.- Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, s.d.

LANGER, Susanne. *Filosofia em Nova Chave*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LEITE, Serafim (Org.). *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil II (1553-1558)*.
Coimbra: Atlântida, 1957.

MARCONDES, Maria José de Azevedo. *Cidade e natureza: proteção dos mananciais e exclusão social*. São Paulo: Estúdio Nobel: Ed. Da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

MELANI, Ricardo A. Haltenhoff. *O conceito de espaço na filosofia das formas simbólicas*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP 2001.

MONTEIRO, John. *Negros da Terra*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe*. São Paulo: Cultrix, 2001 [1974].

NÓBREGA, Mello *História do rio Tietê* – 3ª. Ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

NOVAES, Washington. *A década do impasse: da Rio-92 à Rio+10*. São Paulo: Estação Liberdade: Instituto Socioambiental, 2002.

O CORREIO DA UNESCO Brasília: UNESCO. Nov. 96, ano 24, no. 11.

O Estado de S.Paulo. www.estadao.com.br

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS *Water for People, Water for Life*, 2003. UNESCO-WWAP Barcelona: Berghahn Books. 2003.

PIRES, Maria F. Chari. *A arte como forma simbólica*. Um estudo sobre o pensamento de Ernst Cassirer e suas reflexões sobre arte. Dissertação de Mestrado PUC-SP. São Paulo, 2001.

PRADO Jr., Caio. *A Cidade de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PREZIA, Benedito A. *Os indígenas do planalto paulista: nas crônicas quinhentistas e seiscentistas*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.

REBOUÇAS, Aldo da Cunha; BRAGA, Benedito; TUNDISI, José Galizia (orgs.) *Águas Doces no Brasil*.- São Paulo: Escrituras Editora, 1999.

REDE DAS ÁGUAS. www.rededasaguas.org.br

ROCQUET, Claude-Henri. Mircea Eliade: *Ordeal by Labyrinth*. Conversations with Claude-Henri Rocquet. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.

SABESP: www.sabesp.com.br

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE; *A Água no Olhar da História* (texto, projeto e pesquisa Dora Shellard Corrêa, Zuleika M. F. Alvim) São Paulo: A secretaria, 1999.

SHARP, Daryl *Léxico Junguiano* são Paulo: Cultrix 1993. O grifo é nosso.

SOUZA, Jonas Soares; MKINO, Miyoko (Orgs.). *Diário da Navegação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

STEIN, Murray Jung – *O Mapa da Alma* São Paulo: Cultrix, 2000.

TAUNAY, Affonso de E. *História Geral das bandeiras paulistas*, tomo undécimo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1950.

UNGER, Nancy Mangabeira *O Encantamento do Humano- Ecologia e Espiritualidade* 2a. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2000.

Van der POST, Laurens. *Jung e a história de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

VILAS BOAS, Cláudio; VILAS BOAS, Orlando. *Xingu: os índios, seus mitos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

VON FRANZ, Marie Louise *Alquimia* São Paulo: Cultrix, 1991

WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo* 4a. Ed. São Paulo: Cultrix 2000.

ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah. *Ao Encontro da Sombra*. São Paulo: Cultrix, 2001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DAS FIGURAS

Fig. 01 – Cortella, Mario Sergio *SÃO PAULO 2000* São Paulo: Imagem Data, 1999.

Fig. 02 - Cortella, Mario Sergio *SÃO PAULO 2000* São Paulo: Imagem Data, 1999.

Fig. 03 – Bacias hidrográficas. www.rededasaguas.org.br

Fig. 04 - Bacia do alto Tietê. www.rededasaguas.org.br

Fig. 05 - Carga de Canoas destinada a Cuiabá, óleo de Oscar Pereira da Silva, a partir de Hercules Florence (1826); Partida de Porto Feliz, óleo de Oscar Pereira da Silva, a partir de Adrien-Aimée Taunay; A Partida da Monção, óleo de J. F. de Almeida Júnior (1897).

Fig. 06 – Mapa de Mauro Vitor. Extraído de

_____ *O Livro do Rio Tietê* São Paulo: Estúdio Ro, 1991.

Fig. 07 – Foto montagem. Imagens: Agência Estado. www.estadao.com.br

Fig. 08 – A retificação do rio Tietê. Extraído de

_____ *O Livro do Rio Tietê* São Paulo: Estúdio Ro, 1991.

Fig. 09 – ADORNO, Vicente. *Tietê: uma promessa de futuro para as águas do passado*. São Paulo: Texto Art Gráfica e Editora Ltda., 1999.

Fig. 10 – Anhuma. Extraído de

_____ *O Livro do Rio Tietê* São Paulo: Estúdio Ro, 1991.

Fig. 11 – Montagem. Imagens em: ADORNO, Vicente. *Tietê: uma promessa de futuro para as águas do passado*. São Paulo: Texto Art Gráfica e Editora Ltda., 1999; e Del Priore, Mary. *Esquecidos por Deus*. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

Fig. 12 - Montagem. Imagens em:

_____ *O Livro do Rio Tietê* São Paulo: Estúdio Ro, 1991.

Fig. 13 - Montagem. Imagens em: ADORNO, Vicente. *Tietê: uma promessa de futuro para as águas do passado*. São Paulo: Texto Art Gráfica e Editora Ltda., 1999

Fig. 14 - Montagem. Imagens em:

<http://www.webcentral.com.brpiraporafotosaltaresolucao.htm>

Fig. 15 - Montagem. Imagens em: ADORNO, Vicente. *Tietê: uma promessa de futuro para as águas do passado*. São Paulo: Texto Art Gráfica e Editora Ltda., 1999; e Cortella, Mario Sergio *SÃO PAULO 2000* São Paulo: Imagem Data, 1999.

Fig. 16 – O ciclo hidrológico da água. <http://ga.water.usgs.gov/edu/watercycle.html>

Figs. 17 e 18 – A fita de Möbius em papel.

Fig. 19 – *Möbius Strip*. M.C. Escher catalogue. Nova Iorque: Thames & Hudson.